



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGC
LINHA DE PESQUISA: CULTURAS MIDIÁTICAS AUDIOVISUAIS

KALYNE DE SOUZA VIEIRA

**MOVIMENTO “PÕE NO RÓTULO”: NET-ATIVISMO E INTERAÇÕES NAS
REDES SOCIAIS DIGITAIS**

JOÃO PESSOA
2016

KALYNE DE SOUZA VIEIRA

**MOVIMENTO “PÔE NO RÓTULO”: NET-ATIVISMO E INTERAÇÕES NAS
REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof^o. Dr. Claudio Cardoso de Paiva

JOÃO PESSOA
2016

V658m Vieira, Kalyne de Souza.
 Movimento Põe no Rótulo: net-ativismo e interações nas
 redes sociais digitais / Kalyne de Souza Vieira.- João Pessoa,
 2016.
 164f. : il.
 Orientador: Claudio Cardoso Paiva
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA
 1. Comunicação. 2. Net-ativismo. 3. Redes sociais digitais -
 interação. 4. Põe no Rótulo.

UFPB/BC

CDU: 007(043)

KALYNE DE SOUZA VIEIRA

**MOVIMENTO “PÔE NO RÓTULO”: NET-ATIVISMO E INTERAÇÕES NAS
REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Aprovada pela Banca Examinadora em 12 de agosto de 2016.

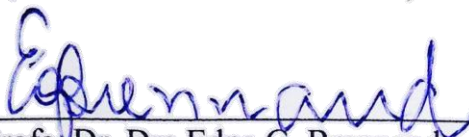
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Claudio Cardoso de Paiva
(orientador)



Prof. Dr. Marcos Nicolau
(examinador do PPGC/UFPB)



Profa. Dr. Dra. Edna G. Brennand
(examinador convidado do PPGE/UFPB)

Aos meus amados avôs, Dorinha e Neco (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram da produção desta pesquisa através das conexões experienciadas ao longo da minha existência.

À minha família pelo amor incondicional e por incentivar e apoiar meus percursos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, especialmente ao professor Cláudio Cardoso Paiva, por estimular minhas aventuras acadêmicas e por suas orientações, e ao professor Marcos Nicolau, pelos direcionamentos e discussões no Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (GMID).

Ao Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, onde cursei disciplinas e estágio docência, principalmente ao professor Massimo Di Felice, pelo acolhimento e reflexões através do Centro Internacional de Pesquisa Atopos.

Aos três professores mencionados, além da professora Edna Brennand, agradeço as importantes contribuições na minha banca de qualificação e de defesa final da dissertação.

A todos queridos amigos que ganhei nesta nova jornada acadêmica em João Pessoa e São Paulo.

Às amizades construídas durante a vida.

A todas as ações net-ativistas, especialmente ao Põe no Rótulo, por despertar a esperança de um mundo melhor.

À Capes, pelo financiamento desta pesquisa.

Para além das ideias de certo e errado, existe um campo.
Eu me encontrarei com você lá.

(Rumi, poeta sufi persa)

RESUMO

A presente pesquisa investiga a constituição do movimento net-ativista “Põe no Rótulo”, que surgiu nas redes sociais digitais em fevereiro de 2014, com objetivo de sensibilizar a sociedade para a necessidade de informações claras e precisas sobre ingredientes alergênicos nos rótulos de alimentos. O estudo tem como objetivo principal compreender o modo como as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais produziram esta ação net-ativista. A hipótese da pesquisa é que as novas tecnologias de comunicação e informação produziram uma ambiência capaz de aproximar e conectar humanos e não humanos em torno de questões comuns, fomentando e dinamizando ações que tensionam o *status quo*. Para compreender esta ambiência, optamos pelo recorte teórico que reconhece o net-ativismo na perspectiva da ação e da interação em rede. Assim, buscamos apoio na Teoria Ator-Rede, no Ato Conectivo, na Cosmopolítica, na Ecologia Política, na Transfiguração do Político, bem como nas concepções de Rede, Ecologia, Complexidade, Ciência das Redes, Redes Sociais e Redes Sociais Digitais. O estudo investiga as interações do movimento “Põe no Rótulo” na *fanpage* da ação no Facebook, no período de fevereiro de 2014 a junho de 2015. Concluímos que o Movimento “Põe no Rótulo” revela a potência do sentir e agir junto, dinamizados pela materialidade digital em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Net-ativismo. Interação. Redes Digitais. Põe no Rótulo.

ABSTRACT

This research investigates the formation of the net-activist movement "Põe no Rótulo", which appeared in digital social networks in February 2014, in order to sensitize society to the need for clear and precise information on allergenic ingredients on food labels. The study aims to understand how the interactions among subjects, technologies, territories and digital networks produced this net-activist action. The hypothesis of the research is that new communication and information technologies have produced an atmosphere able to approach and connect humans and nonhumans around common issues, promoting and stimulating actions that tensions the *status quo*. To understand this ambience, we chose the theoretical framework that recognizes the net-activism in the context of action and networked interaction. Thus, we seek support in Actor-Network Theory, in Connective Action, in Cosmopolitics, in Political Ecology, in Politician Transfiguration, as well as in the Networking, Ecology, Science Network Complexity, Social Networks and Digital Social Networks concepts. The study investigates the movement "Põe no Rótulo" interactions on the action's fanpage on Facebook, from February 2014 to June 2015. We conclude that movement "Põe no Rótulo" reveals the power of feeling and acting together, energized by networked digital materiality.

KEYWORDS: Net-activism. Interaction. Digital Networks. Põe no Rótulo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Topologias de redes elaboradas por Paul Baran	39
Figura 2 – Rede de Kircher onde o mundo subterrâneo interligado como proposta de Rede de Kircher.....	42
Figura 3 – Representação gráfica da cidade de Königsberg.....	43
Figura 4 – Primeira publicação do movimento Põe no Rótulo.....	103
Figura 5 – Publicação com maior interação nos primeiros 54 dias da campanha	113
Figura 6 – Comentários no <i>post</i> sobre o apoio de Mateus Solano ao movimento (FIG. 5) ..	113
Figura 7 – Publicação com segundo maior número de interação nos primeiros 54 dias da campanha.....	114
Figura 8 – Comentários da publicação com o <i>meme</i> sobre a campanha (FIG. 7)	114
Figura 9 – Terceira publicação com maior número de interações nos primeiros 54 dias da campanha	115
Figura 10 – Comentários do <i>post</i> com o apoio da cantora Paula Toller à campanha (FIG. 9)	115
Figura 11 – Imagem de reportagem sobre o movimento com imagens das personalidades que apoiaram à campanha	116
Figura 12 – Publicação com maior interação nos quatro primeiros meses da campanha	127
Figura 13 – Comentários da publicação da figura 12 ressaltando a importância da informação	127
Figura 14 – Publicação com segundo maior engajamento nos quatro primeiros meses da campanha.....	128
Figura 15 – Comentários da publicação da figura 14 enaltecendo aspectos físicos do ator ..	128
Figura 16 – Publicação com terceiro maior engajamento nos quatro primeiros meses da campanha.....	129
Figura 17 – Comentários da publicação da figura 16 sobre o alcance da reportagem veiculada no Jornal Hoje.....	129
Figura 18 – Publicação com maior número de engajamento da categoria 'Imprensa' nos primeiros quatro meses da campanha	134
Figura 19 – Comentários da publicação da figura 18	134
Figura 20 – Publicação com segundo maior número de interações da categoria 'Imprensa' nos primeiros quatro meses da campanha	135
Figura 21 – Comentários da publicação da figura 20 parabenizando as conquistas do movimento	135
Figura 22 – Publicação com terceiro maior número de interações da categoria 'Imprensa' nos primeiros quatro meses da campanha.....	136

Figura 23 – Comentários da publicação da figura 22 com mensagens de apoio à conquista e sugerindo que a regulamentação de rótulos para outros produtos e componentes	136
Figura 24 – Publicação da <i>fanpage</i> que indica que as coordenadoras do movimento estão debatendo a questão da rotulagem com a Anvisa	140
Figura 25 – Primeira publicação da <i>fanpage</i> que cita diretamente a Anvisa no texto do post	141
Figura 26 – Publicação com maior número de interações da categoria 'Anvisa' nos dezesseis meses pesquisados	141
Figura 27 – Comentário da figura 26 parabenizando a abertura da consulta pública sobre a regulamentação dos rótulos	142
Figura 28 – Publicação com maior número de interações no 4º quadrimestre e durante os primeiros 16 meses da campanha	144
Figura 29 – Comentários da figura 28 com mensagens de agradecimento ao movimento ...	145
Figura 30 – Publicação com segundo maior número de interações no 4º quadrimestre e durante os primeiros 16 meses da campanha	145
Figura 31 – Comentários da figura 30 com mensagens de agradecimento ao movimento ...	146
Figura 32 – Publicação com terceiro maior número de interações no 4º quadrimestre e durante os primeiros 16 meses da campanha	146
Figura 33 – Comentários da figura 32 durante a exibição do programa na televisão	147
Figura 34 – <i>Post</i> de alerta sobre os riscos para saúde da mamadeira oferecida nos berçários das maternidades	150
Figura 35 – Publicação de alerta sobre a modificação de rótulo de um creme vegetal	151
Figura 36 – Comentários da publicação da Figura 35	152
Figura 37 – Publicação de alerta sobre o risco de traços de leite em fermento sem indicar a marca do produto	157

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Grafo da <i>fanpage</i> entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014	118
Mapa 2 – Grafo da <i>fanpage</i> entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014	119
Mapa 3 – Grafo dos dez <i>post</i> com maior número de interações entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014	120
Mapa 4 – Grafo dos <i>posts</i> da categoria ‘Personalidade’ entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014.	120
Mapa 5 – Grafo da <i>fanpage</i> entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 20 de junho de 2014....	130
Mapa 6 – Grafo com as 10 publicações com maior número de interações entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 20 de junho de 2014.....	131
Mapa 7 – Rede em torno dos dez <i>posts</i> com maior número de interação no primeiro quadrimestre da campanha	139
Mapa 8– Grafo da <i>fanpage</i> entre os dias 20 de fevereiro de 2015 e 24 de junho de 2015.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias temáticas dos posts publicados na fanpage.....	110
Tabela 2 – Quantidade de posts da categoria Imprensa nos primeiros quatro meses da campanha.....	132
Tabela 3 – Dez publicações com maior número de interações da categoria ‘Imprensa’ nos primeiros quatro meses da campanha.....	138
Tabela 4 – Usuárias que s mais comentaram na fanpage do Põe no Rótulo entre 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015.....	149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de publicações na fanpage Põe no Rótulo entre 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015	107
Gráfico 2 – Número de curtidas na fanpage Põe no Rótulo entre 20 de fevereiro de 2014 a 24 de junho de 2015	109
Gráfico 3 – Percentual de posts por macro categoria temática.....	111
Gráfico 4 – Número de posts nas categorias ‘Imprensa’ e ‘Personalidade’ durante o período de 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015.....	122
Gráfico 5 – Número de interações nas categorias ‘Imprensa’ e ‘Personalidade’ durante o período de 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015.....	122
Gráfico 6 – Número de médio de interações nas categorias ‘Imprensa’ e ‘Personalidade’ durante o período de 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015.....	123
Gráfico 7 – Número de interação média nas dez categorias temáticas entre os dias 02 de fevereiro de 2014 a 14 de abril de 2014	124
Gráfico 8 – Número de post da categoria ‘Anvisa’ durante os primeiros 16 meses da campanha.....	143
Gráfico 9 – Número de interações na fanpage durante os primeiros 16 meses da campanha	143

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

Anvisa	Agência de Vigilância Sanitária
API	Application Programming Interface
ARPA	Advanced Research Projects Agency
ARS	Análise de Redes Sociais
CDC	Código de Defesa do Consumidor
CONSENSO	Consenso Brasileiro sobre Alergia Alimentar
GDF	Geographi Data File
GMID	Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas
SAC	Serviço de Atendimento ao Consumidor
TAR	Teoria Ator-Rede
TSV	Tab Separated Values

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. DA ESCRITA ÀS REDES DIGITAIS: AS INTERAÇÕES EM REDE	24
2.1 As revoluções comunicativas	24
2.1.1 Escrita	25
2.1.2 Imprensa	26
2.1.3 Eletricidade	28
2.1.4 Digitalização	30
2.2. Interações em rede	33
2.2.1 Perspectiva ecológica das redes	33
2.2.2 Redes e Ciências das Redes	37
2.2.2.1 Redes Ecológicas.....	38
2.2.2.2 Redes de Paul Baran.....	39
2.2.2.3 Ciência das Redes.....	41
2.2.2.3.1 Redes Aleatórias/Randômicas/igualitárias	43
2.2.2.3.2 Redes mundos pequenos.....	45
2.2.2.3.3.Redes sem escala	47
2.2.2.4 Redes Sociais Digitais	50
2.2.2.4.1 Redes Sociais.....	50
2.2.2.4.2 Redes Sociais Digitais	52
3. DO ATIVISMO AO NET-ATIVISMO: AS NUANCES DA AÇÃO NAS REDES DIGITAIS	60
3.1 Ativismo	60
3.2 Ação Social e Ação em Rede	64
3.2.1 Três Pilares da Sociologia	64
3.2.2 Teoria da Ação Social Transitiva	70
3.2.3 Teoria da Ação Social Exotópica	74
3.2.4 Teoria da Ação em Rede	79
3.2.5 Ato Conectivo	89
3.2.6 Cosmopolítica, Ecologia Política e Transfiguração do Político	92
4. NET-ATIVISMO E O MOVIMENTO “PÔE NO RÓTULO”	97
4.1 Metodologia da Pesquisa	97

4.2 Análise da Ação Net-Ativista “Põe no Rótulo”	101
4.2.1 Contextualizando o movimento Põe no Rótulo	101
4.2.2 Diferenças entre página e grupos no Facebook	104
4.2.3 Captura dos Dados: Netviszz.....	105
4.2.4 Põe no Rótulo e a ação em rede.....	107
4.2.4.1 Primeiros dias da ação	111
4.2.4.2 Primeiro quadrimestre da ação	125
4.2.4.3 Quarto quadrimestre da ação	143
4.2.4.4 Comentários.....	148
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investigou a constituição do movimento net-ativista “Põe no Rótulo”, que surgiu nas redes sociais digitais em fevereiro de 2014, com o objetivo de sensibilizar a sociedade para a necessidade de informações claras e precisas sobre ingredientes alergênicos nos rótulos de produtos industrializados. Este tipo de ação ganhou contornos mais precisos com o advento das recentes tecnologias de comunicação e de informação, e conquista força e visibilidade a partir das interações em rede. Entende-se que o net-ativismo revela a potência da interação no âmbito do sentir comum no ecossistema comunicativo digital, traduzindo as novas formas de socialização contemporânea.

O interesse pelo tema de estudo surgiu da vivência acadêmica da pesquisadora, especialmente no curso de especialização sobre mídias digitais, e da experiência profissional nos últimos 10 anos, atrelada ao universo das tecnologias de comunicação e das redes sociais digitais. Durante o curso de mestrado foi possível aprofundar as discussões sobre o tema do net-ativismo e traçar alguns caminhos para contornar o objeto de estudo através da participação no Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (GMID) da UFPB, coordenado pelo professor Marcos Nicolau e por ocasião de intercâmbio acadêmico, no Centro de Pesquisa Atopos, da USP, coordenado pelo professor Massimo Di Felice, em dois grupos de pesquisa: Redes Digitais e Net-Ativismo.

O recorte deste estudo incide sobre as interações do movimento “Põe no Rótulo” na rede social digital do Facebook, no período de fevereiro de 2014 a junho de 2015. A proposta foi observar as interações na órbita do fenômeno e, assim, compreender os processos interacionais envolvidos nesta ação net-ativista. O movimento emergiu de grupos de discussão sobre alergia alimentar no Facebook e reúne atores diversos em prol de um interesse compartilhado: informações claras e precisas nos rótulos de alimentos.

A ação é decorrente das interações e associações estabelecidas por cerca de 600 mães nas redes sociais digitais¹ que, indignadas com a dificuldade de obter informações sobre a composição de alimentos para oferecer aos seus filhos alérgicos, iniciam um movimento nas redes sociais digitais de sensibilização da sociedade civil em torno da questão da rotulação. Na noite do dia 17 de fevereiro de 2014 é feita a primeira postagem pública do movimento

¹ Informação divulgada pelo movimento no dia 23/02/2014, através do perfil do Instagram do grupo. Disponível em: <https://instagram.com/p/kxuKyYGZ0p/?taken-by=poenorotulo>. Acesso: 20 jun. 2015.

Põe no Rótulo. Como explica Maria Cecilia e Ana Melo², coordenadoras movimento, essa postagem sensibilizou rapidamente diversas pessoas que passaram a compartilhar a informação através do Facebook. Em apenas um dia, foi possível contabilizar mais de mil compartilhamentos e postagens com a hashtag #poenorotulo.

A rápida repercussão da postagem levou o grupo de mães a criar diversos canais nas redes sociais digitais. A *fanpage* no Facebook foi lançada no dia 20 de fevereiro de 2014 e contou com cerca de mil curtidas no primeiro dia³. Canais no Twitter e Instagram também foram criados no período, mas a *fanpage* é o canal oficial do movimento para impulsionar a ação. Todo o sentimento compartilhado pelo grupo transformou-se em potência de ação. A habilidade de cada integrante foi utilizada para dinamizar o movimento e uma rede de relações foi acionada para expandir a campanha. Em menos de 10 dias, a *fanpage* do grupo já contava com 10 mil fãs. A campanha ganhou as redes digitais e grande cobertura na mídia de massa. Em junho de 2015, como consequência da campanha, a Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou a regulamentação da rotulagem de alergênicos. As empresas tiveram um ano para adequar os rótulos dos alimentos com informações sobre os alergênicos utilizados na fabricação do produto, assim como os traços oriundos de contaminação cruzada.

As redes e comunidades digitais constituem a essência do ciberespaço, mas é com o advento da web 2.0 que todo o potencial de interação e colaboração ganha fôlego. Dados da pesquisa TIC Domicílios 2013⁴ revelam que 93% da população brasileira acessam frequentemente a internet, sendo 71% diariamente e 22% pelo menos uma vez por semana. Do total de usuários, 77% participam de redes sociais digitais. O IBOPE Mídia 2010⁵ também trouxe dados relevantes. De acordo com a pesquisa, o Orkut foi a primeira rede social de 82% dos usuários da internet no Brasil. Este cenário demonstra a relevância das redes sociais digitais para a sociedade brasileira. No caso específico de estudo, se antes as mães inexperientes recorriam às suas mães, avós, amigas e profissionais da saúde para lidar com situações novas e imprevistas da maternidade, o século XXI chegou promovendo uma grande ruptura nos modos de interação e socialização. As redes sociais digitais eliminaram a barreira do espaço e tempo, permitindo a interação entre pessoas distantes. No Brasil, no que diz respeito às comunidades digitais sobre alergia alimentar, percebe-se como as plataformas de

² Informação divulgada através de entrevista ao programa Co.Mo.Ver. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NEhuVst25a4>. Acesso em: 17 jun. 2015.

³ Informação divulgada no perfil do Instagram do movimento. Disponível em: <https://instagram.com/p/kyIkUVGZ5k/?taken-by=poenorotulo>. Acesso em: 17 jun. 2015.

⁴ Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 20 jun. 2015.

⁵ Disponível em: http://www4.ibopecom.br/download/Redes_Sociais.pdf. Acesso em: 20. jun. 2015.

redes sociais, a exemplo do Orkut, proporcionaram uma ambiência de interação e colaboração para os participantes. Lá surgiram as primeiras redes de mães e pais com filhos alérgicos⁶.

Estas comunidades reuniam pessoas em torno de interesses e sentimentos em comum que provavelmente nunca trocariam experiências sem as redes sociais digitais. Os benefícios produzidos por estas associações são concretas, desde formas de superação dos problemas relacionados às alergias, até as trocas emocionais e gestos de solidariedade entre pessoas que nunca se viram ou se conheceram presencialmente, como relata Andréa Cristina Siqueira em entrevista ao jornal Tribuna do Planalto. Mãe de uma criança com alergia alimentar, Cristina afirma que, através das comunidades digitais do Orkut, conheceu pessoas que ofereceram o maior conforto durante momentos difíceis. “Elas mudaram a minha história como mãe e da minha filha, seja com doações ou uma palavra de conforto. São pessoas que nunca vi na vida, mas que compartilham as mesmas histórias e os mesmos sentimentos que eu”⁷.

A problemática da alergia alimentar atinge de 6% a 8% das crianças com até cinco anos de idade em todo mundo (MAYO CLINIC apud CHADDAD, 2013). Dados divulgados pelo Consenso Brasileiro sobre Alergia Alimentar (CONSENSO⁸), em 2007, revelam que 6% das crianças menores de três anos são alérgicas. Nos adultos, o índice chega a 3,5%. Os dados tornam-se ainda mais preocupantes quando comparados a períodos anteriores. Em apenas uma década, o número de adultos com alergia alimentar aumentou 100%⁹. No Brasil, esse universo corresponde a algo em torno de sete milhões de pessoas¹⁰. O único tratamento indicado para as alergias alimentares é a restrição absoluta do alimento alergênico (CONSENSO, 2007). Assim, para estabelecer uma dieta adequada, é preciso tomar conhecimento sobre a composição dos produtos industrializados.

O direito ao acesso a informação está prevista na Constituição Brasileira de 1988, mas é negligenciada de inúmeras formas. O Código de Defesa do Consumidor (CDC)¹¹, sob a Lei

⁶ O Orkut foi extinto em setembro de 2014. O Google criou um museu de comunidades que, de acordo com o enciclopédia colaborativa Wikipedia, “reúne mais de 1 bilhão de mensagens trocadas em 120 milhões de tópicos de discussão de cerca de 51 milhões de comunidades.” É possível localizar comunidades pelo índice disponível no site ou através da busca avançada em ferramentas de pesquisa. O museu de comunidades pode ser acessado através do link: <https://orkut.google.com/>. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut> Acesso em: 10 jul. 2015.

⁷ Trecho de entrevista concedida ao jornal Tribuna do Planalto, publicada no dia 07 de maio de 2012. Disponível em: http://tribunadoplanalto.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=11976:fios-maternos-tecem-redes-sociais&catid=64:comunidades&Itemid=6. Acesso: 11 jun. 2015.

⁸ Disponível em: <http://www.abran.org.br/images/novembro2010/consensoalergia.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

⁹ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/08/04/alergias-perturbam-o-humor/> Acesso em: 10 mai. 2015

¹⁰ Estimamos este número com base no censo populacional do IBGE (2014). Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2014/estimativa_dou_2014.pdf Acesso: 30 jun. 2015

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8078.htm. Acesso: 30 jun. 2015

Federal n. 8.078/90, apresenta nove direitos básicos do consumidor, entre eles está o inciso III, do artigo 6º, que assegura a “informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem”. Na tese de doutorado sobre direito à informação e alergia alimentar, Cecília Chaddad (2013), mãe de uma criança com alergia alimentar e coordenadora do movimento Põe no Rótulo, sustenta que o respeito aos direitos do consumidor, bem como ao controle de qualidade dos produtos e serviços, são imprescindíveis para a saúde da população alérgica.

Apesar de os alérgicos formarem um grupo de minorias, é fácil reconhecer que, em números absolutos, eles representam uma parcela significativa da população. No entanto, dispersos e desconectados, os alérgicos e seus familiares têm dificuldades de serem ouvidos e fazer valer seus direitos. No entanto, percebe-se que a partir do ecossistema comunicativo digital torna-se possível a conexão de vozes em torno desta problemática. Nesta perspectiva, as redes sociais digitais fomentam uma ambiência capaz de conectar e envolver atores em torno de um interesse comum, precipitando interações e ações oriundas destas associações.

A partir dessas aproximações iniciais como o objeto de estudo, surgiram as primeiras indagações: Como compreender o fenômeno do net-ativismo numa pesquisa de mestrado no campo da comunicação? Qual o papel das novas tecnologias de comunicação neste cenário? Como são produzidas as ações e as interações em rede? Para elucidar estas questões, o estudo tem como objetivo principal compreender o modo como as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais produziram a ação net-ativista do movimento “Põe no Rótulo”. A pesquisa tem como objetivos específicos: (1) compreender como o ecossistema comunicativo digital atualiza as modalidades de ação e interação e impulsiona novos arranjos sociais não mais aprisionados no humano e na percepção ocidental de sociedade, de política e de cultura, assim como (2) observar e descrever o social envolvido na ação net-ativista analisada e (3) identificar e analisar as principais características das interações e ações net-ativistas do movimento.

A hipótese da pesquisa é que as novas tecnologias de comunicação e informação produziram uma ambiência capaz de aproximar e conectar humanos e não humanos em torno de questões comuns, fomentando e dinamizando ações que tensionam o *status quo*. Este quadro ganhou impulso com o desenvolvimento da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), das novas tecnologias de comunicação e informação (HARDT; NEGRI, 2014; MAFFESOLI, 2005), da cibercultura (LEVY, 1999), da cultura da participação (SHIRKY, 2011) e do advento das redes sociais digitais (DI FELICE, 2013b), produzindo novas formas de

conflitualidade (DI FELICE, 2013a; HARDT; NEGRI, 2014) e participação, a partir da interação entre diversos actantes (LATOUR, 2012). Ou seja, o avanço tecnológico fez emergir novas possibilidades de conexões e associações que provocaram mudanças na ação e na interação. Neste cenário, a potência de segmentos minoritários é drasticamente ampliada e novas tribos são constituídas (MAFFESOLI, 2005). Dessa forma, a ação net-ativista seria resultado das interações provocadas por esta sinergia, abrindo perspectivas para a ecologia política, a cosmopolítica e a emoção comum. Nesta visão, o ambiente da internet e das redes sociais propicia uma estética da emoção que arrebatou os espíritos conectados, e isto ocorre na direção do entretenimento, lazer e consumo, assim como na direção do pensamento crítico e da contestação, incluindo as inúmeras formas de ativismo.

O net-ativismo pode ser investigado a partir de diversos matizes epistemológicos e vários campos do conhecimento. Neste estudo, o fenômeno é observado e analisado como efeito da dinâmica da ação e interação entre diversos actantes¹² em rede. A investigação busca apoio nas formulações conceituais de net-ativismo propostas pelo sociólogo Massimo Di Felice. Logo, as contribuições da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012;), do Ato Conectivo (DI FELICE, 2012, 2013a, 2014), da Cosmopolítica (STENGERS, 2010), da Ecologia Política (LATOUR, 2004) e da Transfiguração do Político (MAFFESOLI, 2005) são úteis para compreender o fenômeno. Aqui, dois campos do saber – ciências da comunicação e ciências sociais – dialogam para produzir reflexões sobre o fenômeno do net-ativismo através de um aporte teórico transdisciplinar que aglutina tecnologias comunicativas, cibercultura, cultura da participação e ação em rede.

O advento da web 2.0, na primeira metade dos anos 2000, foi um grande marco. O potencial de comunicação e ação em rede foi exponencialmente ampliado. Uma explosão de blogs e fotologs surgiram neste período, além de comunidades, fóruns de discussão e perfis em redes sociais. Neste contexto, a possibilidade da comunicação horizontal e distribuída tornou-se realidade. No Brasil, o Orkut virou febre, conquistando o maior número de usuários em todo o mundo¹³. A rede social permitiu reencontros com amigos do passado, o estreitamento de relações com aqueles já próximos e novos encontros. As comunidades digitais tornam-se ambientes de aproximação e debates em torno de interesses em comum. A

¹² Conceito recuperado por Bruno Latour para se referir às diversas entidades humanas e não humanas (artefatos, tecnologias, biodiversidade, instituições, territórios, etc.) que agem durante uma ação. É utilizado como sinônimo de ator.

¹³ O número de brasileiros na rede social alcançou o patamar de 70% de todos os usuários em todo mundo. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/tecnologia/2014/08/22/interna_tecnologia,524672/o-orkut-sai-do-ar-em-setembro-relembra-as-principais-caracteristicas-da-rede-social.shtml Acesso em: 03 mai. 2015.

participação ocorria de várias formas, passando pelo simples acompanhamento das discussões ao engajamento mais ativo nas comunidades, através do fomento de discussões, encontros e ações.

Este período inaugurou novas formas de sociabilidade, comunicação e ação. A digitalização das memórias, interesses e sentimentos dos sujeitos, assim como da biodiversidade, territórios, instituições, desenvolveu um tipo de inteligência coletiva que conectou todos em um espaço desterritorializado (DI FELICE, 2013a). Tudo ganha uma forma digital, que não substitui nem elimina a forma material, mas que habita concomitantemente tudo que existe. Esta nova maneira de ser e estar no mundo traz à tona novos arranjos sociais, econômicos, culturais. Neste contexto surge, entre outros fenômenos, a perspectiva de net-ativismo observada neste estudo.

A compreensão da ação em redes digitais constitui um desafio enfrentado por diversos estudiosos empenhados em decifrar a sua significação. No âmbito da cibercultura, esta matéria é atravessada por novas configurações e complexidades. A experiência do ativismo em rede tem gerado uma malha de conceitos e noções que buscam explicar as formas recentes do ciberativismo, net-ativismo, ativismo digital, movimentos sociais em rede. O campo é particularmente novo e conquista notoriedade na década de 1990, a partir de dois grandes acontecimentos de repercussão mundial: o movimento zapatista, em 1994, e a Batalha de Seattle, em 1999. No México, o movimento zapatista fez amplo uso dos recursos oferecidos por correio eletrônico e fóruns de discussão para canalizar os protestos e reivindicações, chamando a atenção da mídia, organizações não-governamentais e segmentos da sociedade civil para crise enfrentada pelos camponeses – a grande maioria indígena – na luta pelo direito à posse de suas terras. Já em Seattle (EUA), a onda de protestos durante a reunião da Organização Mundial do Comércio é marco do videoativismo na web. A Batalha de Seattle ganhou visibilidade mundial com a disseminação de vídeos na internet. Elaborados por manifestantes, estes registros confrontavam a cobertura da mídia tradicional, enaltecendo vozes e discursos cerceados pela grande imprensa (NEVES, 2010).

Esse cenário estava apenas delineando as perspectivas do net-ativismo. O início do século XXI traz novos rumos para a ação em rede. O período corresponde ao surgimento da web 2.0, das redes sociais digitais e dos dispositivos móveis. Segundo Di Felice (2013a), as novas tecnologias de software e hardware, bem como as redes sociais, provocaram mudanças na conflitualidade informativa-mediática que passaram para formas reticulares autônomas e colaborativas de ativismo. Uma ação que supera a perspectiva antropocêntrica (em que o homem ocupa uma posição hegemônica no reino da natureza) e abre caminhos para que os

actantes, as tecnologias subjetivas, a internet das coisas, a comunicação dos objetos e o meio ambiente atuam em conjunto.

Em todo o mundo, é possível acompanhar a eclosão de mobilizações e protestos que ganham força e potência através das interações estabelecidas a partir das tecnologias de comunicação e informação. A Primavera Árabe, o Movimento dos Indignados, o Occupy Wall Street, as Jornadas de Junho, #OcupeEstelita, #JeSuisCharlie, etc., são marcos do potencial de interação e de ação afirmativa da sociedade a partir das redes sociais.

Este fenômeno transfigurou a concepção de clássica da mídia, colocando em xeque os imperativos dos meios massivos. A comunicação em rede tem uma natureza diferente, ocorre no âmbito de um ecossistema reticular que exige novas reflexões teóricas. Tem curso, assim, um novo aporte epistemológico que busca superar a percepção antropocêntrica da sociedade, reconhecendo a complexidade da ação em rede. Convém aceitar o processo de transformação em andamento. É preciso então considerar os novos caminhos que o net-ativismo propõe, questionando velhos e novos paradigmas, despindo-se de preconceitos e, com olhar crítico, observar os rumos que a ação e a interação em rede podem levar.

O movimento “Põe no Rótulo” representa a potência das interações produzidas em torno de sentimentos em comum nas redes sociais digitais. Este caso revela uma ação net-ativista que foi produzida em rede e nas redes. Seria arbitrário determinar seu início e fim. Afinal, é possível reconhecer que seus rastros antecedem a postagem da hashtag #poenorotulo. No entanto, faz-se necessário propor um recorte que ajude a compreender o fenômeno dentro das limitações de espaço e tempo desta pesquisa. Assim, este estudo investiga as interações do movimento “Põe no Rótulo” no Facebook, no período de fevereiro de 2014 a junho de 2015.

A complexidade da ação net-ativista exige uma metodologia de pesquisa capaz de considerar o dinamismo do fenômeno. Percorremos caminhos que conciliaram o aporte teórico a métodos de pesquisa mistos, envolvendo análise quantitativa dos dados, análise de redes sociais e manipulação de software, para compreender o modo como as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais produziram a ação net-ativista do movimento “Põe no Rótulo”. Para tanto, recorremos aos métodos de pesquisa sugeridos por Rieder (2013), Rieder *et al* (2015) e Gerbaudo (2016) para análise de ações net-ativistas no Facebook.

Para Rieder (2013), a ambiência do Facebook é um campo de pesquisa sobre a sociedade. Afinal, a rede social digital é celeiro da produção cotidiana de informação e de comportamentos, reunindo um imenso universo de dados sobre o que fazemos, pensamos e

sentimos. Enquanto espaço fértil para pesquisa, o grande desafio é acessar e manipular estes dados. A tarefa exige o apoio de ferramentas capazes de capturar informações e torná-las acessíveis aos pesquisadores. Assim, utilizando o aplicativo Netvizz, capturamos dados em grande escala no Facebook e desenvolvemos nossa análise sobre o movimento net-ativista Põe no Rótulo através das abordagens relacional e analítica. Coletamos os dados da *fanpage* do movimento no período de 20 de fevereiro de 2014 a 24 de junho de 2015 e, a partir da observação dos dados, buscamos compreender o fenômeno e a dinâmica interacional que precipitou e percorreu a ação net-ativista. É importante ressaltar que foi analisado apenas um dos retratos da rede em torno do movimento: a *fanpage* do Põe no Rótulo, nos primeiros dezesseis meses da campanha. Assim, assumimos de antemão um dos limites das pesquisas nas redes sociais digitais: é impossível observar a rede e toda sua complexidade.

Esta dissertação está dividida em três partes que buscam fornecer um quadro para compreensão das ações net-ativista. O primeiro capítulo traz um breve resgate das transformações comunicativas ao longo da história para refletir sobre o papel das tecnologias comunicativas no desenvolvimento da sociedade. Com enfoque na contemporaneidade, aprofundamos as discussões sobre como as tecnologias da comunicação e os novos modos de interação contribuíram para advento da sociedade em rede, da cibercultura, da cultura da participação e do net-ativismo.

O segundo capítulo resgata conceitos sociológicos sobre a ação social e a ação em rede. O percurso teórico acompanha a categorização das teorias da ação propostas por Di Felice, Torres e Yanaze (2012) – transitiva, exotópica e ação em rede – para refletir sobre a ação net-ativista. Aqui, além das teorias da ação social clássica, são apresentadas as formulações da Teoria Ator-Rede, do Ato Conectivo, da Cosmopolítica, da Ecologia Política e da Transfiguração do Político.

Na terceira parte, o estudo de caso sobre o movimento “Põe no Rótulo” é analisado. Neste capítulo, são descritos os aspectos metodológicos para realização da pesquisa empírica. Em seguida, os dados obtidos através da observação da *fanpage* serão apresentados. A partir das informações reveladas, é estabelecido um diálogo entre a pesquisa teórica e a pesquisa empírica com objetivo de entender se os pressupostos básicos da perspectiva de net-ativismo em discussão são encontrados no fenômeno analisado. O objetivo é compreender como o ecossistema comunicativo das redes digitais atualiza as modalidades ação social e fomenta o net-ativismo ao promover novos modos de interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes.

2. DA ESCRITA ÀS REDES DIGITAIS: AS INTERAÇÕES EM REDE

2.1 As revoluções comunicativas

A compreensão da ecologia comunicativa digital traz à tona a necessidade de resgatar os processos comunicativos que marcaram a história humana na tentativa de desvelar alguns percursos que culminaram na complexidade comunicativa experienciada na atualidade. Nossa proposta é percorrer as revoluções comunicativas¹⁴ produzidas com o advento da escrita, da imprensa, da eletricidade e da digitalização para, desse modo, reconhecer como as revoluções tecnológicas e comunicativas repercutiram e ainda repercutem na vida em sociedade.

As revoluções tecnológicas trouxeram avanços incontestáveis para a comunicação. Apesar das intensas mudanças nas últimas décadas, a evolução dos processos técnicos confunde-se com a origem do próprio homem. Desde os primórdios, nossos ancestrais perceberam que o desenvolvimento da técnica podia aprimorar a relação do homem com seu meio (LEMOS, 2010). A produção de instrumentos e de artefatos proporcionou uma nova forma de interagir com o meio ambiente. Com o passar do tempo, a técnica e a tecnologia tornaram-se extensão do homem (McLUHAN, 1964). No entanto, estabeleceu-se uma relação dialógica. O homem tanto produz e altera a tecnologia (ou técnica) como a própria tecnologia altera o do homem.

Ao explorar os marcos comunicativos, não pretendemos apresentar um resgate histórico e preciso das tecnologias de comunicação. Desejamos, sim, oferecer um pequeno panorama de como o advento de diferentes formas de comunicação impulsionou novos modos de interação e de socialização, sem, contudo, extinguir ou superar os processos comunicativos já estabelecidos. Para tanto, é preciso refutar a perspectiva linear e adotar o ponto de vista complexo (DI FELICE, 2008; LEMOS, 2010). Esta postura busca driblar o risco de realizar uma observação reducionista e simplificante dos processos comunicativos e de sua reverberação. De antemão, assume-se que as tecnologias de comunicação não determinam a vida em sociedade, nem tem o poder de isoladamente provocar efeitos e mudanças sociais. Há uma série de fatores envolvidos – econômicos, sociais, políticos, culturais, geográficos, estruturais, tecnológicos, cognitivos, sociais, etc. – que se associam e interferem no curso da

¹⁴ O percurso adotado para observação das revoluções comunicativas busca referências no panorama apresentado por DI FELICE (2008) que, apoiado nas análises de Massimo Baldini, resgata os principais marcos comunicacionais.

vida social. Mas, para este estudo, buscaremos compreender o papel das tecnologias comunicativas nos modos de interação ao longo da história.

2.1.1 Escrita

A comunicação escrita impulsionou mudanças significativas nas narrativas humanas. Enquanto na oralidade a construção social e cultural está extremamente vinculada às lembranças dos indivíduos, com o advento da escrita, a memória humana é externalizada. No livro *As Tecnologias da Inteligência*, Pierre Lévy (1993) explica que, nas sociedades orais primárias, a inteligência está ligada à memória, à repetição e ao devir. Com o surgimento da escrita, o conhecimento passa a ser materializado e desvinculado do homem, tornando possível a superação de alguns limites do espaço e do tempo. Até então, com a transmissão oral, homem, conhecimento, espaço e tempo estavam imbricados. Com a escrita, a palavra ganha autonomia do homem. Pela primeira vez, há a separação entre o discurso, o seu momento de concepção e o sujeito.

Esta observação também é realizada por Walter Ong, discípulo e aluno de Marshall McLuhan. Para Ong, conforme explicam Briggs e Burke (2004), a escrita permitiu a “descontextualização de ideias”. Em outras palavras, uma vez escritos, os pensamentos ganham novos espaços de difusão e de discussão que não mais exigem a presença do homem para sustentá-los. A análise encontra ressonância nas observações do pesquisador canadense Derrick Kerckhove (2009). Para o autor, a escrita tornou possível a conservação da linguagem oral, libertando o enunciado do seu contexto de produção e, conseqüentemente, permitindo sua manipulação. Kerckhove atribui à escrita o papel de “amplificador da inteligência”. Assim, quando o homem passa a armazenar sua memória num dispositivo externo ao corpo, abre-se um espaço para que ele se dedique à inovação, impulsionando o desenvolvimento cultural.

Uma das primeiras consequências da leitura grega foi a introdução de um conceito sócio-político radicalmente novo - a democracia. (...) É preciso perceber como a inteligência humana, daí em diante gerida numa base coletiva, se tornou de repente disponível para uso pessoal, a partir do uso do alfabeto grego. (KERCKHOVE, 2009, p. 215)

Na medida em que a linguagem é compreendida como tecnologia e inteligência (MCLUHAN, 1977; LÉVY, 1993; KERCKHOVE, 2009), reconhece-se que as alterações nos processos de interação provocam mudanças significativas no próprio ser humano. Para McLuhan, quando uma nova tecnologia estende os “sentidos em sua ação exterior no mundo

social, provoca, pelo seu próprio efeito, um novo relacionamento entre todos os nossos sentidos na cultura particular assim afetada” (MCLUHAN, 1977, p. 70-71). Apoiado nos estudos de J. C. Carothers, McLuhan enfatiza que a escrita fonética provocou uma ruptura no homem, produzindo um indivíduo dividido, destribalizado. Isto porque a escrita permitiu que pensamento e ação pudessem ser dissociados da conduta humana. Vinícius Andrade Pereira, pesquisador brasileiro da obra do canadense, ressalta que a questão da memória e da consciência são temas caros para McLuhan. A consciência é reconhecida a partir da noção de identidade. Como explica Pereira (2011, p. 120), “McLuhan irá falar dessa experiência do comparecimento da consciência na forma de um *eu* somente quando a escrita emerge funcionando como memória.” Esta perspectiva coloca no advento da escrita fonética a possibilidade de “reordenação das subjetividades” e da constituição de uma consciência.

Para Lévy (1993), a escrita foi fundamental para o desenvolvimento da racionalidade, pois, ao separar homem e pensamento, transformou o conhecimento em objeto de análise. Tal compreensão não busca atribuir à tecnologia da escrita o papel de gestar o modo de pensamento racional, mas sim reconhecer sua fundamental contribuição no processo de desenvolvimento da racionalidade.

2.1.2 Imprensa

A escritura ganha grande impulso com o surgimento dos tipos móveis no renascimento. Se antes os manuscritos garantiram a produção do saber letrado, é com a tecnologia desenvolvida por Johannes Gutenberg que um novo salto é dado na história da comunicação. O mundo ganhou nova dinâmica rumo ao processo de racionalização que caracteriza a era moderna (THOMPSON, 2011). A partir da publicação e da reprodução de inúmeros livros, o conhecimento conquista espaços até então restritos a grupos de poder como igreja e Estado. A difusão de informação ganhou potência, impulsionando o surgimento de novas formas de comunicação e expandindo os sistemas de conhecimento.

A prensa de Gutenberg tornou-se a invenção do século XV – ao lado da bússola e da pólvora – graças ao desenvolvimento do alfabeto fonético, da escrita e do papel. Como nos lembra Santaella (2013a), apesar de o papel ter origem nos anos de 2.500, no Egito, só no século XII que atributos importantes como resistência e porosidade são adquiridos. Estas qualidades garantiram que o papel se tornasse um forte aliado na produção de livros impressos. No entanto, mesmo reconhecendo a importância do papel para impressão, McLuhan (1977) destaca o alfabeto fonético e a escrita como os principais precursores da

prensa de Gutenberg. O argumento é justificado quando se compara o impacto produzido pela impressão desenvolvida na China e no Japão, já no século XI, com a prensa de Gutenberg. A escrita ideogrâmica, composta de milhares de ideogramas, reduziu o alcance dos tipos móveis chineses, ao passo que a prensa de Gutenberg, desenvolvida para escrita fonética, com cerca de 20 a 30 letras, ganhou fôlego e impulso desde os primeiros experimentos (MCLUHAN, 1977; BRIGGS, BURKE, 2004).

Se para McLuhan a tecnologia da impressão é, de algum modo, resultado das tecnologias do alfabeto e da escrita, seus efeitos não são meras consequências deste processo. O canadense acredita que “a diferença entre o homem da palavra impressa e o da palavra manuscrita é quase tão grande quanto a que existe entre o não-alfabetizado e o alfabetizado” (MCLUHAN, 1977, p. 133). Para o autor, a prensa impulsionou avanços sociais e pessoais ímpares e irredutíveis. Nasce o homem tipográfico. Entre algumas repercussões da prensa observadas por McLuhan (1977), destacam-se: (1) a perda da autoridade do orador; (2) a dissociação da palavra com o som; (3) a fixação de pontos de vistas; (4) a homogeneização de homens e materiais; (5) as novas relações de autor para autor e autor para leitor; (6) a abertura a era da máquina; (7) a sistematização e segmentação das funções e ações; (8) alterações intersensoriais do homem, como o individualismo e o inconsciente.

Para McLuhan, tais reverberações podem ser explicadas quando se compreende a tipografia como recurso natural e não somente como tecnologia. Na perspectiva do autor, “qualquer bem de produção, modela as relações intersensoriais do indivíduo, bem como os padrões de interdependência comunal, ou coletiva”. (MCLUHAN, 1977, p. 227). Por esta ótica, a palavra impressa alterou o modo de interação entre os indivíduos, transformando diálogo em produto.

A palavra impressa criou a economia de mercado e o sistema de preços. Pois enquanto as mercadorias não fossem uniformemente idênticas, o preço de qualquer artigo estaria sujeito a regateio e ajuste. (...) A palavra impressa era, ela própria, artigo de consumo, novo recurso natural, o qual nos iria mostrar como manipular todas as outras espécies de recursos, inclusive nos mesmos. (MCLUHAN, 1977, p. 227)

Assim, o homem tipográfico surge das alterações perceptivas e cognitivas engendradas pela tecnologia da impressão e por toda cadeia fomentada por ela. Nasce o homem isolado, individualista, especialista e nacionalista. O sociólogo Pierre Lévy elaborou reflexões que encontram eco nas formulações de McLuhan. Para Lévy (1993), a impressão isolou o indivíduo ao alterar seu modo de comunicação. A leitura silenciosa afastou o homem da troca de saber através de corpos e sons, tornando-o autossuficiente. Esta postura gerou repercussões

profundas na política, na ciência e na filosofia. Isto porque, ao produzir alterações cognitivas, a impressão inaugurou uma nova forma de olhar e conceber o meio. Eis que surge o homem moderno para quem a racionalidade e progresso tornaram-se palavras de ordem.

Os historiadores Briggs e Burke (2004) são mais cautelosos ao analisar o papel da impressão gráfica. Os autores questionam inicialmente a ideia proposta por vários autores, a exemplo de McLuhan e Elizabeth Eisenstein, sobre a concepção de ‘revolução da impressão’. Como as alterações produzidas pela prensa levaram cerca de três séculos para serem produzidas, os historiadores refutam o conceito de revolução. Além disso, Briggs e Burke acreditam que é preciso conceber a impressão como um catalisador de mudanças sociais e não como um produtor. Do mesmo modo, seria preciso ampliar a observação para compreender que a impressão estava imersa num cenário efervescente de novas técnicas e que seu sucesso foi ocasionado também pelo desenvolvimento e aprimoramento de outras tecnologias, a exemplo do sistema de transporte.

Mesmo que a concepção de revolução possa levantar reflexões distintas sobre o papel da impressão no desenvolvimento humano e social, reconhece-se que o homem desenvolveu no novo olhar sobre si e sobre o mundo ao ampliar sua relação com os artefatos tecnológicos. Na modernidade, a imersão do homem no mundo tecnológico ganhou ainda mais força. Se a secularização provocou o declínio do poder da igreja, a imprensa tornou-se um dos campos de ascensão do poder da burguesia. A esfera pública burguesa encontra eco na imprensa periódica através dos debates promovidos nas publicações (THOMPSON, 2011). Os jornais transformaram-se em arena de reivindicações sociais e políticas de grupos intelectuais e da elite burguesa contra o Estado e as instituições religiosas. Na perspectiva de Habermas (2012), a imprensa periódica amplificou a voz da burguesia, tornando-se um espaço de contestação da política vigente. A imprensa ganha um novo papel. Além de oferecer notícias e informações sobre diversos assuntos, os jornais conquistam o espaço de fórum de debate da sociedade civil. E, para surpresa do Estado e da igreja, as discussões pautadas nestes veículos ganham repercussão nos variados espaços de debates dos centros urbanos e diversas instâncias do poder político.

2.1.3 Eletricidade

O século XIX repercute os efeitos provocados pela revolução industrial. Indústria têxtil, máquina a vapor, transporte, impressão somam-se ao novo sistema técnico baseado na eletricidade. Para Briggs e Burke (2004), a Revolução Industrial, a revolução dos transportes

e a revolução da comunicação estão imersas dentro do mesmo processo de desenvolvimento que ganha novo impulso com a eletricidade.

Apesar do vapor e da eletricidade caminharem juntas durante boa parte do século XIX, é com a invenção do telégrafo elétrico que ocorre uma ruptura nos processos de comunicação que culminou na ideia de mídia que temos na atualidade (BRIGGS; BURKE, 2014). Com o telégrafo, a palavra escrita ganhou autonomia para deslocar-se rapidamente para além das estradas. A comunicação começa a viajar também por trilhos elétricos, desassociando-se da ideia de transporte para vincular-se a ideia de informação (MCLUHAN, 1964). Como explica McLuhan, a eletricidade provocou uma alteração capaz de eliminar distâncias espaciais e temporais, trazendo à tona a noção de simultaneidade e de instantaneidade em detrimento da sequencialidade e de linearidade. Este fenômeno colocou em xeque a perspectiva racional do homem letrado, empurrando-o para a retribalização.

O alfabeto (e a sua extensão na tipografia) tornou possível a difusão da energia que é o conhecimento e rompeu os elos do homem tribal, fazendo-o explodir em aglomerações de indivíduos. Agora, a escrita elétrica e a velocidade despejam sobre ele, instantânea e continuamente, os problemas de todos os outros homens. Ele se torna tribal novamente. A família humana volta a ser uma tribo. (MCLUHAN, 1964, p. 196)

A afirmação ganha força quando seguimos a ótica do pesquisador para o qual os meios de comunicação são compreendidos como extensões do homem. A eletricidade é vista assim como extensão do sistema nervoso humano que conecta todos em um ecossistema informativo complexo. O autor explica: “A eletricidade indica o caminho para a extensão do próprio processo da consciência, em escala mundial e sem qualquer verbalização. Um estado de consciência coletiva como este deve ter sido a condição do homem pré-verbal” (MCLUHAN, 1964, p.98). Tal fenômeno leva McLuhan a formular o conceito de Aldeia Global.

Derrick Kerckhove (2009) entende que telégrafo desempenhou papel importante para que novos métodos de processamento da inteligência humana fossem desenvolvidos. Divisões antes muito claras como público e privado perdem força. Ao conectar-se com a trama elétrica, a mente é externalizada e diluída no universo das mídias eletrônicas. Estas mídias passam a atuar como pontes entre a subjetividade humana e o mundo exterior, abrindo espaço para uma mente externalizada. As eletrovias tornam possíveis conexões simultâneas e instantâneas. Em pouco tempo, o mundo estaria conectado por redes elétricas.

Este período é marcado pela ascensão da cultura de massa. Imprensa, fotográfica, cinema, telégrafo, rádio, televisão. Uma explosão de novos meios surge para compor a sociedade midiática. Aliada a interesses comerciais, a supremacia da comunicação é

conquistada no século XX. Os veículos multiplicaram-se ganhando novos formatos e atendendo públicos específicos. Em nenhum outro período da história, a comunicação conquistou tamanha importância na sociedade. A comunicação de massa foi estabelecida. Junto a este fenômeno, a centralização da difusão da informação ganha força. A relação emissor/receptor torna-se importante tônica da grande mídia. O trajeto deixou lacunas importantes. A voz dos cidadãos foi reduzida diante dos holofotes da grande mídia.

Longe de gerar passividade, a crise estabelecida trouxe à tona tensões para enfrentar os novos dilemas da sociedade contemporânea. Neste cenário, o homem e a técnica abrem espaço de ação em ranhuras deixadas pelo rolo compressor da modernidade. A noção de rizoma, teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari, talvez ajude a entender esta crise. A organização rizomática dos sistemas impulsionou o desenvolvimento de raízes capazes de driblar os terrenos mais pedregosos. Para abrir novos caminhos, rupturas foram necessárias. Dentro do cenário de dominação econômica e de disputas militares, a digitalização emerge ao lado das novas perspectivas de rede, provocando efeitos inimagináveis na sociedade contemporânea.

2.1.4 Digitalização

O início do século XX trouxe à tona a crise da modernidade. A tensão entre as grandes potências econômicas e políticas na luta por mercados consumidores gerou impactos em todo o globo que culminaram na Primeira (1914-1918) e Segunda (1939-1945) Guerra Mundial. No final da Segunda Guerra, duas grandes potências emergiram - Estados Unidos e a União Soviética – assim como a Guerra Fria. As disputas entre esses dois eixos provocou uma corrida desenfreada rumo ao domínio tecnológico e, conseqüentemente, à ascensão política e econômica.

Este cenário fomentou a criação de diversos centros de pesquisas tecnológicas no mundo. Em 1958, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos criou a agência americana ARPA (Advanced Research Projects Agency) com objetivo de desenvolver projetos tecnológicos capazes de superar a tecnologia produzida pela União Soviética. Na tentativa de conectar os vários centros e grupos de pesquisa envolvidos na agência e acelerar a troca e o compartilhamento de informações, os pesquisadores do departamento desenvolveram a rede

ARPANet, o primeiro passo rumo à Internet. A ARPANet entrou em operação em 1969 (CASTELLS, 2003; LEMOS, 2010)¹⁵.

As novas tecnologias de comunicação e informação ganham impulso na década de 1970, com o advento da digitalização e das redes telemáticas. A microinformática é a grande responsável pelo processo de digitalização de tudo o que existe. O campo surge, a partir de 1940, através dos estudos da cibernética, inteligência artificial, tecnologias de comunicação de massa e telemática. É neste contexto que o sistema digital começa a dar seus primeiros passos. Como pontua Lemos (2010), a aceleração tecnológica em curso desde o século XIX culmina na produção de novas tecnologias digitais e no desenvolvimento de redes telemáticas.

Lemos explica que a alteração da matéria analógica para a matéria digital ocorre a partir da técnica de “numerização da informação”. Ou seja, as informações geradas pelos mais variados suportes são transfiguradas em dados binários capazes de circular livremente entre os mais diversos canais sem produzir prejuízos qualitativos ao dado enviado. Esta tecnologia, aliada ao desenvolvimento de componentes eletrônicos e técnicas eletrônicas, produziu mudanças significativas nas formas de comunicação e interação, fazendo emergir inúmeros aparatos comunicacionais que rompem a lógica dos meios tradicionais.

Os novos media (digitais) aparecem com a revolução da microeletrônica, na segunda metade da década de 70, através de convergências e fusões, principalmente no que se refere à informática e às telecomunicações. Os medias digitais vão agir em duas frentes: ou prolongando e multiplicando a capacidade dos tradicionais (como satélites, cabos, fibras óticas); ou criando novas tecnologias, na maioria das vezes híbridas (computadores, Minitel, celulares, pagers, TV Digital, PDAs, etc.). (LEMOS, 2010. p. 79)

Se o processo digitalização é um fenômeno contemporâneo, suas raízes remontam à escrita alfabética na concepção de Kerckhove (2009). O pesquisador entende que os diversos sistemas comunicativos tecnológicos traduzem a linguagem natural através processos de codificação da expressão humana. Dessa forma, tanto a escrita quanto a digitalização são extensões do corpo humano e de sua linguagem. Tal fenômeno, para Kerckhove, altera as relações sociais, além de produzir mudanças psicológicas importantes na medida em que a consciência humana é exteriorizada. A partir da digitalização, uma substância comum é criada, permitindo a conexão entre tudo e todos através de bits e bytes. Lévy (1993) ressalta que a matéria digital é transmutante. A digitalização permite a superação das restrições da matéria orgânica. Assim, no âmbito da digitalização, é possível transfigurar e conectar os mais diversos elementos.

¹⁵ Discorreremos mais sobre a rede ARPANet na página 40.

Tal característica produz um salto nos processos comunicacionais. Di Felice (2008) lembra que a digitalização e a comunicação em rede constroem uma nova forma de comunicar. A perspectiva dualista emissor e receptor perde força e uma nova ideia de fluxos informativos é dinamizada. Esta nova realidade é traduzida pelas interações multidirecionais entre indivíduos, circuitos informativos e entidades transorgânicas (DI FELICE, 2008). Conforme explica Lemos (2010), a tecnologia digital altera a forma de produzir informação, bem como o modo de difundi-la, abrindo espaço para a autonomia comunicacional. Lemos (2010, p. 80) ressalta que “a forma de rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa”.

O processo de digitalização, assim, constituiu o pano de fundo para o desenvolvimento da comunicação e da interação em rede que, nos últimos 30 anos, alterou a estrutura organizacional da sociedade. A forma de associação em rede é a tônica que sustenta a sociedade a partir do século XX (CASTELLS, 2003). A novidade não se refere tanto à ideia de rede, mas às dinâmicas associativas possíveis para as redes a partir do advento das novas tecnologias de comunicação, especialmente a internet. A força de tais dinâmicas acaba por provocar efeitos socioculturais importantes que culminam na emergência da cibercultura, ainda em meados da década de 1970. Lemos esclarece que a cibercultura é revelada na conectividade generalizada da sociedade. Na sociedade em rede, o poder comunicativo é ampliado, resultando na diversificação dos modos de interação e das agregações sociais (LEMONS, 2010). Este cenário ganhou vazão com o surgimento do ciberespaço, em 1984. O feito só foi possível com a padronização do Protocolo Internet. Até então a Internet tinha uma arquitetura estratificada *peer-to-peer*, cujas conexões aconteciam através de grandes nós (MALINI; ANTOUN, 2013). Assim, como explica Lemos (2010, p. 87), “o ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e home pages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos da cultura jovem, tribal, gregária”.

As transformações engendradas pela microinformática e pelas redes telemáticas contribuíram assim para que um novo contexto social e comunicacional emergisse. Como explica Paiva (2013, p. 15), a nova ecologia comunicacional produziu transformações profundas na experiência midiática. Essas mudanças são reveladas na democratização dos “processos de veiculação, cognição e colaboração” de informações em rede. Através das redes digitais, o excedente cognitivo amplifica as possibilidades de participação e de colaboração, produzindo novas formas de comunicação e ação (SHIRKY, 2011). Assim, reconhece-se o papel das novas tecnologias para produção de redes de informação, comunicação e

cooperação que impactaram na organização dos movimentos sociais contemporâneos (HARDT; NEGRI, 2014, p. 120).

Como observamos, cada marco tecnocomunicativo – escrita, impressão, eletricidade e digitalização – trouxe à tona novas práticas comunicativas, novos modos de interação, uma nova forma de perceber e compreender o mundo. Não à toa, este processo resultou em novas práticas sociais que produziram efeitos em diversos campos. A partir deste ponto, iremos aprofundar alguns aspectos importantes produzidos principalmente com o advento da eletrônica e da digitalização. Tentaremos observar a ecologia da comunicação digital em rede para compreender a dinâmica comunicacional das ações net-ativistas.

2.2. Interações em rede

2.2.1 *Perspectiva ecológica das redes*

A interação é um aspecto chave para o desenvolvimento das inúmeras formas de existência. Se ampliarmos o olhar, é possível perceber que a interação permeia tudo. É possível encontrá-la numa lista infundável de coisas: na constituição dos minerais, pedras, rochas, nos eventos climáticos, na formação de ideologias, ações e sonhos, etc. Esta premissa nos revela que o isolamento puro é impossível. Conscientes ou não, estamos todos em interação contínua, interligados e interdependentes, imersos numa gigantesca rede dinâmica.

Se tal compreensão soa quase como óbvia na atualidade, foi preciso muito esforço para romper com a perspectiva analítica e mecanicista. Como nos lembra Frijof Capra (2000), em *A Teia da Vida*, diante dos fenômenos atômicos e subtômicos, os cientistas precisaram adotar um olhar ecológico sobre aquilo que observavam. Apesar de ganhar novo fôlego no início do século XX, esta concepção estava presente em inúmeras tradições. Da Grécia antiga à Renascença, a Terra era percebida como um ser vivo, um todo integrado (CAPRA, 2000). O lapso diante desta visão ocorreu na era moderna, com a adoção da visão cartesiana, que proclamou a separatividade e estabeleceu a divisão entre homem e natureza, sujeito e objeto. O todo foi dividido em partes e estas partes passaram a ser objeto de investigação da ciência moderna.

Não se pode negar que muitos avanços científicos foram alcançados a partir da perspectiva cartesiana. Contudo, diversos fenômenos não puderam ser explicados a partir desta visão. No início do século XX, a ciência precisou reinventar-se para dar conta das novas descobertas. De acordo com Capra (2000), este processo resultou na mudança de paradigmas

de diversas áreas. Na ciência, assim como na cultura e na sociedade, a ideia que os fenômenos eram compostos por estruturas lógicas, lineares e mecânicas deu espaço para perspectiva ecológica. Na visão de Capra, esta concepção compreende que todos os fenômenos são interdependentes e que todos os seres vivos fazem parte do processo cíclico da natureza.

A perspectiva ecológica é apreciada por diversas escolas científicas e filosóficas que utilizam o termo com metáfora, a partir do conceito de ecologia desenvolvido pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, em 1866. Para Haeckel (apud CAPRA, 2000, p. 43), a ecologia era definida como “a ciência das relações entre o organismo e o mundo externo circunvizinho”. A concepção de ecologia evoluiu bastante durante os últimos 150 anos, recebendo contribuições importantes de biólogos e zoologistas. Como explica Di Felice *et al* (2012), o campo da ecologia ampliou-se ao ponto de refletir sobre questões planetárias que revelam como a interdependência permeia diversos fenômenos e seres.

A ideia ecológica utilizada pelo físico Frijof Capra está vinculada à escola do filósofo norueguês Arne Naess. Naess formulou o conceito de ecologia profunda para compreender a relação entre os seres e o meio ambiente natural fora de uma concepção antropocêntrica. Para o filósofo, o mundo é uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes, produzidos por inúmeros seres vivos, onde o homem é mais um elemento deste processo. Esta concepção emerge através de reflexões e pesquisas produzidas nos campos da biologia orgânica, da física quântica, da psicologia da Gestalt e da ecologia que dão origem ao pensamento sistêmico ou ecológico¹⁶, no início do século XX.

Na visão ecológica, conforme Capra (2000), o todo possui propriedades particulares que não são encontradas ao observar suas partes isoladamente. Além disso, qualquer tentativa de esmiuçar as partes levaria ao desaparecimento das propriedades do todo, pois elas “surtem das interações e das relações entre as partes”. Assim, ao romper com o pensamento cartesiano, e da ideia que o todo poderia ser analisado a partir de suas partes, a ciência sistêmica direciona o olhar para o contexto do todo, ou seja, para o meio ambiente. E é nesta perspectiva que o pensamento ecológico pode ser compreendido com um pensamento ambientalista.

A mudança de paradigma deu origem a inúmeras pesquisas que buscavam compreender as relações sociais na perspectiva de rede, oferecendo novas bases teóricas ao pensamento ecológico. Na década de 1940, a Teoria Geral dos Sistemas é desenvolvida pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy. O objetivo de Bertalanffy era conceber uma ciência

¹⁶ Na perspectiva de Capra, pensamento sistêmico e pensamento ecológico são sinônimos. Neste estudo, iremos utilizar as duas expressões de modo similar à Capra.

holística em contraponto com a ciência cartesiana. Para tanto, o pesquisador fundamentou-se na biologia para inaugurar uma ciência geral da totalidade. Assim, propôs a ideia de sistemas abertos na tentativa de explicar a dinâmica inerente aos organismos vivos, partindo da premissa de que “o organismo não é um sistema estático fechado ao mundo exterior e contendo sempre os componentes idênticos; é um sistema aberto num estado (quase) estacionado.” (BERTALANFFY apud CAPRA, 2000, p. 44).

Corroborando com a noção proposta de sistema aberto, o pensamento ecológico foi expandido, alcançando novos campos teóricos, agregando novas perspectivas e, conseqüentemente, ampliando-se. Novas vertentes surgem para dialogar com esta visão. Foi o que ocorreu com a cibernética. Tendo como expoente Nobert Wiener, o movimento surgiu durante a Segunda Guerra Mundial com o empenho de matemáticos, engenheiros, neurocientistas e cientistas sociais. O objetivo da cibernética era se tornar a ciência “do controle e da comunicação no animal e na máquina” (CAPRA, 2000, p. 56). O autor explica que os ciberneticistas voltaram a atenção aos padrões de comunicação e de organização em organismos e máquinas. Desta investigação, é revelado o padrão de laços de realimentação. A noção de realimentação propõe que uma ação produzida pelo elemento ‘A’ da rede gera efeitos em cadeia nos demais componentes, retornando ao elemento ‘A’ de maneira modificada, evidenciando a ideia de auto-regulação e de casualidade circular dos sistemas. Estas descobertas contribuíram para que novas reflexões fossem agregadas ao pensamento sistêmico e serviu de base à ciência da cognição, aos estudos sobre a mente e o cérebro, às teorias da informação e da comunicação e à ciência das redes.

No final da década de 1960, o pensamento sistêmico foi revigorado pela ideia de complexidade e de pensamento complexo, concebidas pelo sociólogo e filósofo Edgar Morin. O pensamento complexo nasce das reflexões elaboradas a partir da teoria da informação, da cibernética, da teoria dos sistemas e do conceito de auto-organização (MORIN, 2011). Tal visão busca enfrentar o desafio de compreender a vida sob o prisma da complexidade, ou seja, sem reduzir ou desintegrar a realidade, e assumindo a impossibilidade de um conhecimento completo e definitivo. Em certa medida, é reflexo daquilo que o pensamento ecológico almejava. Contudo, Morin amplia a perspectiva sistêmica ao reconhecer que “o Uno não se dissolverá no Múltiplo e o Múltiplo fará ainda assim parte do Uno” (MORIN, 2011, p. 77). Ou como explicou Di Felice (2011a, p.13), Morin “propôs pensar um método que conseguisse contemplar os elementos isolados e complexificar o que era simplificado”. Dessa forma, o pensamento complexo busca integrar a visão do todo e das partes, escapando de

reducionismos e simplificações. O desafio é compreender que ordem, desordem, incompletude e incerteza caminham lado a lado.

O pensamento ecológico busca compreender a complexidade inerente aos fenômenos vida. Tarefa que parece impossível quando a realidade é tomada como um todo e não pode ser destrinchada em partes. No entanto, como esclarece Capra (2000), por não compartilhar com premissas as cartesianas – cujo resultado das investigações são verdades e certezas –, a visão ecológica reconhece que não é possível alcançar uma compreensão integral e última em qualquer investigação.

Independentemente de quantas conexões levamos em conta na descrição científica de um fenômeno, seremos sempre forçados a deixar outras de fora. Portanto, os cientistas não podem lidar com a verdade, no sentido de uma correspondência precisa entre a descrição e o fenômeno descrito. Na ciência, sempre lidamos com descrições limitadas e aproximadas da realidade. Isso pode parecer frustrante, mas, para pensadores ecológicos, o fato de obter um conhecimento aproximado a respeito de uma teia infinita de padrões interconexos é uma fonte de confiança e de força (CAPRA, 2000).

Capra explica que tudo está em constante interação e relação. A compreensão deste pensamento ganha clareza a partir da noção de rede. O conceito é uma característica-chave do pensamento ecológico e complexo. A observação do ecologista Bernard Patten, recuperada por Capra (2000, p. 45), traduz tal relação ao afirmar que “ecologia é redes... Entender ecossistemas será, em última análise, entender redes.” Capra aponta a estrutura de rede como um padrão comum de organização encontrado em qualquer sistema vivo. O pensador é enfático: “sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes” (CAPRA, 2000, p. 77). A metáfora da rede permearia tudo o que existe, desde realidades sólidas a realidades abstratas. Capra descreve esta perspectiva de maneira simples: “quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos, na qual não há fundamentos” (CAPRA, 2000, p. 48). Assim, até mesmo o conhecimento científico é uma construção sujeita às percepções do pesquisador, ou seja, de seus “métodos de observação e de medição” (CAPRA, 2000, p. 49) que também incluem critérios pessoais e subjetivos.

Como visto, a metáfora de rede ganha força no século XX e torna-se um termo esclarecedor para explicar inúmeras transformações em curso nos últimos anos. E mais que isso: se antes parecia obscura, a noção de rede salta aos olhos de todos diante das modernas formas de conexão. Redes elétricas, redes ferroviárias, redes viárias, redes bancárias, redes de comunicação, redes digitais. Estamos todos conectados, queiramos ou não, percebamos ou

não. A partir deste ponto, procuraremos dialogar com referências que possam auxiliar na compreensão da noção de rede, redes sociais e redes digitais.

2.2.2 Redes e Ciências das Redes

Rede é um conjunto de elementos conectados entre si. Retomemos a afirmação de Capra (2000, p. 78): “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes”. A tarefa parece simples. Mas olhar para redes é observar além das aparências dos fenômenos. É observar a trama de relações que circundam determinado arranjo. É acompanhar as teias que envolvem percursos complexos. A rede revela-se nas conexões entre os elementos que constituem o arranjo. Sem interação, não há rede. Toda rede é formada por nós (vértice, ator, actante) e arestas (linhas, conexões, laços, ligações, links). Dessa forma, para observar uma rede, é preciso ir além da identificação dos nós que compõem um arranjo, é necessário exibir os laços que são estabelecidos entre os elementos. Enquanto estrutura ecológica, a rede não pode ser observada isolando-se suas partes.

Toda conexão revela a existência de nós, mas a identificação dos nós não presume a existência de conexões. Isto implica, como afirma Martinho (2003, p. 18), que “é o relacionamento entre os pontos que dá qualidade de rede ao conjunto.” Desta premissa, podemos concluir que a conectividade é o atributo que constitui a dinâmica da rede. Ou seja, pressupõe conexão, interação, relação. Para fazer parte de uma rede – seja uma comunidade, instituição, movimento, etc. –, é preciso estabelecer conexão com um ou mais membros da rede.

De que modo podemos compreender a ideia de rede como padrão comum de organização da vida? A partir de investigações desenvolvidas por ecologistas e biólogos, esta perspectiva é fundamentada pelo entendimento de que todos os sistemas vivos estão organizados à maneira de rede. Tal visão ganhou reconhecimento de diversos campos científicos e foi ampliada para abarcar todas as esferas da vida. Seja observando comunidades, organismos orgânicos e inorgânicos, cérebro ou mente, é possível reconhecer que seus elementos estabelecem relações e interações em rede.

Martinho (2003) explica que é preciso considerar a dinâmica relacional produzida entre os elementos interligados para atestar a existência da rede. Nem tudo que está em interação, relação e interligado está arranjado na forma de rede. O autor é enfático sobre a necessidade de distinguir redes de outras formas de organização. Na medida em que a ideia de rede não fica clara, seu potencial é minado. A rede revela-se na horizontalidade e no “seu

poder criador de ordens novas e [no] seu caráter libertador” (MARTINHO, 2003, p. 9). Martinho propõe alguns questionamentos para identificar que tipo de conexão é estabelecido entre os componentes de um arranjo interligado. São eles:

Como estão ligados os pontos na rede? Para que servem tais ligações? Como os pontos funcionam de forma interligada? De que maneira esse conjunto de pontos e linhas opera como conjunto? (...) Quais as propriedades e as dinâmicas produzidas por um sistema desse tipo? (MARTINHO, 2003, p. 15).

2.2.2.1 Redes Ecológicas

Para responder as questões de Martinho, é preciso compreender algumas características-chave das redes horizontais. Retomaremos algumas preposições de Capra (2000)¹⁷ para compreender as propriedades da rede. O cientista localizou três características fundamentais: não-linearidade, realimentação e auto-organização. A característica da não-linearidade implica que a rede se estende em todas as direções, ou seja, os componentes do sistema são conectados de modo aleatório, sem controle. Não há como determinar como as relações serão estabelecidas, qual trajeto será realizado. A propriedade da realimentação diz respeito ao efeito cíclico da ação produzida na rede. Isto porque as interações podem gerar efeitos em cadeia capazes de produzir laços de realimentação, levando a auto-regulação. Já a auto-organização traz a possibilidade de novas estruturas e de formas de comportamento surgirem espontaneamente. Esta propriedade revela outra característica importante: as redes são sistemas abertos em constante desequilíbrio. E é a partir deste contexto que novos fluxos são produzidos.

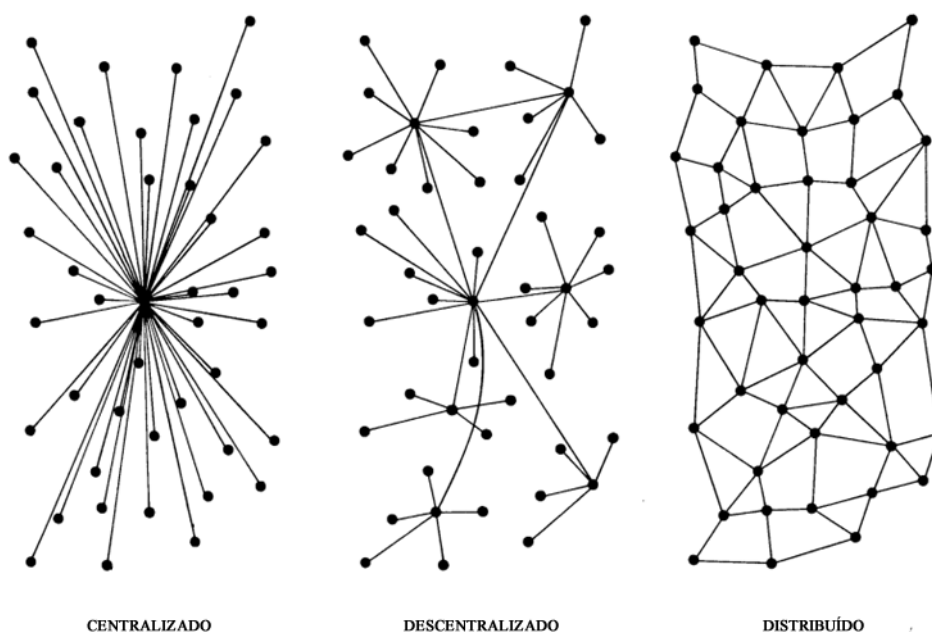
Como nos lembrou Martinho (2003), outra característica-chave da rede é a horizontalidade. Esta noção rompe com o sistema de hierarquia, ou seja, desmonta a percepção da existência de níveis de poder dentro de uma organização. Como explica Capra, “Na natureza, não há ‘acima’ ou ‘abaixo’, e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes.” (CAPRA, 2000, p. 35). Assim, o arranjo em rede atua sem hierarquias. Todos os elementos possuem relevância e são importantes para a dinâmica do ecossistema. A rede opera em contínua interação com outras redes. Contudo, na visão humana, esta interação pode parecer hierárquica. “Mas isso é uma projeção humana”, ressalta Capra (2000, p. 45). A tendência do homem de hierarquizar a rede é decorrente da lógica de poder coercivo que passou a organizar os relacionamentos humanos.

¹⁷ Martinho (2003) adotou este percurso ao apresentar algumas características da rede.

2.2.2.2 Redes de Paul Baran

Os estudos desenvolvidos pelo engenheiro Paul Baran nos auxiliam a compreender a noção de rede no mundo interconectado por dispositivos tecnológicos. Para tanto, recorreremos à pesquisa desenvolvida pelo físico Albert-László Barabási (2009), na obra *Linked - a nova ciência dos networks*, no qual o autor apresenta seus estudos sobre a Teoria das Redes. Como explica Barabási (2009), no fim da década de 1950, Baran assumiu a tarefa de elaborar um sistema de comunicação capaz de resistir a ataques nucleares, na Rand Corporation¹⁸. O projeto exigiu a análise das vulnerabilidades dos sistemas de comunicação utilizados na época e a apresentação de um novo arranjo para superar tais fragilidades. A partir desta análise, Baran apresentou três topologias de rede: rede centralizada, rede descentralizada e rede distribuída (FIG.1).

Figura 1 – Topologias de redes elaboradas por Paul Baran



Fonte: Adaptado de BARAN (2009, p. 131).

A rede centralizada, representada pelo formato de única estrela, revela uma estrutura hierárquica. Um único nó aciona todos os demais, mas estes não interagem entre si. Para Baran, esta topologia é a mais frágil visto que, se o nó central for atacado, a comunicação entre os demais é completamente encerrada. Neste arranjo, o poder e a autoridade são

¹⁸ Criada em 1946, na Califórnia, a Rand Corporation era um instituto de pesquisa que desenvolvia estudos voltados para contextos de guerra militares. (BARABASI, 2009).

destinados a um componente da rede. A estrutura piramidal representa bem a lógica da rede centralizada. Podemos observar esta topologia em diversas esferas sociais: governos ditatoriais, organizações militares, empresas, instituições de ensino, famílias, etc.

A rede descentralizada, ilustrada por diversas estrelas menores, apresenta um arranjo com múltiplos centros. Apesar de menos vulnerável que a rede centralizada, esta topologia ainda apresentava riscos relevantes aos possíveis ataques. Afinal, núcleos importantes poderiam ser desligados do sistema e gerar perdas consideráveis. Na descentralização, o poder de comando é atribuído a alguns poucos nós, que dividem a responsabilidade de gerenciar a rede. Esta estrutura é amplamente percebida nos sistemas de governos democráticos, organizações não governamentais, cadeias empresariais, sindicatos, entre outros.

O desafio de Baran é cumprido com a proposta da rede distribuída. Em forma de malha, a topologia distribuída permite que a rede continue conectada mesmo quando algum elemento é eliminado. Isto porque, de forma geral, os nós possuem potencial de conectividade semelhante. Ou seja, a horizontalidade é garantida nesta topologia, onde os fluxos de informações fluem com mais rapidez e liberdade. Curiosamente, a proposta de Baran não foi aceita pelos militares. Na época, a implantação da proposta exigia mudanças do sistema de comunicação analógico para o digital e os militares não estavam dispostos a investir neste processo, além de duvidarem dos efeitos da topologia. A ideia de rede distribuída foi engavetada.

A proposta de Baran ganhou fôlego anos depois (1965-1967) quando a Agência de Pesquisas em Projetos Avançados (ARPA), do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, propôs um projeto semelhante ao desenvolver a primeira de rede de computadores, a ARPANet. Os pesquisadores da ARPA não tinham conhecimento dos estudos de Baran (BARABÁSI, 2009; CASTELLS, 2003) e esta coincidência científica provocou referências divergentes sobre os objetivos da ARPANet. Segundo Castells (2003), apesar de os motivos para elaboração do projeto não serem evidentes, a ARPANet não foi criada para atender objetivos militares. Acredita-se que os objetivos buscavam atender a necessidade de interconexão de computadores e de otimização de recursos computacionais. Assim, a ARPANet é o embrião do que conhecemos atualmente como Internet.

Desde então um novo campo para a vivência da organização horizontal é inaugurado. Se conseguíssemos projetar nosso olhar e observássemos todos os fluxos de fenômenos e de ações que culminaram na ideia que temos de sociedade em rede, possivelmente perceberíamos que esforços de diversas áreas de conhecimento, assim como inúmeros interesses, foram

fundamentais para produzir tais resultados. Absolutamente tudo está interligado, conectado em rede.

Se olhar a história e teia de relações produzidas nos ajuda compreender o presente, a observação das dinâmicas relacionais poderia nos oferecer indícios para refletir sobre a complexidade contemporânea? Acreditamos que a noção de rede é uma importante chave para observação das dinâmicas interativas e relacionais da atualidade, particularmente quando tais fenômenos são produzidos digitalmente. Para tentar responder esta questão, parece imprescindível aprofundar nossa investigação sobre as características peculiares das redes e suas dinâmicas. Para tanto, vamos recorrer a um novo campo de estudos que tenta dar conta do cenário de alta conectividade experimentado na atualidade, a Ciência das Redes.

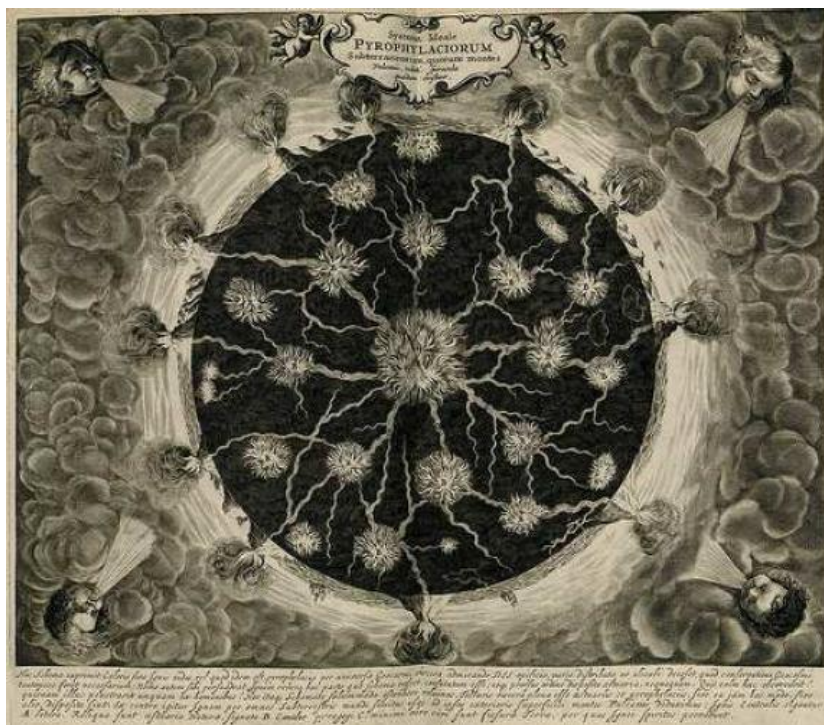
2.2.2.3 Ciência das Redes¹⁹

A Ciência das Redes (ou Teoria das Redes) é um novo modelo de estudos de redes que busca analisar as propriedades dinâmicas destes sistemas. A perspectiva surge no início do século XXI, reunindo físicos, matemáticos, biólogos, sociólogos, entre outros especialistas, que, a partir das diversas pesquisas que orbitaram a temática ao longo do século passado, oferecem uma proposta de investigação focada nas propriedades das redes. Tendo como expoentes pesquisadores como Albert-László Barabási (2009) e Duncan Watts (2009), os estudos pressupõem características comuns a todas as redes. Watts (2009) explica que Ciência das Redes esforça-se para esclarecer conceitos que tratem da noção de rede e seus diferentes tipos a partir de rigoroso empenho analítico. É uma tentativa de aprofundar as investigações sobre o tema por uma perspectiva matemática e física.

A partir deste viés, é possível localizar dois estudos que antecederam o moderno conceito de rede. O primeiro, e menos popular, é localizado no século XV, com o controverso jesuíta alemão Athanasius Kircher (1602-1680). De acordo com Cavalcante (2009), Kircher foi o primeiro estudioso a elaborar a noção de rede (FIG. 2). Ele pincelava ideias sobre o conceito ao produzir mapas no qual estabelecia canais que ligavam as cavernas do mundo subterrâneo. Na época, conforme Cavalcante, os mapas não apresentavam ligações entre as cidades circunvizinhas, tornado a simples proposta de Kircher precursora dos estudos de rede. No entanto, as controvérsias e polêmicas em torno das ideias do cientista, abafaram seus estudos, levando-o ao esquecimento.

¹⁹ O termo “Ciência das Redes” é proposto do Barabási (2009) em seu esforço de propor o campo de estudos de redes.

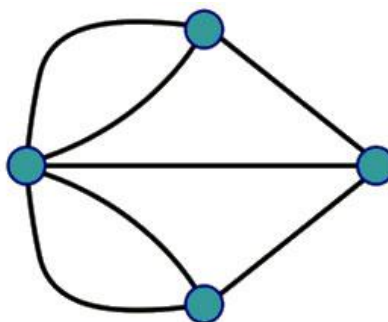
Figura 2 – Rede de Kircher onde o mundo subterrâneo é interligado.



Fonte: CAVALVANTE, 2009, p. 39.

O segundo estudo é amplamente referenciado pelos pesquisadores de redes (BARABÁSI, 2009; WATTS, 2009; RECUERO, 2011; CAVALVANTE, 2009). Trata-se do enigma das Pontes de Königsberg, elaborado pelo matemático Leonhard Euler, em 1736. A cidade de Königsberg, na Prússia, contava com sete pontes pelas quais era possível cruzar toda a cidade. No entanto, uma questão rondava o imaginário da população: “Pode-se cruzar as sete pontes sem jamais passar pela mesma ponte duas vezes?” (BARABÁSI, 2009, p. 9). Euler assumiu a tarefa de elucidar a questão. Para tanto, elaborou um estudo com uma forma de representação inovadora: substituiu as faixas de terra por nós e as pontes por conexões (FIG. 3). Através desta alegoria, Euler provou que não seria possível atravessar a cidade por meio das pontes cruzando apenas uma vez cada uma delas. Sem esperar, Euler deu o primeiro passo rumo à Teoria dos Grafos (BARABÁSI, 2009).

Figura 3 – Representação gráfica da cidade de Königsberg



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_pontes_de_K%C3%B6nigsberg. Acesso em: 10 fev. 2016.

A análise de Euler evidenciou questões importantes, como explica Barabási (2009, p. 11): “Uma passagem contínua que atravessasse todas as pontes só podia ter um único ponto de partida e um ponto de chegada. Por conseguinte, esse caminho não poderia existir em um grafo que tivesse mais de dois nós como um número ímpar de links”. Esta observação revelou que a estrutura do grafo apresenta propriedades que limitam ou amplificam o potencial da rede. Assim, a mínima alteração da topologia da rede provoca mudanças significativas em todo o arranjo. Tal constatação colocou o estudo de redes como chave importante para compreensão das dinâmicas do mundo complexo.

Os modernos estudos de redes são fundamentados nas ideias propostas pela Teoria dos Grafos. Originalmente formulada por matemáticos, a teoria dos grafos ganhou notoriedade no campo das ciências sociais e serviu de fundamento para a Análise Estrutural de Redes Sociais (RECUERO, 2011). Segundo Recuero, a finalidade deste estudo era compor indivíduos arranjados em grafos, formando uma rede social, para então reconhecer suas propriedades estruturais e funcionais. A amplificação da conectividade, fomentada pela internet, aproximou ainda mais os estudos de redes das análises de redes sociais. Afinal, a perspectiva oferece bases para compreender a dinâmica produzida por arranjos complexos. Atualmente, os estudos desenvolvidos pela Ciência das Redes fundamentam inúmeras pesquisas sobre o social em redes digitais. Para compreender como esta perspectiva pode auxiliar na análise das ações em redes digitais, iremos discorrer sobre referências importantes que fundamentam os estudos das teorias das redes.

2.2.2.3.1 Redes Aleatórias/Randômicas/igualitárias

O modelo de redes aleatórias surgiu na década de 1950 com os estudos de grafos aleatórios desenvolvidos por Solomonoff e Rapoport. O matemático Rapoport desenvolvia estudos sobre o alastramento de doenças e sua relação com a dinâmica das redes. O objetivo do pesquisador era compreender como as epidemias ocorrem através da investigação das propriedades das redes envolvidas no fenômeno. Em parceria com Solomonoff, Rapoport identificou características importantes nos grafos aleatórios como seu potencial perlocativo. Ou seja, quando são ampliadas aleatoriamente as conexões entre nós de uma rede, a estrutura da rede deixa de representar um conjunto de elementos e de ligações dispersas para se tornar um grafo interconectado (RECUERO, 2011; CAVALCANTE, 2009).

Na década de 1960, buscando compreender a perspectiva de universo interconectado, os matemáticos Paulo Erdős e Alfréd Rényi lançam a ideia de grafos randômicos (ou aleatórios) para explicar os mais diversos agrupamentos. Um grafo aleatório é uma rede formada por conexões randômicas (BARABÁSI, 2009; WATTS, 2009). Como explicam os autores, Erdős e Rényi assumiram a tarefa de oferecer uma descrição matemática única para compreensão dos grafos complexos. Para tanto, partiram da premissa que os nós de um grafo são conectados aleatoriamente, desconsiderando a diversidade de regras inerente às redes. A partir de um experimento onde novas conexões foram adicionadas aos nós de uma rede, foi percebida a tendência da rede transformar-se num aglomerado gigante (cluster), representado uma mudança de fase da rede (antes os nós estavam dispersos e pouco conectados). Tal efeito é revela o fenômeno da perlocação, na física, ou da constituição de comunidade, na sociologia. Como ressalta Watts (2009, p. 25-26), “a presença de um componente gigante significa que tudo o que acontecer em um ponto da rede tem o potencial de afetar qualquer outro ponto”. Em outras palavras, o nível de conectividade da rede é um importante aspecto para a extinção ou disseminação de informações, ideias, doenças, entre outros.

Apesar de a perspectiva dos matemáticos negligenciar a complexidade das relações estabelecidas nas redes, seu grande mérito consiste em reconhecer que as redes são sistemas dinâmicos, irregulares, randômicos. Até então, os estudos focavam em grafos regulares, onde cada nó tinha o mesmo número de conexões. O modelo de rede randômico busca superar esta noção, mas, para tanto, apresenta um proposta de rede igualitária, na qual os nós possuem a mesma possibilidade de obter conexões. Segundo Barabási (2009, p. 21), o grande equívoco de Erdős e Rényi foi transformar complexidade em aleatoriedade e explica: “com certeza, a sociedade, a célula, as redes de comunicação e a economia são suficientemente complexas para ser descritas com randômicas”.

2.2.2.3.2 Redes mundos pequenos

A ideia de mundo pequeno permeia inúmeros comentários diante da curiosa percepção que estamos mais próximos uns dos outros do que imaginamos. Muito antes de estarmos hiperconectados através da internet, a atenção a este fenômeno produziu pesquisas importantes. Na década de 1960, Stanley Milgram, professor da Universidade de Harvard, desenvolveu uma pesquisa para descobrir a distância entre duas pessoas desconhecidas nos Estados Unidos. Seu objetivo era desvendar quantas pessoas em média são necessárias para ligar dois desconhecidos. Para tanto, escolheu dois indivíduos ao acaso nas cidades de Sharon e Boston, em Massachusettes, para serem o alvo. Depois, distribuiu cartas aleatoriamente para os moradores de Wichita, em Kansas, e de Omaha, em Nebraska. Nestas cartas, Milgram convidava indivíduos a participar de um estudo sobre contato social e explicava o processo a ser seguido pelos participantes. Caso não conhecesse o destinatário da carta, o participante deveria enviar a correspondência para outra pessoa que supunha conhecer o destinatário. Apesar das controvérsias em torno do experimento, das 160 cartas enviadas, 42 alcançaram o alvo. Com isto, um dado curioso foi revelado: o número médio de intermediários entre a primeira pessoa a receber a carta e a pessoa-alvo foi de 5,5. A experiência evidenciou, como aponta Barabási, que além de estarmos amplamente conectados, estamos muito próximos uns dos outros. Nas palavras de Barabási (2009, p. 27), “vivemos em um mundo pequeno (small Word). Nosso mundo é pequeno porque a sociedade é uma rede bastante densa”. E explica:

“Mundos pequenos” são uma propriedade genérica das redes em geral. Curta separação não é um mistério da nossa sociedade ou algo peculiar concernente à Web: a maioria das redes que nos cercam obedece a essa propriedade. Ela se insere em sua estrutura - simplesmente não me exige muitos links para acessar um grande número de páginas da Web ou de amigos. Os mundos pequenos resultantes são bem diferentes do mundo euclidiano a que estamos acostumados e no qual as distâncias são medidas em quilômetros. Nossa capacidade de contatar pessoas tem a ver cada vez menos com a distância física entre nós. Descobrir relações comuns com perfeitos estrangeiros em viagens pelo mundo repetidamente nos traz à memória que algumas pessoas do outro lado do planeta estão frequentemente mais próximas da rede social do que aquelas que são nossas vizinhas. Navegar nesse mundo não euclidiano é algo que amiúde trai nossa intuição e nos lembra de que existe aí uma nova geometria que precisamos dominar para entender o mundo que nos rodeia. (BARABÁSI, 2009, p. 36)

No início da década de 1970, o tema ganha atenção do sociólogo americano Mark Granovetter. A publicação do artigo *The Strength of Weak Ties* (1973) tornou-se um marco sobre os estudos de redes sociais no campo da sociologia. No estudo, o cientista social a

apresenta argumentos que relacionam os tipos de vínculos sociais a tomadas de decisões, ressaltando a importância dos laços fracos nas ações de indivíduos em rede. A visão era inovadora. Até então, os sociólogos ocupavam-se em compreender a dinâmica dos laços fortes nas redes.

Granovetter (1973) parte da perspectiva que a força de um laço está na união entre tempo, intensidade emocional, intimidade e atividades recíprocas que caracterizam o laço. Assim, a partir da distribuição de tais características, seria possível observar os laços fracos, fortes ou ausentes em uma dada rede social. Os laços fortes exigem tempo, intimidade, envolvimento emocional e atividades mútuas. São os vínculos estabelecidos nos relacionamentos afetivos, amigos ou familiares próximos. Estes laços formam clusters. Já os laços fracos nascem de interações efêmeras, superficiais e com pouco envolvimento emocional. São pessoas que conhecemos durante um curso, uma festa ou uma viagem, por exemplo. No cenário das redes sociais digitais, os laços fracos seriam mais de 90% dos amigos que temos no Facebook, por exemplo.

O estudo realizado por Granovetter mostra a contribuição dos laços fracos e fortes para encontrar um emprego. Na pesquisa, ao contrário do que se acreditava, os laços fracos foram mais úteis para apresentar oportunidades de trabalhos. Isto porque os laços fracos atuam como pontes para nos conectar a contextos (ou redes) que não teríamos ligação. Assim, a criação de um laço fraco é um evento que amplia a possibilidade de conexão (relação, interação) a outras redes e que, conseqüentemente, traz novas experiências. Tal elo tem o poder de aproximar e reduzir distâncias entre pontos de uma rede, tornando o mundo pequeno. Isto porque, como explica Granovetter (1973), a atribuição do laço fraco é promover coesão social. Já os laços fortes alimentam vínculos a grupos já consolidados, restritos, fechados, clusters. Estes grupos são relevantes para compartilhar questões que auxiliem na tomada de decisões.

Sem tomar conhecimento das ideias de Granovetter, no final da década 1990, os cientistas Watts e Strogatz desenvolveram uma pesquisa para compreender o fenômeno do mundo pequeno nas redes sociais. Os pesquisadores buscavam entender como forças conflitantes (desejos individuais e estrutura social) atuavam na dinâmica dos relacionamentos em uma rede para originar o fenômeno do mundo pequeno. Para tanto, produziram um modelo matemático de redes sociais, chamado de modelo alfa (WATTS, 2009). O modelo pressupunha regras de interação norteadas por dois tipos de ações extremas: (1) a probabilidade de interagir com um desconhecido está condicionada a possuir um amigo em comum; (2) a probabilidade de interação com um desconhecido é igual para todos os

membros da rede. A partir da aplicação matemática da regra, o resultado da pesquisa sugeriu que as redes sociais poderiam produzir dois modelos: (1) diversos aglomerados minúsculos poucos conectados entre si (pouca conexão), quando os nós conectavam-se através de amigos em comum, ou (2) único aglomerado gigante (hiperconexão), formado através conexões aleatórias, a partir da premissa que todos os nós possuem a mesma chance de conexão. Para os autores, os dois modelos não podem existir simultaneamente. Assim, a partir do experimento, Watts (2009) entende que é mais provável a hiperconexão, ou seja, que cada nó tenha a mesma probabilidade de conexão. O pesquisador explica: “não é apenas provável que o mundo esteja globalmente conectado, mas é quase certo que o mundo seja pequeno no sentido de que praticamente qualquer par de indivíduos pode ser conectar através de uma cadeia curta de intermediários” (WATTS, 2009, p. 52).

No entanto, os pesquisadores ainda não conseguiram esclarecer como o parâmetro alfa pode ser interpretado no mundo real. Assim, deram continuidade à pesquisa com o modelo beta. A proposta simulou a transição de uma rede regular com interações ordenadas para uma rede aleatória com interações desordenadas. O estudo revelou que, na medida em que conexões aleatórias eram criadas nos reticulados regulares, a distância entre os elementos da rede eram encurtados, formando clusters. “A principal observação é que alguns poucos elos aleatórios podem gerar um efeito muito grande”, destacou Watts (2009, p. 58). Além disso, o impacto de tais elos independe do tamanho da rede. Esta conclusão trouxe luz à interpretação do parâmetro alfa. Nas palavras de Watts (2009, p. 59): “Alfa determina a probabilidade de que a rede terminada apresente atalhos de longo alcance, aleatórios, e são os atalhos que fazem todo o serviço.” Isto implica que as redes de mundo pequeno emergem “de um compromisso muito simples entre forças muito básicas – ordem e desordem – e não dos mecanismos específicos pelos quais esse compromisso é negociado.” Deste modo, o fenômeno do mundo pequeno pode ser observado em redes não humanas, pois é um fenômeno universal. O que muda é a gama de parâmetros que produz ordem e desordem em uma determinada rede.

2.2.2.3.3 Redes sem escala

As conclusões de Watts e Strogatz reverberaram positivamente na comunidade científica. No entanto, uma descoberta do grupo de pesquisa de Barabási colocou em xeque os modelos atrelados a cosmovisão randômica de Erdős e Rényi e de Watts e Strogats. Barabási realizou um mapeamento nas páginas da Web e verificou que, apesar de a rede possuir um

grau de conexão médio, há sites com um número exorbitante de conexões, produzindo uma extrema desigualdade na rede (RECUERO, 2011). Ou seja, a tese da conectividade randômica e aleatória não podia ser sustentada diante de uma topologia de redes não igualitárias.

Esta interpretação tornou-se possível com a constatação de que a web possui aglomerados de hubs. Até o momento, se supunha que os hubs eram raros ou inexistentes. Como explica Barabási (2009), se a Web fosse uma rede randômica, a distribuição de links ocorreria de maneira regular. Ou seja, todos teriam as mesmas oportunidades de conexão. No entanto, a existência de grandes hubs revela um ambiente menos democrático do que se julgava. Na verdade, o potencial democrático da web é reconhecido na medida em que a possibilidade de expressão, produção e divulgação de informações, ideias e projetos, por exemplo, é viável para boa parte das pessoas. Contudo, no arranjo em rede, ser ‘ouvido’, ‘visto’, ‘lido’ é privilégio de poucos. É um privilégio destinado aos hubs ou conectores. A quantidade de links de um nó reflete a visibilidade do mesmo. Assim, quanto mais conexão, mais o nó é visto. De acordo com Barabási (2009), os hubs são encontrados na maioria das grandes redes complexas. Tal característica é um dos fatores que fazem a rede parecer um mundo pequeno. Isto porque os hubs criam pontes entre os elementos da rede. Na tentativa de entender como os hubs surgem, Barabási e sua equipe buscaram respostas nas leis matemáticas.

A primeira pista seguida foi a desigualdade de conexões na rede web. Enquanto um grande número de nós concentrava um pequeno número de conexões, um pequeno número de hubs respondia a imensa maioria dos links. Esta observação levou os pesquisadores a investigar a regra 80/20, desenvolvida pelo economista Vilfredo Pareto, no início do século XX. Também conhecida como princípio ou lei de Pareto, a regra revela que há uma grandeza específica a diversos fenômenos complexos, o que explicaria porque 80% das conexões estariam relacionadas a 20% dos nós. Os estudos de redes anteriores seguiam o princípio de distribuição com pico, representando pela curva de sino. No entanto, ao aplicar os dados sobre a conectividade da web no gráfico log-log, os pesquisadores perceberam que a distribuição dos links seguia a lei da potência. A diferença é que, enquanto a distribuição por pico não comporta resultados muito discrepantes com a média – onde a média é o pico de um gráfico –, a distribuição lei de potência é uma curva contínua que abarca extremos, sem produzir médias ou picos, mas revelando desigualdades. Não há um padrão de nó específico, mas uma contínua mutação. Assim, entende-se que as redes com distribuição de grau por lei de potência são livres de escalas.

Ao constatar que as redes sem escala emergem em conformidade com a lei de potência, Barabási reconheceu que há uma dinâmica atuando nas redes complexas muito além da aleatoriedade. Na verdade, o pesquisador enxergou uma ordem que pode ser regida por leis específicas. A busca da ordem estaria presente na dinâmica da transição de fase, quando a lei de potência exerce sua função. “As leis de potência não são apenas uma outra forma de caracterizar o comportamento de um sistema, e, sim, marcas patentes de auto-organização em sistemas complexos”, explica Barabási (2009, p. 61). Deste processo foram extraídas duas leis das redes: crescimento e conexão preferencial.

Barabási reconheceu a necessidade de tratar a rede complexa como um sistema de crescimento contínuo. Tal perspectiva revela um aspecto importante de sua conectividade: os nós mais antigos possuem mais chances de receber conexões em comparação aos nós mais recentes. Já o parâmetro da conexão preferencial busca superar a ideia de aleatoriedade. Esta concepção aponta a tendência para escolhermos nos conectar, por exemplo, com páginas na web com mais popularidade. Barabási (2009, p. 78) explica que “a evolução das redes é governada pela lei sutil, embora inexorável, da conexão preferencial. Guiados por ela, inconscientemente adicionamos *links* a uma taxa mais elevada para escolher nós que já estão altamente conectados.” Esta premissa é traduzida pela ideia que “rico fica mais rico”. Assim, os hubs são resultado das leis de crescimento e de conexão preferencial²⁰.

A explicação parece responder a inúmeras questões que surgem ao analisar as redes complexas na Web, mas alguns pontos de interrogação ainda ficaram sem respostas para os pesquisadores. Como é possível compreender fenômenos como o Google? O sistema de busca foi lançado em 1997, anos depois de alguns pioneiros como Alta Vista e Yahoo! estarem no mercado, e mesmo assim conseguiu se tornar a ferramenta de busca mais popular. A hipótese aventada por Barabási e sua equipe está no padrão de aptidão do nó. O pesquisador explica que, nos sistemas complexos, cada nó possui características específicas independente de sua conectividade. Neste cenário, a rede é percebida como um ambiente competitivo, onde cada nó disputa a atenção de outros nós para atrair conexão. Assim, a aptidão do nó aumenta ou diminui sua capacidade de receber links. Quando maior a aptidão, maior a probabilidade de adquirir links. Através de ferramentas matemáticas, Barabási (2009, p. 93) descobriu que “independente da natureza dos links e dos nós, o comportamento e a topologia de uma rede são determinados pelo formato de sua distribuição de aptidão.” A aptidão interfere na rede de

²⁰ A compreensão da rede sem escalas considera também o processo de declínio da rede. A partir da desconexão, alguns hubs podem perder seu status. No entanto, para Barabási (2009), tal efeito descaracteriza a concepção construída de redes sem escalas. Afinal, a perspectiva encara as redes como sistemas dinâmicos em contínua modificação.

duas maneiras: (1) sem impacto significativo, ou seja, não altera a topologia da rede. Neste caso, a topologia de redes sem escala prevalece, produzindo hubs a partir do fenômeno “apto fica mais rico”; e (2) com impacto significativo. Aqui, a rede é alterada com o fenômeno “vencedor leva tudo”. Ou seja, um nó concentra todos os links a ponto de a rede estruturar-se no formato de estrela e perder a característica de rede sem escala. Apesar de reconhecer o importante papel da aptidão do nó, Barabási ainda não ofereceu ferramentas para mensurar o parâmetro.

A busca de referências teóricas para compressão da dinâmica das redes revela o esforço científico para compreensão do fenômeno. As perspectivas apontadas acima auxiliam na construção de bases para as análises de interações e ações em redes digitais. Assim, iremos observar alguns aspectos das redes sociais e redes sociais digitais que podem contribuir na compreensão da dinâmica do net-ativismo. Nossa intenção não é encontrar respostas precisas, se é que elas são possíveis. O objetivo deste percurso teórico é encontrar pistas que nos ajudem a entender a complexidade do fenômeno.

2.2.2.4 Redes Sociais Digitais

Em certa medida, traçamos algumas características importantes para a compreensão das redes no decorrer deste capítulo. Estas referências oferecem fundamentos para ampliar o espectro em torno da noção de rede, ajudando no entendimento da complexidade do fenômeno. No entanto, é preciso pontuar algumas propriedades relacionadas especificamente com as concepções de rede sociais, assim como das redes sociais digitais.

2.2.2.4.1 Redes Sociais

O reconhecimento da rede como padrão da vida traz um grande desafio para os pesquisadores. É preciso reconhecer as especificidades inerentes a cada rede. Além da topologia, elementos distintos podem produzir dinâmicas singulares e efeitos diversos. Capra (2008) alerta para o cuidado na observação das particularidades em torno das redes sociais em detrimento das redes do campo biológico. Para o autor, o entendimento das redes sociais exige bases de diversos campos do saber como teoria social, filosofia, antropologia. Isto porque as “redes sociais são, antes de tudo, redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder etc.” (CAPRA, 2008, p. 22). Ou seja, no âmbito social humano, as redes sociais seriam redes de comunicação. Capra (2008) ressalta o

caráter autogênico das redes sociais que, a partir das interações no sistema, gera uma teia de pensamentos e significados, produzindo novas formas de comunicação que se retroalimentam continuamente. Para o autor, com o tempo, tal processo culmina no compartilhamento de crenças, valores e significados comuns que dão origem à cultura. Assim, as interações contínuas nas redes sociais garantiriam a identidade dos indivíduos.

Dessa forma, de modo diferente ao que ocorre com os sistemas não humanos, é impossível negar os inúmeros arranjos hierárquicos das sociedades humanas. A observação de organizações em rede no social humano traz uma série de desafios. Horizontalidade e hierarquia são negociadas durante os processos de interação. Não à toa a sociedade em rede, conceito amplamente refletido pelo cientista social Manuel Castells, abarca as contradições do capitalismo contemporâneo. Na perspectiva do autor (1999, p. 565), “as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de rede”. Este cenário revela como a organização social foi alterada, produzindo novos arranjos e processos. Os “fluxos do poder” perdem força e o “poder dos fluxos” ganha importância.

A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social. (CASTELLS, 1999, P. 565)

Para Castells (1999), a rede é concebida a partir da reunião de nós interconectados. Suas reflexões estão situadas no cenário contemporâneo da Era da Informação que inauguraram um novo modelo de rede, a rede de informação. Esta definição abraça as inúmeras formas de negociação que são produzidas entre elementos em relação. Ao aproximarmos o conceito às diversas estruturas econômicas, políticas, comunicacionais, o arranjo em rede é encontrado nas relações engendradas na bolsa de valores, comissões e conselhos políticos, organizações sociais, meios de comunicação, entre outros. Nesta perspectiva, os nós (conectores) possuem poder e o que circula nas redes são fluxos contínuos de capitais e informação. O autor reconhece distinções importantes entre a ideia de rede hierárquica e rede de informação. Enquanto as redes centralizadas comandam as ações produzidas pela estrutura social, as redes de informação permitem que arranjos flexíveis e adaptáveis precipitem movimentos de interesse comum à rede. Como explica o autor:

Uma estrutura social com base em rede é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação. Globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao

processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. (CASTELLS, 1999, p. 566)

No campo das ciências sociais, os estudos das redes sociais são iniciados na década de 1940. No primeiro momento, os estudos da sociometria foram utilizados para estabelecer uma associação entre o comportamento individual e a estrutura social. Seu foco estava relacionado à matemática e à teoria dos grafos como forma de representar a topologia e as relações do grupo social pesquisado. No entanto, os estudos eram limitados a grupos pequenos e informais, pois não havia recursos para automatizar a análise. Em seguida, as investigações buscavam revelar como as relações entre indivíduos, instituições e grupos produziam conjunturas que reverberavam no “fluxo de bens materiais, ideias, informação e poder” (MARQUES, 2006, p. 19). Como explica Marques, o diferencial das análises de redes sociais é seu caráter empírico. As pesquisas observavam o social conectado em rede para acessar propriedades estruturais e funcionais do fenômeno como a manutenção de capital social e as estratégias de cooperação e de competição (MARQUES, 2006; RECUERO, 2011). Com o avanço tecnológico, tal abordagem deu origem a vertente de estudos conhecida como Análise Estrutural de Redes Sociais.

A partir desta perspectiva, como explica Recuero (2011), uma rede social é reconhecida como o conjunto formado por atores e suas conexões. Os atores são os nós da rede que representam indivíduos, instituições ou grupos. Já as conexões são as arestas que revelam interações ou laços sociais. Aqui, para compreender a rede, é preciso lançar o olhar na estrutura social produzida através dos atores e suas interações. Autores como Wasserman, Faust, Carrington, Scott, Wasserman, Degenne, e Forsé compartilham esta definição (RECUERO, 2011).

A professora e pesquisadora Regina Martelato (2007) lembra que a noção de redes sociais nasce da sinergia de diversos campos do saber com conceitos, teorias e métodos das ciências sociais. Para definir rede social, a pesquisadora recorre à definição proposta por Mercklé (apud MARTELATO, 2007, p. 13), o qual reconhece a rede social como “um conjunto de unidades sociais e das relações que estas unidades sociais mantêm umas com as outras, direta ou indiretamente, por meio de encadeamentos de extensões variáveis”. Neste contexto, as unidades sociais referem-se a indivíduos, grupos, instituições ou empresas.

2.2.2.4.2 Redes sociais digitais

A partir das considerações pontuadas sobre redes sociais, podemos reconhecer a formação de redes sociais ao longo da história da humanidade. No entanto, um novo tipo de associação ganha contorno desde o advento da digitalização e da internet: as redes sociais digitais. Mais que estabelecer conexões entre indivíduos através de dispositivos tecnológicos, configurando aquilo que entendemos por redes sociais, as redes digitais conectam num só tempo humanos e não humanos. Tal cenário, como explica Di Felice (2007), traz um tipo de conexão nunca experienciada pelos indivíduos.

De acordo com Di Felice (2007), o processo de digitalização produziu um novo tipo de materialidade capaz agregar homens, territorialidades, biodiversidade através das interações contínuas nas redes digitais. Dessa forma, as redes sociais digitais refletiriam “um social dinâmico e em contínuo devir, algo diferente de um organismo fechado delimitado (...), um social híbrido, perante o qual é necessário repensar o significado da estrutura e da ação social” (DI FELICE, 2007). Este social híbrido e mutante, mobilizado pelo fluxo de informações e pelas interações produzidas nas redes digitais, ressignifica as práticas relacionais, assim com os modos de ação.

Corroborando com Di Felice, Lucia Santaella (2013b) reconhece que a hiperconexão, provocada pela banda larga e pelos dispositivos móveis, tornou possível a emergência de redes compostas por indivíduos, animais, tecnologias, coisas e territórios. Para a pesquisadora, que direciona seus estudos para observação do homem, esta nova dimensão do social deve produzir efeitos significativos na subjetividade coletiva. Santaella apoia-se nas reflexões de Guatarri e seus pares sobre o desenvolvimento da subjetividade. Na perspectiva do filósofo, a subjetividade é fruto das relações produzidas em rede e seus campos de força sociais. Isto implica que os indivíduos são permanentemente estrangidos e engendrados através de inúmeros agenciamentos em rede, que atuam diretamente na construção de suas subjetividades. Por esta ótica, é inegável considerar que as dinâmicas interacionais estabelecidas nas redes sociais digitais afetam o comportamento dos indivíduos e da sociedade.

Com um olhar mais voltado às relações humanas, o pesquisador canadense Barry Wellman, um dos pioneiros nos estudos de redes sociais na internet, considera que as dinâmicas relacionais desenvolvidas a partir das novas tecnologias de comunicação criaram um novo sistema operativo social: o individualismo em rede. Em parceria com Lee Rainie, Wellman (2012) encara o cenário das comunicações mediadas por dispositivos móveis como a reunião de pequenos centros autônomos pessoais. Esta conjuntura supera a ideia de grupos sociais coesos e abre espaço conexões fluidas e diversificadas através de redes de indivíduos.

Apesar de solta e fragmentada, a rede social emerge de maneira consistente quando acionada estrategicamente por um dos seus componentes. Para tanto, são necessários esforços para manter os laços ativos, sejam eles fortes ou fracos. Assim, como ressalta Wellman e Rainie, o individualismo em rede oferece liberdade e exige cultivo social.

A Era da Informação deu novo fôlego para a organização das redes sociais informais e desinstitucionalizadas. Na visão de Castells (1999), as redes sociais digitais proporcionam arranjos cada vez mais horizontais, que privilegiam a força da comunidade em detrimento ao poder centralizado e institucionalizado. Dentro destas redes, o poder coercivo dá lugar a outros tipos de poder – poder de influência e poder dos fluxos (CASTELLS, 1999). As redes sociais digitais conectam assim indivíduos com interesses em comum através laços informais. Para o pesquisador, as redes digitais oferecem um importante papel na difusão de informação e na mobilização de pessoas, devido às propriedades de autonomia e de horizontalidade da rede. Ao situar o papel das redes digitais para os atuais movimentos sociais, Castells (2013, p. 134) explica que “as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir”.

Ao analisar as redes sociais na internet, Recuero (2011) afirma que a dinâmica desenvolvida pelos atores em rede revela as características peculiares desta associação. Um primeiro ponto que distinguiria a rede social na internet é o conceito de ator (ou nó). Como explica a pesquisadora, na web, o nó pode ser a representação de um site, blog ou ferramenta, assim como de um indivíduo ou um perfil de site de rede social. Desta forma, não é exigido dos atores uma representação física/material. O ator digitalizado é um elemento de conexão e de relação entre os diversos nós na rede. A conexão é segundo ponto. Este aspecto diz respeito às interações produzidas na rede que produzem laços sociais. Nos estudos de redes sociais digitais, as conexões são observadas a partir dos rastros sociais construídos na rede e são o ponto chave da análise. Recuero explica que a conexão revela três elementos: interação, relações e laços sociais.

O breve panorama revela uma significativa distinção entre as concepções de redes sociais antes e depois da digitalização. A rede social digital não é um avanço ou uma superação das antigas formas de associação. Na verdade, é outra condição de relacionamento que é experimentada paralelamente aos demais tipos de redes. As redes sociais hierárquicas ainda resistem, assim como as redes sociais formadas por grupos coesos e restritos. No entanto, nesta pesquisa, nosso olhar estará voltado às ações produzidas nas redes sociais digitais. O desafio é imenso. Afinal, é impossível estabelecer um padrão ou estrutura comum

numa dinâmica em constante mutação. Assim, vamos nos apoiar nos estudos de redes sociais para compreender o fenômeno emergente das redes sociais digitais.

A. Tipos de Redes Sociais Digitais

Se as redes sociais digitais possuem particularidades, é possível identificar também uma tipologia que expressa a topologia e a dinâmica destas redes. Para compreender as características destes arranjos, recorreremos à formulação proposta por Raquel Recuero (2011). A pesquisadora defende que as redes sociais na internet podem ser tanto do tipo emergente como do tipo de filiação ou associação. Apesar da divisão, tal tipologia não representa um recorte preciso. É possível encontrar redes híbridas e, dependendo da perspectiva de observação, um ou outro tipo é ressaltado.

A.1 Redes sociais digitais emergentes

A tipologia de redes sociais digitais emergentes revela uma dinâmica conectiva capaz de produzir redes através das trocas sociais. Assim, a rede emerge espontaneamente a partir das interações entre atores sociais no âmbito digital. Isto implica que há a necessidade de uma ação ativa e recíproca durante interações para manter a conexão e, conseqüentemente, a rede. Deste modo, a forma e os atributos das redes emergentes são resultados das interações entre os atores envolvidos.

A realização de trocas entre participantes de uma rede emergente exige esforço. Para criar e manter a rede ativa é preciso dedicar tempo e atenção às interações. Os atores são envolvidos numa dinâmica relacional que pressupõe engajamento. Tal característica repercute nos tipos de relações produzidos nesta rede. De modo geral, percebe-se o surgimento de laços fortes na medida em que a reciprocidade gera confiança e intimidade. Entre as interações possíveis, estão comentários em fóruns, blogs ou redes sociais, compartilhamento de informações, entre outros. Como explica Recuero (2011, p. 95), “essas redes são mantidas pelo interesse dos atores em fazer amigos e dividir suporte social, confiança e reciprocidade. Esse capital é o principal investimento desses atores”. Assim, as redes emergentes traduzem um aglomerado formado por laços de pertencimento.

Devido ao esforço social para sustentar a conexão, a maioria das redes emergentes são pequenas e o número de interações entre os nós é elevado. Topologicamente, tais redes representam clusters altamente conectados, o que pode demonstrar uma maior qualidade das

conexões estabelecidas. Além disso, há uma tendência destas redes se apresentarem como igualitárias e distribuídas e mais instáveis.

A.2 Rede de Filiação ou Redes Associativas

As redes sociais digitais de filiação (ou associativas) são formadas por interações reativas ou conexões passivas. As conexões são produzidas por associações a atores através de sistemas ou plataformas de redes sociais. O sistema simula uma conexão entre os nós e não exige esforço para manutenção da relação. A rede só se desfaz caso todos nós sejam desconectados do sistema. Algo mais improvável de ocorrer do que esvaziamento de uma discussão sobre determinado tema. Desse modo, nas redes de filiação, a manutenção do laço social não é um pressuposto.

Na verdade, nem mesmo a reciprocidade é exigida. Em plataformas como o Twitter ou Instagram, por exemplo, é possível conectar-se a um nó sem a necessidade de retribuição da ação. A conexão é estabelecida unilateralmente sem produzir limitações na rede. Neste sentido, ao contrário das redes emergentes, as redes de associação são substancialmente formadas por laços fracos, o que não impede que laços fortes sejam produzidos nestas redes. Tal característica contribui para redes com uma grande quantidade de nós. Segundo Recuero (2011), este aspecto é um dos mais relevantes para distinguir o tipo de rede observado.

Enquanto o tamanho reduzido das redes emergentes garante que as interações ocorram de modo mútuo e recíproco, dinâmica essencial para manutenção da rede, as redes de filiação comportam uma infinidade de nós sem diminuir a força da conexão associativa. Por outro lado, nestas redes, não é tarefa fácil entender como os laços fortes são sustentados. A complexidade em torno de uma grande rede prejudica a análise das conexões em torno dos laços. Recuero (2011) ainda aponta outras distinções. As redes associativas são mais semelhantes ao modelo de redes sem escalas, onde é possível identificar conectores e a conexão preferencial tem força sobre as ações conectivas dos nós. Assim, a rede tende a ser mais centralizada e estável.

B. Dinâmicas das redes sociais digitais

Compreender as dinâmicas das redes sociais é reconhecer a rede como um ecossistema vivo em constante troca e mutação. Como visto, a rede sofre influência das relações produzidas entre os elementos que a compõem e sem essas interações não há rede. Assim, é

um grande equívoco desconsiderar os fluxos que circulam na rede. Nas redes sociais a premissa é a idêntica. Recuero (2011) explica que as interações entre os atores fomentam processos dinâmicos emergentes que geram inúmeros efeitos na própria rede. É preciso ter claro que as redes sociais são não compostas apenas por pessoas. Como nos lembra Wellman e Rainie (2012, *ebook*, tradução nossa), “a rede social é um conjunto de relações entre membros da rede - sejam elas pessoas, organizações ou nações”²¹. Nas redes sociais digitais, esta concepção é ampliada com a perspectiva que atores humanos e não humanos participam da dinâmica interacional (DI FELICE, 2013b). Dessa forma, observar as interações entre os atores é olhar para todas as conexões geradas pelos nós.

As interações produzidas nas redes sociais modificam continuamente o sistema, produzindo ordem e desordem, agregação e desagregação, auto-organização e adaptação (RECUERO, 2011). Estes fenômenos estão intimamente relacionados às redes emergentes e aos sistemas complexos. Com objetivo de entender os efeitos das interações nas estruturas das redes sociais, Recuero mapeou alguns elementos que atuam nos processos sociais. A ideia não é propor um quadro fixo dos padrões de interações, afinal a natureza das interações é diversa. A intenção é oferecer um panorama que ajude na interpretação das conexões. A pesquisadora explica que a interação social gera processos sociais a partir de três padrões: cooperação, competição e conflito; ruptura e agregação; e adaptação e auto-organização.

B.1 Cooperação, competição e conflito

A cooperação diz respeito às interações que evidenciam ações colaborativas em torno de atividades e interesses em comum. Segundo Recuero (2011), esta interação está no cerne das estruturas sociais. É a cooperação que cria e mantém a estrutura da rede social. A interação cooperativa supõe que os atores estabelecem conexões com um objetivo comum à rede. Nestas interações, as habilidades e os recursos de cada ator somam-se às dos demais integrantes, compondo uma inteligência coletiva em torno de uma ideia, ação ou projeto. A cooperação é reconhecida, por exemplo, nas ações net-ativistas. Esta ação em rede é dinamizada por diversos elementos da rede – indivíduos, banco de dados, plataformas de redes sociais, redes de comunicação, etc. -, que acionam inúmeros efeitos a partir de suas interações. Assim, a ação desenvolvida cooperativamente produz uma rede que não pode ser definida *a priori*, mas que é resultado de inteligências em interação. Como visto, a cooperação

²¹ No original: “A social network is a set of relations among network members— be they people, organizations, or nations”.

é um padrão permeado de outras dinâmicas. Assim, a cooperação é investigada também em relação a esforços competitivos e conflituosos.

Ogburn e Nimkoff (1965) atribuem o fenômeno da competição à necessidade de obtenção de algo num contexto de escassez. Assim, a competição é produzida na disputa entre os atores para conquistar coisas que parecem ser insuficientes para todos os interessados. Neste sentido, a competição não está apenas ligada ao alcance de bens materiais, mas também a necessidades subjetivas como poder, prestígio, evidência, segurança. Nas redes sociais, o sentimento de escassez alimenta a constante luta travada entre os indivíduos. Os atores interagem com objetivo de disputar algo. Para tanto, podem associar-se a outros atores, formando uma ação cooperativa-competitiva. Neste molde, a competição pode fortalecer a rede social ao fomentar interações para atingir um fim comum (RECUERO, 2011). Nas redes sociais digitais, por exemplo, é possível perceber a emergência de aglomerados a partir da precipitação de eventos. Um fato específico fomenta inúmeras conexões em torno do evento, onde os atores produzem interações com fluxos diversos, mas que, na observação da rede construída, é possível reconhecer a formação espontânea de associações que competem com outros arranjos. Aqui, poderíamos citar as disputas em torno de questões de gênero, raça, credo. Do mesmo modo, as ações de ataque e de defesa a blogs, vídeos, sites. Para Ogburn e Nimkoff (1965), a competição ganha contornos de conflito quando a ação estiver direcionada aos competidores e não mais ao objeto de desejo.

Recuero (2011) explica que as interações de conflito tendem a gerar hostilidade e ruptura da estrutura social. Isto porque a ação muitas vezes mobiliza violência e agressão. Do mesmo modo que a competição, o conflito pode ser produzido em ações cooperativas. Recuperando as ideias de Simmel (1950 e 1964), a pesquisadora lembra que o conflito é condição para a emergência de redes. O paradoxo é sustentado pela perspectiva que sistemas completamente harmônicos são incapazes de transformações e de evolução. Assim, o conflito é reconhecido como fator de fortalecimento da estrutura social e de mudanças necessárias. De um lado, o conflito é capaz de produzir coesão na rede, e do outro, romper com o *status quo*. Desta forma, o conflito não é necessariamente fator de destruição da rede, mas de sua transformação.

B.2 Ruptura e Agregação

As dinâmicas de ruptura e agregação estão relacionadas à concepção de clusterização de Barabási (RECUERO, 2011). Como visto, as redes complexas estão em constante

evolução. Tal fenômeno é decorrente da propriedade de conectividade da rede. Na medida em que o sistema cresce, é possível reconhecer que alguns nós obtêm mais conexões que outros, tornando-se conectores. Com o tempo, a tendência é que estes clusters atraiam ainda mais conexões, desempenhando a função de pontes entre os demais elementos da rede. Além disso, a clusterização forma agrupamentos na rede. Poderíamos entender a agregação como uma dinâmica fomentada pelas interações cooperativas. Já a ruptura é decorrente de conflitos em rede. Esta ruptura não pode ser classificada como boa ou má, justa ou injusta. Na verdade, o movimento de ruptura é tão natural como o de agregação numa rede. De certa forma, com explica Recuero, a manutenção da rede também depende dos processos de ruptura.

B.3 Adaptação e Auto-Organização

As características da adaptabilidade e da auto-organização estão presentes na maioria das redes complexas. Tais propriedades são essenciais para que os sistemas possam evoluir. Afinal, estas redes são abertas, emergentes e em constante desequilíbrio. Tanto nas redes sociais como nas redes sociais digitais, a dinâmica estrutural não é estática. As interações provocam diversos efeitos, exigindo que a rede se adapte e se reorganize a partir destes fluxos interacionais. Este processo é contínuo. As interações geram efeitos cíclicos na rede, produzindo novos padrões estruturais. Isto só ocorre quando as conexões podem ser estabelecidas sem limites ou barreiras. Como explica Recuero (2011, p. 89), “que exista circularidade nessas informações, para que os processos sociais coletivos possam manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo”.

Os atributos e características das redes desafiam os pesquisadores a observar os fenômenos contemporâneos e as ações net-ativistas. As perspectivas de rede apresentadas neste capítulo buscam oferecer indícios para a compreensão das dinâmicas interacionais produzidas nas redes sociais digitais. Como visto, a complexidade dos fenômenos em rede colocam em questão as raízes das interações e ações em rede e exigem um olhar menos condicionado para observar os fluxos interacionais que emergem da ação. Assim, seguimos o percurso teórico na tentativa de entender como a ideia de ação também foi alterada com o advento das redes digitais.

3. DO ATIVISMO AO NET-ATIVISMO: AS NUANCES DA AÇÃO NAS REDES DIGITAIS

A problematização básica deste capítulo refere-se à concepção da ação em redes digitais, o net-ativismo. Recuperar e compreender esta expressão pode esclarecer questões ainda difusas, assim como suscitar inquietações adormecidas. É evidente a complexidade que envolve o tema e a impossibilidade de esgotá-lo neste estudo. Dessa forma, foi estabelecido um recorte teórico que apresenta um panorama das pesquisas sobre a ação em redes digitais. Para interpretar a ação no contexto das redes sociais digitais, o tema foi contemplado através da categorização das teorias sociológicas sobre ação social desenvolvida pelos pesquisadores Di Felice, Torres e Yanaze (2012). O percurso busca entender como as teorias sociológicas tradicionais compreendem a ação social e apresentar novas chaves para o entendimento do net-ativismo, através das imagens conceituais da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), do Ato Conectivo (DI FELICE, 2012, 2013b, 2014), da Cosmopolítica (STENGERS, 2010), da Ecologia Política (LATOUR, 2004) e da Transfiguração do Político (MAFFESOLI, 2005).

A compreensão da ação social em redes digitais exige atenção uma vez que diversas expressões tentam traduzir esta nova dinâmica. Afinal, ciberativismo, net-ativismo, ativismo online, ativismo digital dizem respeito ao mesmo fenômeno? A confusão não ocorre à toa. Várias palavras que tentam nomear este contexto são quase tão jovens quanto o fenômeno a que se referem²². O uso de neologismos e de adjetivos tenta definir uma noção de ativismo que se diferencia dos conceitos já reconhecidos nas ciências sociais. No entanto, diante das diversas nomenclaturas e distintas noções da ação em redes digitais, percebe-se a urgência de se esclarecer alguns termos e conceitos empregados.

3.1 Ativismo

A palavra ativismo encontra referências no alemão, *Aktivismus*, no início do século XX. O termo refere-se à justaposição das palavras *aktiv* + *ismus*. *Aktiv* possui origem no latim, *āctīvus* (*āctum* – ato, ação e *agere* – fazer, agir). Um dos amplificadores do termo *Aktivismus* foi o ativista alemão Kurt Hiller (1885-1972), quando, em 1914, incorporou a expressão aos seus discursos e práticas (TÓTH, 2010). Líder do movimento em prol dos direitos dos homossexuais na Alemanha, Hiller utilizou a tática do ‘ativismo literário’ para resistir e enfrentar a opressão dos regimes totalitários. Embasado nas concepções marxistas e

²² As palavras ativismo, internet, ciberespaço, redes digitais são do século XX e XXI.

anarquistas, o ativismo literário alemão atuava pacificamente. De acordo com Edit Tóth (2010), o movimento renunciou a ação política direta e atuou poética e artisticamente com o objetivo de alterar a política através da mudança cultural e espiritual.

Não à toa o léxico ativismo nasce e ganha impulso no século XX. A crise da modernidade evidenciou ainda mais as tensões entre a população e seus representantes políticos. Tornou-se inevitável nomear a ação produzida pelos indivíduos. Contudo, até os dias atuais, o termo ativismo ainda não possui uma definição clara. Para esclarecer o termo, recuperamos a definição de ativismo no Dicionário de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (1987). No compendio, a expressão está relacionada à militância, ação direta e agitação. Sua ação diz respeito às mobilizações e práticas em âmbitos revolucionários, políticos, estudantis e sindicais. Para Ávila (1987, p. 96-97), ativismo “é a militância permanente, a atividade constante nesses setores da sociedade”, reforçando que é “impulsionado por aqueles que já alcançaram um nível mais alto de consciência nos setores já mencionados da vida cotidiana”. Ávila recorre às obras de Lenin (1870-1924) para conceituar o termo. Apesar de não encontrar referências sobre instruções a ativistas, o autor identifica a importância atribuída à agitação pública para alcançar os objetivos do movimento. O autor afirma que:

Possivelmente as diretrizes dadas por Lenin a respeito do ativismo frutificaram em vários países e épocas, mas também geraram na esquerda tradicional um leninismo escolástico, a simples repetição teórica do sentido do ativismo sem a sua prática política. O resultado foi que, contemporaneamente, em todos os âmbitos, verificaram-se movimentos de atualização do ativismo em que se reivindicavam a espontaneidade, as lutas contra a burocratização das organizações, o repúdio das institucionalizações estáticas (ÁVILA, 1987, p. 96).

A agitação corresponde à ação de líderes e membros de movimentos revolucionários com objetivo de “incitar a opinião pública contra um governo opressivo ou contestável e contra o sistema social” (ERÖS, 1987, p. 28). A prática pode ser associada à ação de cidadãos ativistas que mobilizam um grupo de pessoas em prol de uma mudança social. Em certa medida, ativismo e militância caminharam juntos. Por esta ótica, o ativismo ganha caráter ideológico e organizado. Isto porque, na militância, “o objetivo revolucionário seria levado a cabo através da unidade da vontade, ação e disciplina dentro do partido” (CATUOGNO; FONTÁN, 1987, p. 762). Sem pressupor necessariamente a ação política, a perspectiva da ação direta oferece uma concepção mais ampla do ativismo do que quando relacionado à militância. Diz respeito ao movimento estratégico voluntário que tem como finalidade

provocar a modificação da condição social. A ação direta e a ação social são consideradas sinônimas (GARMENDIA, 1987, p. 10).

As definições apontadas acima oferecem um pequeno panorama para compreender as teias que permeiam o ativismo. Contudo, estas reflexões não esgotam a discussão. Para atualizar o(s) significado(s) de ativismo no século XXI, recorreu-se às considerações elaboradas pelo pesquisador de culturas digitais Tim Jordan, em seu livro *Activism! Direct Action, Hacktivism and the future of society* (2002). Jordan aponta três marcos para a construção do ativismo na modernidade: (1) o desenvolvimento das sociedades industriais e movimentos sociais que acompanharam essas transformações; (2) a politização dos movimentos ativistas que ganharam potência com a luta de classe; e (3) o surgimento de movimentos sociais preocupados com questões universais. A primeira fase reflete os conflitos políticos, culturais, econômicos e sociais provocados pelo processo de industrialização da sociedade. Surgem, neste período, as lutas pelos direitos das mulheres, os movimentos abolicionistas, a organização sindical de trabalhadores. Em seguida, a partir da Revolução Russa, o ativismo ganhou contornos mais evidentes da luta de classe e atualizou a concepção da polaridade esquerda-direita. Contudo, apesar da predominância de ações relacionadas à questão burguesia/proletariado, diversos tipos de lutas políticas foram promovidos no período.

Jordan (2002) entende que a gênese do ativismo estaria permeada de transgressão, solidariedade, coletivo e ação. A transgressão é uma ação que rompe com as normas sociais, culturais, econômicas e políticas vigentes com o objetivo de transformar a condição social. A solidariedade seria constituída a partir das interações estabelecidas entre indivíduos com os mesmos propósitos transgressores. Este aspecto produz o sentido de coletividade necessário para o movimento ativista ocorrer. Isto porque não basta apenas reunir pessoas, é preciso formar um grupo transgressor coeso e afinado para produzir a ação ativista. No entanto, mesmo reunindo estas premissas, as ações ativistas podem atuar de modos distintos: (1) legitimando as instituições sociais existentes, ou seja, reivindicando mudanças nestes órgãos, mas conservando seu poder, ou (2) exigindo a ruptura e a reconstrução das esferas de poder, mesmo sem o desejo de assumir o poder. O pesquisador traduz esta diferenciação utilizando-se da relação com o tempo. Os primeiros criticam o presente a partir da observação do passado (história). Já o segundo tipo olha para o futuro (desconhecido) para questionar o presente.

Para o pesquisador Massimo Di Felice, a concepção de ativismo midiático está relacionada à primeira fase do net-ativismo. Sua origem remonta à década de 1990, quando o conceito de ciberativismo surge para compreender a difusão de informações produzidas por

movimentos sociais através da internet, bem como a promoção de discussões em fóruns (DI FELICE, 2013b). Nesta fase encontram-se as ações resultantes dos passos iniciais da internet. O ativismo seria produzido a partir de movimentos internacionais temáticos, operando de maneira semelhante às redes centralizadas (DI FELICE, 2013b).

A segunda fase do ciberativismo é inaugurada com as primeiras formas de conflitualidades sociais em rede (DI FELICE, 2013b). O grande protagonista deste marco foi o movimento Zapatista, no México, em 1994. O movimento foi o primeiro modelo de protesto global que utilizou a internet para distribuir sua mensagem²³. A estratégia de comunicação adotada pelos zapatistas ultrapassou fronteiras e atingiu não apenas a sociedade mexicana, mas todo o mundo, colocando o “grupo local de rebeldes de pouca expressão para a vanguarda da política mundial” (CASTELLS, 2002, p.104). Di Felice associa esta fase à topologia de redes descentralizadas. Isto porque o autor reconhece o surgimento de diversas formas de conflitualidades originadas nas redes digitais a partir de ações provocadas por grupos e atores diversos (DI FELICE, 2013b). Esta conflitualidade é “distinta do conflito de classes e das lógicas das disputas políticas institucionais próprias da sociedade industrial – cujo objetivo não é a conquista do poder” (DI FELICE, 2013b, p. 57). O ativismo perde fronteiras e ganha visibilidade.

O início do século XXI marca a terceira fase do ativismo digital. O período corresponde ao surgimento da web 2.0, do social network e dos dispositivos móveis. O pesquisador afirma que o termo ciberativismo é superado neste cenário, pois não há mais a separação entre *offline* e *online*. As ações acontecem nas duas esferas, muitas vezes surgindo no ambiente online, em seguida ganhando as ruas. Para Di Felice (2012), o net-ativismo expressa melhor a ideia do ativismo conectado e sintetiza os novos aspectos da opinião pública.

Características do net-ativismo

Estudos elaborados pelo Centro de Pesquisa Atopos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em parceria com centros de pesquisas internacionais²⁴, identificaram características que permeiam as ações net-ativistas (DI FELICE, 2013b):

²³ Reportagem sobre as Manifestações Neozapatista. Disponível em:

<<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/03/10/manifestacoes-neozapatistas/>> Acesso em: 20 jul. 2014.

²⁴ A pesquisa “Net-ativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais” contou com apoio do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (CeaQ), Sorbonne, Paris V; Núcleo Italiano de Midiologia (N.I.M.), Universidade IULM de Milão; Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem (CECL), Universidade Nova de Lisboa. (Di Felice, 2013, p 58).

A primeira característica diz respeito à ecologia das ações e suas múltiplas localidades. Ou seja, as ações originam-se nas redes digitais e seguem para as ruas. Para Di Felice, não há mais distinção entre o mundo real e o virtual e os indivíduos passam a não ser apenas habitantes do território, mas também das redes inteligentes. Esta nova ecologia agrega dispositivos de conectividade, corpos e informações digitais, através de diferentes tipos de atores e interações.

A não linearidade das ações é a segunda característica. Ela resulta da dinâmica complexa e volátil das redes digitais que está imbricada nas ações e interações produzidas de diversos actantes²⁵. Dessa forma, entende-se que as ações net-ativistas não nascem apenas do campo político e reivindicatório. A ação em redes digitais reflete a “condição habitativa, proporcionada pela conectividade aos circuitos informativos territoriais” (DI FELICE, 2013b, p.59).

Outro ponto apreendido pela pesquisa é a recursividade das ações net-ativistas. Como explica Di Felice, além das demandas públicas, as reivindicações evidenciam a expressão de exigências internas. Ao pressupor transparência, democracia e decisão coletiva, a ação torna-se dinâmica e capaz de tomar novas direções. Um quarto aspecto refere-se ao anonimato e à recusa de uma identidade política, ideológica e institucional. Essas características fornecem autonomia e liberdade para o movimento. Isto porque as ações net-ativistas não habitam o espaço de disputa pelo poder. Não há interesse em assumir o poder institucional e sim atingir demandas específicas.

Para compreender a ideia de ação em redes digitais, vamos seguir o percurso proposto por Di Felice *et al.* (2012) que dividiram a teoria da ação em três eixos distintos: (1) ação social transitiva; (2) ação social exotópica; (3) ação em rede. Para tanto, vamos retomar algumas bases da sociologia para discorrer sobre as categorias propostas pelos autores e observar as nuances da ação em redes digitais.

3.2 Ação Social e Ação em Rede

3.1.1 Três Pilares da Sociologia

Se o conceito de ativismo ganha espaço no século XX, a ação social é um tema caro para as ciências sociais desde o surgimento da sociologia, no século XIX. Como se sabe, a

²⁵ A Teoria Ator-Rede parte do pressuposto de qualquer coisa, ideia ou pessoa que produza efeitos no mundo, não apenas humanos, mas também dispositivos, são atores (actantes).

própria sociologia emerge das preocupações de filósofos e cientistas sobre os efeitos decorrentes da revolução industrial e da revolução francesa na sociedade. Estes dois marcos provocaram mudanças tão profundas na economia, política e cultura que exigiram um olhar para a sociedade apoiado em pressupostos epistemológicos e metodológicos. Evidente que a atmosfera do período clamava por esta racionalização. Afinal, a modernidade dá voz, ouvidos e olhos à razão. As ciências naturais e matemáticas já refutavam e consolidavam diversos paradigmas. É neste contexto que a perspectiva filosófica da sociedade abre espaço para a perspectiva científica e surgem as primeiras teorias que têm como objeto de estudo a sociedade.

Rios (1987) explica que a ação social possui raízes na filosofia escolástica medieval e ganhou novas interpretações a partir das filosofias do movimento e do desvio. O esforço da escolástica era tornar a ação e a contemplação complementares. Já o idealismo alemão, “cindindo de modo irreparável espírito e realidade, levou ao predomínio da ação sobre a contemplação e, finalmente, à absorção desta por aquela” (RIOS, 1987, p. 11). Mas é no século XIX que a ação social é percebida como estratégia para enfrentamento de questões sociais e das contradições do racionalismo.

Os três pilares da sociologia – Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber – observaram a sociedade a partir de posições epistemológicas e metodológicas distintas, oferecendo perspectivas singulares sobre a ação social. Será apresentado um pequeno panorama das concepções de ação social propostas pelos referidos autores para formular um pano de fundo das propostas mais contemporâneas. Compreende-se que o esboço é uma síntese arbitrária, visto que cada concepção teórica exigiria um aprofundamento conceitual bem maior. Contudo, a apresentação de tais conceitos é relevante para a compreensão da ação em redes digitais.

Com raízes no positivismo, Durkheim (1858-1917) entende que a ação social é socialmente determinada e que as instituições públicas devem ser fortalecidas para resgatar a ordem social. Assim, observar os indivíduos não responderia questões caras à sociologia. Para Durkheim (1895), seria preciso debruçar-se nos estudos dos fatos sociais para compreender a forma que os indivíduos agem coletivamente. Ou seja, para Durkheim, a sociologia é a ciência dos fatos sociais. O autor explica que:

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1895, p. 13, grifo do autor).

Esta perspectiva de observação da sociedade está engajada no prisma funcionalista que percebe a sociedade como um fenômeno organizacional. Nesta visão, a sociedade é concebida com um sistema, formado por diversas partes que estão subordinadas às normas sociais. Portanto, como explica Nery (2005, p. 48), os fatos sociais “constituem-se na força que os fenômenos sociais acabam por exercer sobre os indivíduos e grupos, levando-os a conformarem-se às regras da sociedade em que vivem, de forma independente de suas vontades ou escolhas”. Assim, a ação dos indivíduos não é resultado de motivações internas, mas sim de fatores exteriores. Durkheim especifica os fatos sociais investigáveis a partir de três critérios: exterioridade, coercitividade e generalidade.

Steven Lukes (1977) lembra que a concepção de ‘fato’ empregada por Durkheim é relativa à ‘coisa’, o que reforça o atributo de sua exterioridade ao indivíduo. Dessa forma, fato social denota “fenômenos ou fatores ou forças e, com a regra de que deveriam ser estudados como coisas, significaria que devem ser encarados como ‘realidades exteriores ao indivíduo’ e independentes do aparelho conceitual do observador” (LUKES, 1977, p. 20). Nesta perspectiva, a escola, a religião, a legislação são exemplos de fatos sociais, já que são transmissoras da ordem social. Deste modo, estes imperativos morais, que permeiam as mais diversas esferas da sociedade, são responsáveis pela integração social (ou laço social) entre os indivíduos. A crise social surge quando essas diretrizes não são cumpridas pelos indivíduos.

Para Lukes, o equívoco de Durkheim foi lançar uma fronteira entre a sociedade e o indivíduo ao estabelecer sua tese ontológica. Dedicando-se a comprovar que a compreensão do social seria encontrada na observação dos fatos sociais, Durkheim desconsidera aspectos importantes como as relações e interações sociais entre indivíduos, grupos sociais e instituições. Assim, Durkheim banaliza a dinâmica fecunda desenvolvida entre os atores sociais e sua força de ação frente às estruturas de poder impostas. O pensador legitima a autoridade institucional para o estabelecimento de uma sociedade ideal, equilibrada e sem conflitos. Há uma ordem que precisa ser obedecida e os sujeitos estão subordinados a esta força externa. Qualquer manifestação de repúdio, inadaptabilidade e questionamento é sinal de crise moral. Este cenário assemelha-se a lógica comunicacional típica das mídias de massa, no qual o emissor (instituição) dirige informação aos receptores (indivíduos) de maneira hierárquica e autoritária (DI FELICE, 2007).

Enquanto Durkheim defendia que os fatos sociais direcionavam a atuação dos indivíduos na sociedade, Karl Marx (1818-1883) coloca seu olhar no sistema econômico para compreender a sociedade moderna. Diferentemente dos positivistas, Marx entende que as tensões produzidas pelo capitalismo revelam a natureza intrínseca da sociedade industrial

(ARON, 1999). Assim, a partir da observação da relação do homem com o mundo material e da organização do trabalho e seus conflitos, seria possível entender a realidade social. É a partir dessa premissa que Marx estrutura as relações sociais entre os homens.

Os materialismos dialético e histórico constituem recurso epistemológico e metodológico da obra de Marx. O autor entende que a interação entre os homens e a natureza e dos homens entre si pode explicar a história humana e seu devir. Essas relações seriam desenvolvidas no âmbito do trabalho. Assim, ao observar a ação do homem sobre a natureza, seria possível compreender a sociedade. No prefácio do livro *Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política*, Marx (1859) pontua que:

A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência.

Esse trecho revela o materialismo dialético do pensamento de Marx. O sociólogo Carlos Eduardo Sell (2010, p. 50) explica que, embora a obra de Marx seja permeada de ambiguidades nas discussões sobre o agente social e a estrutura social, “a valorização dos fatores econômicos como condicionantes dos processos sociais confere um forte caráter ‘holista’ ou ‘estruturalista’ ao pensamento deste autor”. A perspectiva dialética marxista ainda oferece um novo prisma sobre a relação entre indivíduo e sociedade. A teoria de Marx busca evidências nas relações sociais de produção para desenvolver sua sociologia. Marx entende que o homem e a sociedade são constituídos e modificados mutuamente a partir das interações engendradas no âmbito do modo de produção durante o curso do processo histórico-social (SELL, 2010). Assim, o materialismo histórico consegue analisar a evolução da sociedade ocidental a partir das modificações das forças produtivas e suas contradições que geraram classes sociais e ideologias distintas.

A luta de classes é a base da sociologia de Marx, sendo representada em diversos períodos da história. Na modernidade, o ocidente divide-se em duas grandes classes: proletariado e burguesia. No entanto, Aron (1999, p. 167-168) lembra que para uma classe social ser reconhecida é preciso que “haja tomada de consciência de unidade e sentimento de separação das outras classes sociais”, além de uma “comunidade de atividade, de maneira de pensar e de modo de vida”. Para Marx, as classes sociais não deviam ser confundidas com grupos sociais. Isto porque, como explica Aron (1999, p.168), a classe social “implica, além

da comunidade de existência, a consciência dessa comunidade no plano nacional e a vontade de uma ação comum, com vista a uma certa organização coletiva”.

Dessa forma, Marx considera que a ação produtiva dos indivíduos constrói a história humana, assim como o próprio homem (QUINTANEIRO *et al.*, 2002). A ação do homem no mundo do trabalho representa seu ser social e coletivo. É esta ação que ocupa as reflexões de Marx e que constitui o elemento capaz de oferecer interpretações sobre a sociedade no passado, presente e futuro.

Sem uma oposição direta ao marxismo, a sociologia de Max Weber buscou ampliar o olhar sobre a sociedade para além das causalidades provocadas pelos processos econômicos. Para Weber, esta perspectiva revelava-se limitante. Assim, buscou entender como o materialismo histórico de Marx poderia oferecer explicações sobre a história social, culminando no desenvolvimento da sociologia compreensiva (QUINTANEIRO *et al.*, 2002, p. 97). Na perspectiva de Weber, a sociologia é a ciência da ação social. Dessa forma, cabe à sociologia compreender a ação social, interpretando-a para então explicar seu desenvolvimento e efeitos.

Convicto da impossibilidade de compreender a sociedade em sua totalidade, a sociologia de Weber preocupa-se em entender o sentido atribuído pelo indivíduo a sua conduta para, assim, perceber sua estrutura inteligível (ARON, 1999). Weber reconhece a linha tênue que separa o campo da ação e da ação social e esclarece:

Por “ação” se designará toda a conduta humana, cujos sujeitos vinculem a esta ação um sentido subjetivo. Tal comportamento pode ser mental ou exterior; poderá consistir de ação ou de omissão no agir. O termo “ação social” será reservado à ação cuja intenção fomentada pelos indivíduos envolvidos se refere à conduta de outros, orientando-se de acordo com ela. (WEBER, 2002, p. 11).

Neste contexto os “outros” referem-se a “indivíduos conhecidos ou desconhecidos, ou podem constituir uma quantidade indefinida” (WEBER, 2002, p. 37). Dessa forma, é preciso que o agente da ação oriente sua conduta direta ou indiretamente a outros sujeitos. A ação social é reconhecida quando leva em conta o outro. “Nem todo tipo de contato entre seres humanos tem um caráter social, mas apenas quando a ação do indivíduo é significativamente orientada para os outros” (WEBER, 2002, p. 37). Do mesmo modo, a conduta direcionada aos objetos inanimados não é considerada ação social.

Para Weber, entender o sentido da ação social é fundamental para compreender os fenômenos sociais. Afinal, como explica Andrade (2008, p. 84), Weber considera que “o comportamento coletivo se estrutura a partir do momento que esse sentido da ação se

fortalece ou enfraquece”. Aron (1999) lembra que, para Weber, a ação social é organizada através das relações sociais. O conceito de relação social também é caro para o teórico e diz respeito ao contexto em que “duas ou mais pessoas estão empenhadas numa conduta onde cada qual leva em conta o comportamento da outra de maneira significativa, estando, portanto, orientada nestes termos” (WEBER, 2002, p. 45). Ou seja, para Weber, a relação social ocorre quando os agentes da ação orientam-se reciprocamente diante de probabilidades e expectativas da atitude do outro, quanto a seu significado. Portanto, para compreender a sociedade, é preciso investigar os significados subjetivos impregnados na ação e nas relações sociais. Como ressalta Andrade (2008, p.84), “não é relevante para Weber determinar o que acontece em uma sociedade, mas que tipo de mentalidade levou à realização das ações”.

Atento à dificuldade de analisar o amplo universo de condutas humanas, Weber estabelece a classificação dos tipos de ação por quatro sentidos: finalidade, valor, afetiva e tradicional. (1) A ação racional relacionada aos fins refere-se a condutas produzidas para atingir objetivos determinados. Nesta ação há expectativas que objetos externos e indivíduos comportem-se de uma maneira específica e, para tanto, as ações combinam os meios para alcançar tais objetivos. (2) A ação racional relacionada aos valores pressupõe que o indivíduo não se preocupa com resultado da ação e age conforme suas crenças, mantendo-se fiel a seus valores. Assim, a ação é motivada pelo valor – ético, estético, religioso, por exemplo. (3) A ação afetiva ou emocional é determinada pelo estado emocional do sujeito e não está baseada nos resultados da conduta ou no sistema de valor. (4) A ação tradicional obedece aos costumes, hábitos e crenças arraigados durante uma longa prática (WEBER, 2002; ARON, 1999). Apesar da diferenciação dos tipos de ação estabelecida, Weber não ignora o fato de as ações possuírem duas ou mais motivações.

O quadro teórico desenvolvido por Weber ofereceu indícios para que o autor demonstrasse como os grupos sociais e as estruturas sociais são formados. Para Weber (2002), entende-se como comunidade a relação social cujo sentido da ação social é fundamentado na solidariedade (ação afetiva e ação tradicional). Já as sociedades são constituídas da relação social motivada por reconciliação e ajustes de interesses (ação racional de finalidade e ação racional de valor).

As três correntes sociológicas expostas resumidamente neste trabalho revelam as raízes da sociologia tradicional moderna que coloca o homem na posição privilegiada e central nos seus estudos. Este percurso teórico inspirou diversos pesquisadores que se dedicaram a compreender a ação social durante os séculos XX e XXI. Contudo, diante do advento das novas tecnologias, a ação ganhou novas nuances e exige ajustes na observação

dos fenômenos sociais. Para compreender tal perspectiva, a discussão sobre a ação social será observada através da categorização proposta por Di Felice *et al.* (2012). Os autores dividiram a teoria da ação em três eixos distintos: (1) ação social transitiva; (2) ação social exotópica; (3) ação em rede.

3.1.2 Teoria da Ação Social Transitiva

No grupo da teoria da ação social transitiva estão reunidos estudos que percebem a ação social como resultado de condutas intencionais produzidas por sujeitos em direção ao externo, a partir de motivações subjetivas (DI FELICE *et al.*, 2012). Assim, a ação inicia-se a partir de estímulos internos do próprio indivíduo para, em seguida, ser direcionada para o ambiente que o circunda. A descrição desta categoria remete à perspectiva de ação social desenvolvida por Max Weber. Weber é um dos autores que, ao lado de Jürgen Habermas, compõe os pensadores deste eixo.

Ressalta-se que Max Weber ocupou-se em entender as ações sociais para, assim, compreender a sociedade. Para o autor, só as ações produzidas por sujeitos e orientadas significativamente a outros indivíduos eram consideradas ações sociais. Ou seja, para Weber, as ações sociais só ocorrem no âmbito das relações sociais humanas. Apesar de as ações abarcarem intenções e contextos diversos, o ponto fundamental diz respeito às condutas cujo sentido é orientado direta ou indiretamente a outros sujeitos. Portanto, ações realizadas em direção aos objetos não ocupavam suas análises sociológicas. Do mesmo modo, Weber desconsiderava as ações produzidas a partir da relação dos indivíduos com seu entorno, como meio ambiente, animais, clima, etc. Cabe ressaltar que Weber minimizou a influência de imperativos exteriores na atuação da ação humana, condicionando a ação social aos sentidos subjetivos dos agentes.

Assim como Weber, o sociólogo e filósofo Jürgen Habermas desenvolveu uma perspectiva da ação centrada no agir humano. Ambos ocuparam-se em refletir sobre o processo de racionalização do mundo moderno que, ao contrário do que foi anunciado pelo mito iluminista, se converteu na dominação do homem pelo próprio homem. No entanto, Habermas buscou, a partir de vertentes da filosofia alemã e do pragmatismo americano, construir uma concepção racionalista da sociedade que supera o paradigma da consciência para propor o paradigma da comunicação (PINTO, 1995). Para tanto, estabeleceu diálogos com diversos pensadores, como Max Weber, Karl Marx, Adorno, Horkheimer, entre outros, colocando em xeque as concepções teóricas e filosóficas que norteavam tais autores. Este

percurso levou Habermas a elaborar novas perspectivas para a teoria crítica da sociedade fundamentada nos processos de comunicação intersubjetiva.

O caminho sugerido pelo filósofo Flávio Siebeneichler (2010) ajuda na compreensão das concepções que fomentaram o desenvolvimento da teoria da ação comunicativa. O pesquisador lembra que o desenvolvimento da Teoria da Ação Comunicativa teve início a partir das reflexões sobre os conceitos de Aristóteles e de Tomás de Aquino. Habermas retoma a formulação de Aristóteles, que considera o homem um animal político (*zoon politikón*), e a assertiva de Tomás de Aquino, que percebe o homem como um animal social e político (*sociale et politicum*), para desenvolver a premissa: “o homem é um animal que, graças à sua inserção originária numa rede pública de relações sociais, consegue desenvolver as competências que o transformam em uma pessoa” (HABERMAS, 2007, p. 19-20). Ou seja, para Habermas, o homem só se constitui enquanto sujeito quando vivencia experiências no mundo social e estabelece interações com outros sujeitos (HABERMAS, 2007).

Esta concepção direcionou Habermas a propor uma investigação sobre a razão comunicativa. Para Habermas, a racionalidade instrumental não abarca a complexidade da racionalidade humana, tornando-se insuficiente compreender e analisar a sociedade moderna. Siebeneichler nos lembra que esta mudança epistêmica levou Habermas a reformular o conceito de racionalidade desenvolvido por Weber, estabelecendo uma distinção entre trabalho e interação. Na percepção de Habermas, trabalho refere-se a uma ação instrumental (ação teleológica) e/ou escolhas racionais (ação estratégica). Habermas (1969, p. 57) explica que a “a ação instrumental orienta-se por regras técnicas que se apoiam no saber empírico”, enquanto a conduta da escolha técnica “orienta-se por estratégias que se baseiam num saber analítico”. A interação é o elemento ímpar da ação comunicativa e caracteriza-se como “uma atividade racional e intersubjetiva mediada por símbolos e pela linguagem” (SIEBENEICHLER, 2010, p. 18). Habermas entende que as interações devem seguir “normas de vigência obrigatória”. Este aspecto garante que as expectativas recíprocas de comportamento possam ser entendidas e conhecidas por, ao menos, dois sujeitos dotados de fala e ação (HABERMAS, 1968).

Tomando emprestada a teoria dos atos de fala dos filósofos ingleses Austin e Searle, Habermas compreende que o ato de fala permite que os sujeitos estabeleçam relações entre si para transmitir sentidos sobre o mundo (PINET, 2004). O professor Pinet explica que, para Habermas, o mundo representa o conjunto de entidades constituintes das possibilidades de argumentos verdadeiros. Assim, inspirado nos estudos de Karl Popper, Habermas estabeleceu uma divisão que organiza a intersubjetividade humana no mundo objetivo das coisas, mundo

social das normas e mundo subjetivo dos afetos. Esta distinção auxiliou Habermas a reconhecer, além da ação comunicativa, outros três tipos de ação: ação teleológica, ação normativa e ação dramática.

Ação teleológica: corresponde à ação que exige tomada de decisão para alcançar determinado objetivo. O agir ganha aspectos estratégicos quando a ação é orientada a aperfeiçoar as chances de conquistar propósitos específicos (HABERMAS, 2012). Aqui, os sujeitos agem direcionados a um fim diante de um mundo objetivo das coisas. Este mundo, diz Habermas (2012, p.167), “é definido como o conjunto dos estados de coisas que subsistem ou passam a existir, ou que podem ser criados por meio de intervenções voltadas a esse fim”.

Ação normativa: abarca as ações orientadas por normas implícitas e explícitas. As normas refletem acordos estabelecidos dentro um grupo social, condicionando a ação e a expectativa dos indivíduos que participam de um contexto social (HABERMAS, 2012). Pressupõe-se que os sujeitos estejam aptos a diferenciar os critérios produzidos durante uma situação social daqueles que foram estabelecidos por normas (HABERMAS, 2012). Nesta ação, os sujeitos agem no âmbito do mundo objetivo das coisas e no mundo social. O mundo social corresponde ao universo das normas que orientam as interações entre os indivíduos e aos próprios indivíduos a quem estas normas são direcionadas. No entanto, como explica Habermas (HABERMAS, 2012, p. 171, grifo do autor), “uma norma subsiste ou goza de validade *social* quando é reconhecida *como válida* ou como justificada pelos destinatários dela mesma”. As ações podem ser reguladas por normas jurídicas, morais e culturais.

Ação dramática: compõe ações compostas de sujeitos que adotam atitudes performáticas e estilizadas para interagir com o público. Estas ações têm como objetivo revelar ou omitir a subjetividade (pensamentos, sentimentos, emoções) do sujeito em interação, através de escolhas estilizadas de expressão. A ação exige que o sujeito, “ao apresentar uma visão de si mesmo, tem de se relacionar com o seu próprio mundo subjetivo” (HABERMAS, 2012, p. 176). O mundo subjetivo é composto da totalidade de vivências subjetivas, quando estas vivências são “externadas com veracidade” (HABERMAS, 2012, p. 177). Neste sentido, a ação dramática é realizada através do mundo interior e do mundo exterior. Contudo, quando o sujeito percebe seu público como adversário, sua ação ganha componentes estratégicos. A espontaneidade é colocada de lado em detrimento de um comportamento racionalmente orientado (HABERMAS, 2012).

Ação comunicativa: compreende a interação que produz uma relação interpessoal, através da ação de dois ou mais sujeitos, dotados de capacidade de fala, com objetivo de estabelecer o entendimento sobre o contexto da ação e coordenar seus planos de ação

(HABERMAS, 2012, p. 166). Enquanto na ação teleológica, normativa e dramatúrgica, a linguagem assume condição de *medium* ao transmitir intenções, valores e autoencenação, respectivamente, no agir comunicativo a linguagem é o *medium* de entendimento para mediar a compreensão de inúmeras situações, sendo capaz de reunir todas as funções da linguagem. A investigação da ação comunicativa pressupõe a análise da racionalidade comunicativa envolvida nas interações entre sujeitos em busca de entendimento através da linguagem (FERREIRA, 2011). É importante lembrar que o entendimento é um conceito caro à teoria habermasiana. Afinal, a ação comunicativa refere-se à ação orientada ao consenso. A competência comunicativa constitui-se a categoria que explica a capacidade de os sujeitos obterem entendimento através de condições ou saberes intuitivos universais (ZASLAVSKY, 2003, p. 36).

Para Habermas, o entendimento é almejado quando os argumentos buscam atender as pretensões de validade e as visões de mundo dos sujeitos agentes. Assim, a intersubjetividade da ação comunicativa permeia os três mundos – objetivo das coisas, social das normas e subjetivo dos afetos. A linguagem ganha relevância na medida em que a ação comunicativa é orientada ao entendimento e estabelece referências ao mundo (HABERMAS, 2012). Assim, a razão comunicativa exige o exercício da racionalidade argumentativa entre intersubjetividades que, através da linguagem posta em diálogo, buscam consenso a partir de dois processos: o cognitivo e a união entre os sujeitos. Isto implica que a estrutura teleológica permeie também a ação comunicativa, assim como ocorre nas demais ações (HABERMAS, 2012). Esta ação estabelece um processo com vistas ao entendimento, produzindo uma dinâmica entre os participantes que negociam e buscam consenso a partir das pretensões de validade expostas. Contudo, Habermas esclarece que não se deve confundir a ação comunicativa com o ‘ato de entendimento’ e explica que “o agir comunicativo assinala interações que se coordenam por ações de fala, sem no entanto coincidir com elas” (HABERMAS, 2012, p. 195).

Apesar de Max Weber e Jürgen Habermas desenvolverem teorias distintas sobre a ação social, em momentos históricos diferentes, o percurso trilhado por ambos revela similitudes quando se considera a categoria de ação transitiva proposta por Di Felice, Torres e Yanaze (2012). Weber e Habermas reconhecem que a ação estabelece uma relação social entre os envolvidos, através do qual os sujeitos agem em direção ao externo com objetivos e propósitos determinados. Para os teóricos, a ação é conduzida por indivíduos dotados de racionalidade e com capacidade de interação. Deste modo, o não humano – artefatos, tecnologia, biodiversidade, territórios, etc. – são percebidos como recursos capazes de auxiliar este processo.

É importante destacar que, no contexto de elaboração dessas teorias, inexistia a concepção de sociedade e de comunicação em redes digitais tal como é apresentada na atualidade. E, sem dúvida, a perspectiva teórica de Habermas representou avanços significativos ao processo de conhecimento sobre a ação comunicativa. A partir de suas contribuições, outros estudos desenvolveram a noção de “redes de intersubjetividades” no âmbito das “redes sociais colaborativas”. Todavia, observar o fenômeno net-ativista por esta ótica implica em perceber as ações em redes digitais dotadas fundamental e exclusivamente de estruturas teleológicas com vistas a outros sujeitos. Conforme essa concepção, a ação nasce e é produzida unicamente pela subjetividade do indivíduo que, ao direcionar este ato a outros indivíduos, estabelece a ação social. Neste sentido, a ação seria uma projeção do sujeito (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012). Por esta ótica, a compreensão da ação nas redes sociais a exemplo do movimento “Põe no Rótulo” ficaria restrito às motivações racionais humanas que levaram a construção da ação, assim como sua manutenção. Buscar-se-ia compreender apenas quais os objetivos, expectativas e estratégias dos sujeitos envolvidos no movimento, suas visões políticas e ideológicas sobre a temática. Essas questões de fato são importantes, contudo, ater-se exclusivamente a este olhar, limita a dimensão da complexidade que envolve a dinâmica da ação em rede. O caminho teórico-metodológico construído neste estudo entende que é preciso seguir outros rastros que contemplem também a dinâmica dos agrupamentos na contemporaneidade, as temáticas que fomentam as ações, suas características, bem como entender o papel das tecnologias e das redes digitais no desenvolvimento destas ações (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012).

3.2.3 Teoria da Ação Social Exotópica

A teoria da ação social exotópica oferece um referencial oposto à perspectiva de ação social transitiva. Conforme Di Felice, Torres e Yanaze (2012), aqui a ação é percebida como algo externo, que se impõe ao sujeito, condicionando-o dentro da estrutural social. Assim, a realização da ação pelo indivíduo é algo improvável ou mesmo impossível, já que é limitado a fatores externos ao sujeito. Esta categoria perpassa diversos teóricos que desenvolveram considerações sobre a sociedade nesta perspectiva, entre eles estão Platão, Émile Durkheim e Hannah Arendt.

A cosmologia de Platão, refletida no mito do *Político*, induz à compreensão de alguns pontos da perspectiva platônica sobre a ação. O professor de filosofia Marcelo Perine retoma

o diálogo para apreender as reflexões do filósofo acerca do drama humano e do drama cósmico. O mito expresso a partir dos ciclos cósmicos – era de Cronos e era de Zeus – reflete a condição de julgo ao governo de deus a qual o mundo é submetido. Se na era de Cronos a autonomia da ação humana é cerceada, na era de Zeus esta autonomia é exigida (PERINE, 2006a). Contudo, pressupondo que o Bem e a bondade do Dermiugo provocaram o surgimento do cosmo, Platão, ao elaborar o discurso sobre o cosmo, encontra a solução para o conflito ético humano “na imitação e no seguimento da ordem estabelecida por deus no universo” (PERINE, 2006a, p. 55). Assim, a perspectiva platônica da ação humana estaria submetida às instruções divinas, ou seja, ao ideal de ação a ser perseguido.

Para o professor de filosofia Richard Oliveira (2003), o mito revela um equívoco da concepção de político legitimado na época. O político era reconhecido como o pastor de homens. No entanto, como explica Oliveira, este status eleva os governantes da era de Zeus à condição de divindades do tempo de Cronos. E é esta confusão que Platão busca esclarecer. Para o filósofo, a ideia de pastor estabelece uma hierarquia entre os homens que não é compatível com a era de Zeus, já que governantes são tão humanos quanto seu povo. Nesta perspectiva, a política perde a essência divina e assume caráter humano. Diante desta realidade, Oliveira (2003) esclarece que “tudo o que os governantes humanos podem fazer é se esforçar por imitar a excelência da arte divina de governar, usando em suas ações o exemplo paradigmático de Cronos”. Esta concepção é alcançada por Platão na medida em que ele desenvolve suas ideias no discurso do Político. Como explica Oliveira, primeiro Platão reconhece que o verdadeiro homem político é o sábio, posto alcançado através do cultivo da ciência ou da arte. Esta assertiva leva-o a minimizar o papel das leis na condução da sociedade. Platão parte da ideia de que, diante de um homem sábio, as leis são incapazes de produzir justiça e equidade. No entanto, a tarefa de encontrar um governante virtuoso, que exerce sua soberania norteadas pela ciência e arte, revela-se improvável. Afinal, qual governante humano poderia atuar como deus? Concordando com a impossibilidade de dispor desta figura sábia e imparcial, Platão admite que o único meio para alcançar um governo justo seria através da legislação. A legislação seria o instrumento que carregaria a ordem política ideal. Isto porque Platão reconhece que, diante da ausência de Cronos, o homem revela-se frágil para enfrentar os desafios da *anánke* (necessidade). Dessa forma, a partir do paralelismo entre macrocosmo e microcosmo, é preciso tomar como referência *noûs* (inteligência) para alcançar uma ordem entre os homens e a política (PERINE, 2006b).

O processo de secularização trouxe um novo olhar sobre o mundo. Se antes as ações eram condicionadas por imperativos dos deuses, novos fatores assumem este papel na

modernidade. Como visto, esta perspectiva pautou os estudos de Émile Durkheim. Para o teórico, só as ações sociais constituem objeto da sociologia. A partir desta perspectiva, Durkheim delimita que a ação é social quando produzida através de fatos sociais. Assim, ações de sujeitos que possuem origem orgânica e psíquica estão fora do escopo sociológico, bem como ações que não contemplam a participação de indivíduos. Esta premissa revela que, para o autor, ao agir socialmente, o homem não possui autonomia, pois suas ações estão subordinadas à força dos fatos sociais. Para Durkheim (1895, p. 3), os fatos sociais “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele”.

Assim, para compreender uma ação social, é preciso reconhecer a causa que a produziu, ou seja, o fato social, bem como sua função. Do mesmo modo, para determinar a causa de um fato social, é preciso analisar os fatos sociais antecedentes e não os indivíduos. Para Durkheim, a função do fato social é encontrada na sua finalidade social. Isto porque o autor entende que todo fato social produz “efeitos socialmente úteis” (DURKHEIM, 1895, p. 78). No entanto, o teórico explica que os fenômenos sociais podem variar de acordo com o modo de associação entre suas partes constituintes, ou seja, da forma como as coisas e as pessoas geraram determinado conjunto ou sistema. Na categoria de coisas, Durkheim (1895, p. 87) considera “objetos materiais que são incorporados à sociedade, os produtos da atividade social anterior, o direito constituído, os costumes estabelecidos, os monumentos literários, artísticos, etc”. Esta perspectiva revela que o autor reconhece a influência das ‘coisas’ na produção dos fatos sociais, no entanto, entende que elas possuem uma função passiva na sociedade.

Com efeito, eles [as coisas] pesam de alguma forma sobre a evolução social, cuja velocidade e mesmo a direção variam conforme o que forem; mas eles [as coisas] não possuem nada daquilo que é necessário para colocá-la em movimento. Eles [as coisas] são a matéria sobre a qual se aplicam as forças vivas da sociedade, mas, por si mesmos, não liberam nenhuma força viva. Resta portanto, como fator ativo, o meio propriamente humano (DURKHEIM, 1895, p. 87).

Neste sentido, as coisas não produzem forças que provocam transformações. A vida social seria resultado do ser coletivo, das associações produzidas por consciências individuais que, ao se relacionarem, criam uma nova forma de existência. Para Durkheim, o fato social estabelece a integração social. Assim, a sociedade pode funcionar plenamente. Para garantir este modelo de organização social, o autor atribui à educação, assim como à política, o papel de transmitir os valores morais.

Algumas considerações de Hannah Arendt também ajudam a compreender a perspectiva da ação exotópica. No livro *A Condição Humana*, Arendt elabora reflexões acerca da natureza da sociedade moderna, através de atividades que permeiam a *vita activa*²⁶. Para a autora, os homens são condicionados por tudo aquilo que o circundam. Isto implica que o condicionamento é produzido tanto pelas circunstâncias impostas pela natureza quanto pelo resultado das atividades humanas, sejam elas coisas, valores, comportamentos, etc. Dessa forma, Arendt (2007, p. 17) entende que “tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana”. Esta reflexão direciona a filósofa a afirmar que a existência humana não seria possível sem as coisas. Estabelece-se aí uma relação dialógica, onde homem produz e dá sentido às coisas como também é produzido e ganha sentidos a partir das coisas. No entanto, Arendt ressalta que estes condicionantes não provocam influências de modo absoluto.

As condições humanas atuam nas três atividades da *vita activa*, a saber, labor, trabalho e ação (ARENDR, 2007). De maneira resumida, o labor refere-se às atividades biológicas e naturais inerentes à vida. O trabalho corresponde à atividade de construção de um mundo artificial, de transformação da natureza, onde a mundanidade é a condição humana do trabalho. Já a ação diz respeito às formas que os homens se manifestam uns com os outros. Aqui a pluralidade humana é requisito para realização da ação e do discurso. Arendt estabelece um paralelo entre as atividades e suas condições e a própria existência humana. Assim, o labor garante a sobrevivência da espécie; o trabalho, sua permanência; e a ação, sua história. Das três atividades, a ação é exclusiva ao universo humano, já que é uma atividade social que requer a presença de outros homens, como explica Arendt (2007, p.31): “Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem; nem um animal nem um deus é capaz de ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença de outros”.

Apesar de considerar a ação como condição humana, Arendt encontra na dissolução da esfera privada e, conseqüentemente, na ascensão da esfera social a raiz da privação da ação. Ao absorver a esfera da família em grupos sociais correspondentes, a sociedade moderna retirou o poder de opinião, de decisão e de comando até então representados pelos chefes de família. Diante do surgimento da sociedade de massas, o papel de comando é delegado à esfera social que passa a controlar os membros da sociedade. Aniquila-se, deste modo, a possibilidade de ação e, por conformismo, estabelece-se o comportamento.

²⁶ Arendt entender vida activa por “a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente.” (ARENDR, 2007, p. 31).

Um fator decisivo é que a sociedade, em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de ação, que antes era exclusiva do lar doméstico. Ao invés de ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a ‘normalizar’ os seus membros, a fazê-los ‘comportarem-se’, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada. (ARENDT, 2007, p. 50).

Se, na modernidade, o homem perde seu espaço de ação, o início desta desapropriação é longo. Com explica Arendt, as três características da ação – imprevisibilidade dos resultados, irreversibilidade do processo e anonimato dos autores – assustam os humanos desde a história da escrita (ARENDT, 2007). A ação pressupõe liberdade. Liberdade de agir, de falar, de relacionar-se. Isto implica que a ação não reconhece limites e fronteiras. Por estabelecer relações, cada ação lança sementes no terreno fértil da vida e não há como controlar a colheita. Até mesmo quando é possível reconhecer o *locus* da ação é impossível determinar seu fim já que suas consequências são ilimitadas. O reconhecimento destas características levou o homem a buscar inúmeras alternativas para controlar as ações, ou seja, substituir a ação pela fabricação (ARENDT, 2007).

Tanto os homens de ação quanto os pensadores sempre foram tentados a procurar um substituto para a ação, na esperança de libertar a esfera dos negócios humanos daidentalidade e da irresponsabilidade moral inerente à pluralidade dos agentes. (...) Redundam sempre na busca da proteção contra as calamidades da ação numa atividade em que o homem, isolado dos demais, seja o senhor dos seus atos do começo ao fim. Essa tentativa de substituir a ação pela fabricação era visível em todos os argumentos contra a ‘democracia’, os quais, por mais coerentes e racionais que sejam, sempre se transformam em argumentos contra os elementos essenciais da política. (ARENDT, 2007, p. 232).

Arendt explica que o surgimento do governo revela a tentativa de limitar a ação humana. A autora retoma as reflexões de Platão sobre a divisão dos dois modos de ação – *archein* (começar, iniciar) e *prattein* (realizar, agir) – para garantir o controle das ações dos governantes. Assim, para Platão, os governantes assumiram o papel de iniciar a ação (*archein*), ou seja, ordenar, e o povo seria convocado a realizar a ação (*prattein*). A Arendt explica que “a ação, como tal, é inteiramente eliminada, e passa a ser mera ‘execução de ordens’” (ARENDT, 2007, p. 235). Desde então, o cidadão é excluído da esfera pública que passa a ser comandada pelo soberano. Resta, ao homem comum, cumprir ordens. A evolução desse processo culminou na ascensão da esfera pública tal como é concebida hoje.

A partir daí, os interesses e opiniões reverberam apenas a voz dos representantes políticos, que ‘traduzem’ o interesse comum. A unicidade impõe-se a pluralidade (ARENDT, 2007). O surgimento da sociedade desloca também a esfera privada da família para a esfera

pública, onde são realizadas as atividades inerentes à sobrevivência individual (labor) e à permanência da espécie (trabalho). O resultado disto é a sociedade de trabalhadores, onde a atividade de sobrevivência é realizada em espaço público. Esta mudança altera a própria vida orgânica do homem, que passa a ser controlada pela sociedade. Nas palavras de Arendt (2007), “a esfera social, na qual o processo da vida estabeleceu o seu próprio domínio público, desencadeou um crescimento artificial por assim dizer, do natural”.

É a partir desta perspectiva que a filósofa questiona a possibilidade de ação no mundo. Mesmo reconhecendo que a capacidade de agir é condição humana, o controle social foi amplamente produzido com a sociedade de massas, tornando improvável a realização da ação. Ao reduzir a pluralidade de condição humana, paga-se o preço da extinção da ação.

As perspectivas apontadas acima foram construídas em épocas distintas a partir de diversos fundamentos teóricos e filosóficos. No entanto, é possível reconhecer as preposições que ora reconhecem a ação como resultado de interferências externas ao sujeito ora negam a própria realização da ação pelos indivíduos. No entanto, apesar das limitações, a ação ainda seria atributo unicamente humano. Quando a ação é negada ao homem, trata-se de extinguir qualquer ação. Quando se admite que a ação é imposta por influências externas, é através do homem que este processo ocorre.

Como é possível refletir sobre a ação net-ativista a partir desses referenciais? Afinal, neste enfoque, os fatores externos impõem ou negam a ação humana. Assim, o net-ativismo seria compreendido como condutas e comportamentos que estão subordinados a interesses involuntários aos indivíduos. Além disso, o ecossistema comunicativo digital deveria ser observado apenas como espaço de realização destas condutas, retirando-se o papel catalisador das redes digitais na dinâmica das ações net-ativistas. Nesta perspectiva, a ação em rede é concebida como resultado apenas de fatos e influências externas. Os inúmeros arranjos que dinamizam o agrupamento são descartados, negando-se a possibilidade da construção de espaços simbólicos de ação. Essa corrente também desconsidera as novas formas de interação fomentadas com o advento das tecnologias de comunicação que permitem que humanos e não humanos atuem conjuntamente produzindo um novo social e que são contempladas no estudo ora desenvolvido.

3.2.4 Teoria da Ação em Rede

Se as perspectivas teóricas e filosóficas da ação social estiveram em disputa com a emergência das ciências sociais e com os desafios impostos pela modernidade, nas últimas

décadas, o campo foi amplamente influenciado pelos novos processos sociais e comunicacionais provocados pelo advento das novas tecnologias de comunicação. Diante da sociedade em rede, as teorias da ação social clássicas são postas em questão. Isto porque as concepções clássicas não conseguem abarcar a complexidade produzida quando atores não humanos também assumem a ação. Além do homem, aparatos técnicos, bits e bytes, território, meio ambiente agem em rede e imprimem uma nova dinâmica interacional.

Na tentativa de propor novas perspectivas para investigação nas ciências sociais, Bruno Latour, Michel Callon, John Law e Anne-Marie Mol iniciam uma trajetória de pesquisas sobre ciência e tecnologia que rompem com os estudos convencionais do campo. De acordo com Hernández (2003), Latour e Callon buscaram inspiração conceitual em dois eixos: a filosofia da ciência de Michel Serres e o Programa Forte em Sociologia do Conhecimento, iniciado pelo filósofo-sociólogo David Bloor. Do primeiro, resgatam o conceito de tradução, e do segundo desdobram o princípio metodológico da simetria. O percurso dos autores também sofre influências da noção de inscrição desenvolvida por Jacques Derrida, do conceito de rizoma elaborado por Deleuze e Guattari e da perspectiva de dispositivo produzida por Michel Foucault (HERNÁNDEZ, 2003). Esta postura epistemológica fez emergir uma teoria social balizada nos estudos de ciência e tecnologia, a Teoria Ator-Rede (TAR), que lança novas luzes sobre ação e poderá ajudar a compreender a ação em rede dos movimentos net-ativista, no caso em estudo, o movimento “Põe no Rótulo”.

A TAR foi desenvolvida com a intenção de superar a separação entre sujeito e objeto. Assim, desconsidera os limites impostos *a priori* pelas estruturas sociais para ocupar-se em “reconstruir *a posteriori* os laços, as relações e suas qualidades” (DI FELICE, 2013b, p. 42) dentro de um ecossistema reticular. Na TAR, só a partir do rastreamento das conexões é possível definir e ordenar o social. No livro *Reagregando o Social*, Latour (2012) apresenta conceitos importantes para compreender como a TAR pode ser utilizada para analisar agregações dinâmicas que não possuem fronteiras delimitadas e dispensa um capítulo específico para refletir sobre a ação dentro desta perspectiva.

A redefinição do termo ‘social’ é movimento caro à TAR. Para Latour, há inúmeros equívocos em torno desta expressão nos estudos da sociologia quando se restringe a noção de social à esfera humana. Para Latour (2012, p. 17), na perspectiva clássica, o social é concebido como um “ingrediente que se supõe diferir do outros materiais”. Ou seja, o social abrange uma esfera singular dentro de um amplo universo composto de vários domínios – biológico, econômico, natural, etc. Assim, as ciências sociais ocuparam-se em investigar os fenômenos relacionados exclusivamente ao social humano (LATOUR, 2012). No entanto,

para Latour, esta percepção de social é limitada e reducionista. O autor recorre à origem etimológica da palavra social para fundamentar seu raciocínio. Com raízes no latim (*socius*), social designa associação. Esta referência direciona o autor num percurso argumentativo que buscar retirar o caráter fixo do termo e revelar sua fluidez enquanto resultado de associações. O significado ‘social’ é profundamente ampliado quando passa a representar a conexão entre diversas entidades, superando a restrição do termo apenas aos humanos, ou seja, aos vínculos sociais. Latour (2012, p. 25) sintetiza sua concepção de social com os seguintes termos: “Definirei o social, não como um domínio especial, uma esfera exclusiva ou um objeto particular, mas apenas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação”. Ao deslocar o social para uma esfera que abrange humanos e não humanos, Latour redefine o objeto de investigação sociológica em torno dos híbridos. Assim, a linha que separa homens e natureza desaparece, ampliando o campo de investigações para a antropologia (LATOUR, 2000).

Na medida em que propõe uma nova concepção do social, Latour rompe a tendência de explicar os fenômenos investigados através dos arranjos sociais humanos. Para o autor, a tarefa do pesquisador é compreender as associações em torno do contexto investigado e não pressupor que o social humano é chave de interpretação do fenômeno. De acordo com Latour, o grande equívoco dos cientistas sociais foi confundir “aquilo que deviam explicar com a explicação” (LATOUR, p. 2012, p. 27). Esta perspectiva não implica na negação das associações humanas, apenas entende que continuar seguindo as pistas deixadas apenas pelos humanos não oferece respostas satisfatórias. Assim, a sociologia da associação (teoria ator-rede ou sociologia da tradução) busca investigar as conexões entre os mais diversos atores para compreender o social.

Para a Teoria Ator-Rede, o humano e o não humano produzem ação. Isto significa que computadores, celulares, internet, mídias digitais, livros, instituições, territórios, meio ambiente, etc., deixam de ser observados apenas como recursos e ferramentas disponíveis para a ação humana e ganham status de mediadores. Isto implica que a inquestionável condição do homem como centro da ação é substituída pelo reconhecimento que os elementos não humanos também produzem ação e podem assumir papéis fundamentais em um dado contexto. E são os próprios atores que irão elucidar o social a partir do rastreamento das associações, tarefa até então delegada aos pesquisadores na sociologia tradicional. Latour explica:

Para empregar um *slogan* da ANT, cumpre “seguir os próprios atores”, ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de

descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer. A sociologia funciona bem quando se trata daquilo que já foi *agregado*, mas nem tanto quando o problema é reunir novamente os participantes naquilo que não é – *ainda* – um tipo de esfera social. (LATOUR, 2012, p. 31).

A compreensão das associações ocorre com a observação das redes. Na TAR, a rede é aspecto chave para entender o social. Aqui, a noção de rede ultrapassa as concepções de estruturas fixas, que permitem a passagem de coisas, como uma rede ferroviária ou uma rede de computadores. Para a TAR, rede é movimento, fluxo, circulação de elementos heterogêneos. É aquilo que é produzido na troca entre as coisas (LEMONS, 2013). A rede engloba atores humanos e não humanos dinâmicos, instáveis e imprevisíveis, que podem se redefinir e criar novas associações. Portanto, a rede é incerteza, instabilidade, devir. Recuperando conceitos propostos por Callon, Moraes (2003) explica que uma rede de atores ocupa tanto o papel de ator quanto o de rede. É ator na medida em que estabelece alianças com outros elementos. E é rede porque se redefine e se transforma diante destas associações.

Esta concepção de rede é uma tese ontológica proposta por Latour que busca revelar a hibridez dos elementos humanos e não humanos e questionar as dicotomias produzidas na modernidade. Esta perspectiva será base da sua filosofia da ciência, da ciência em ação. A pesquisadora Márcia Moraes traz apontamentos relevantes para compreensão da obra de Latour, conforme assinalado por Eli Borges Jr. (2014). A autora (MORAES, 2003, 2000) discorre sobre como Latour inspirou-se nos trabalhos de Michel Serres e de Deleuze e Guattari para desenvolver sua concepção de rede. Moraes explica que a filosofia mestiça de Serres já propõe um conceito ontológico da rede, ultrapassando a sua noção topológica. Longe de configurar dispersão aleatória, para Serres, a rede representa o real heterogêneo, construído por uma pluralidade de pontos irregulares (MORAES, 2000, p. 3). Para Serres, assim como para Latour, a ciência nasce da bricolagem, da mistura, do híbrido. O elemento puro é impossível. Todas as entidades – humanas e não humanas – são relacionais. E, ao estabelecer relações, transformam-se em híbridos. Isto ocorre com a ciência, o social, a cultura, o meio ambiente, etc. A ciência emerge das redes. O social nasce das associações. E o próprio espaço-tempo também é resultado de associações, emerge da rede, como explica Lemos (2013, p. 54): “O espaço-tempo se constitui como rede (relação entre coisas produzindo espacialização – o espaço criado no movimento entre objetos e lugares; e a comunicação entre as coisas mudando suas qualidades sensuais – o tempo)”. Assim, a rede é o hibridismo, a experimentação. Moraes (2000, p. 3) lembra que Serres propõe uma causalidade semicíclica

para a noção de rede. Isto implica que rede pode ser causa e feito, mas também pode ser causa sem efeito, causa perdida ou causa de efeitos sem causa.

Moraes (2000) traz um exemplo ilustrativo utilizado por Serres: o jogo de xadrez. No espaço-tempo do jogo, dois adversários compõem redes distintas que se transformam mutuamente a partir do dinamismo e das associações produzidas durante a partida. Neste sentido, a preocupação de Latour é observar o movimento produzido nas associações, não a estrutura da rede. Ou seja, Latour propõe que o olhar seja lançado para as ações que emergem a partir da interação entre os adversários, o tabuleiro e o espaço-tempo do jogo, não apenas para o tabuleiro, não apenas para os jogadores. No texto no qual Latour descreve um diálogo socrático com um aluno de doutorado, é possível compreender a distinção que o autor deseja estabelecer:

Estar conectado, estar interconectado, ser heterogêneo, não é o suficiente. Tudo depende do tipo de ação que está fluindo de uma coisa para outra. Em inglês é mais claro: no termo *network*, há a *net*, a rede, e o *work*, o trabalho. Na verdade, deveríamos dizer *worknet* ao invés de *network*. É certamente o trabalho, o movimento, o fluxo e as mudanças que devem ser enfatizados. Mas agora estamos atados à *network* e todos pensam que nós nos referimos à *World Wide Web* ou algo do tipo. (LATOUR, 2006, p. 340).

Portanto, para Latour, o que importa é aquilo que emerge da conexão e não a estrutura em si. “Rede é conceito, não coisa”, ressalta o autor (2012, p. 192). Latour explica que o conceito de redes técnicas dificulta o entendimento da expressão ‘ator-rede’. Isto porque a representação gráfica das redes conseguiu ilustrar a inter-relação de pontos através de linhas conectadas, mas não foi capaz de revelar o movimento produzido nas associações (LATOUR, 2012). Para autor, esta ideia de rede é limitada, pois a rede é o traço deixado por um agente em movimento. A rede pressupõe transformação, ou seja, tradução. Callon (2008) explica que o conceito de tradução diz respeito à circulação e ao transporte entre dois ou mais pontos. Dessa forma, quando não há rastros, não há informação, portanto não há o que observar (LATOUR, 2006). É preciso olhar aquilo que circula nas associações para encontrar o social. Assim, cabe ao pesquisador seguir os rastros e contemplar as circulações, inscrições, traduções e mediações produzidas no movimento de associação. Ou seja, observar a ação que constitui redes.

A Teoria Ator-Rede revela uma nova perspectiva da ação. A ação é rede. A ação é movimento. A ação é mediação. Esta noção distancia-se dos conceitos de ação desenvolvidos pelas categorias a ação social transitiva e exotópica. Enquanto a primeira entende que as ações sociais são produzidas intencionalmente pelos homens, a segunda acredita que o homem é

condicionado por fatores externos e comporta-se de determinada maneira. Já na TAR, a ação é o resultado de uma reunião de inúmeros conjuntos de funções. A ação pressupõe coletivo (LATOUR, 2012).

A TAR procura liberta-se da tendência em atribuir à ação uma determinação social ou individual. Para tanto, preocupa-se em descobrir as incertezas e controvérsias “em torno de quem e o que está agindo quando ‘nós’ entramos em ação” (LATOUR, 2012, p. 74). O ‘nós’ é uma entidade difusa, instável, dinâmica. É o ator-rede que atua em conjunto com inúmeras entidades. Ou seja, o ator é resultado da rede e age a partir da dinâmica de outros atores-rede. “Empregar a palavra ‘ator’ significa que jamais fica claro quem ou o quê está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar” (LATOUR, 2012, p. 75). Este ponto de vista retira a ação de um campo previsível e estruturado. Afinal, se ação exige atores-redes, sua dinâmica é um devir contínuo que é moldado pelo movimento entre atores-redes.

Para ressaltar a liberdade de movimento do ator-rede e da dinâmica da ação, Latour recuperou referências da teoria das narrativas para definir alguns conceitos fundamentais. O termo *actante* foi absorvido como sinônimo de ator, da expressão ator-rede. Utilizado na semiótica greimasiana, a expressão busca enfatizar a multiplicidade de personagens que atuam numa cena, ou seja, numa ação (BORGES, 2014). No palco, humanos e não humanos atuam concomitantemente, sem hierarquias, divisões de classe, privilégios definidos *a priori*. Todos são fundamentais para que a cena, ou melhor, a ação ocorra. Os actantes são mediadores, ou seja, produzem transformação. Este aspecto é crucial para TAR, pois ao serem reconhecidos como actantes, as ações produzidas pelos não humanos deixam de ser negligenciadas pelos investigadores e passam a oferecer pistas sobre o fenômeno pesquisado.

Lemos (2013) lembra que os actantes também são redes. Dessa forma, o aparente aspecto de individualidade e coletividade é ilusório. Na medida em que são retiradas as camadas que envolvem as associações, os actantes revelam-se como caixas-pretas. Ao abri-las, o pesquisador encontrará redes que formam o actante investigado. O actante é resultado da rede, como explica Lemos (2013, p. 44): “Não há fenômenos coletivos, nem individuais, só há circulação de ação e ilusão (de macro e micro, de coletivo e individual) produzida pelos instrumentos de coleta. São eles que geram esses fenômenos”. Os actantes, portanto, são constituídos de mediações produzidas no curso das mais diversas ações. É possível realizar a compreensão desta perspectiva ao observar um computador. De maneira geral, é comum conceber o equipamento como uma unidade fixa e estável. No entanto, ao enquadrá-lo como actante, a TAR reconhece que o dispositivo é resultado de associações de inúmeros outros

actantes. O equipamento emerge da associação de matérias-primas diversas, cientistas, laboratórios, pesquisas, técnicos, livros, manuais, indústrias, dinheiro, transporte, entre tantos outros actantes.

Dessa forma, a preocupação da TAR é seguir os rastros deixados nas ações para então descrever e elucidar o social. Se ação é produzida por actantes, é preciso segui-los (LEMOS, 2013). No entanto, Latour (2012, p. 76) ressalta que este processo exige cautela. “Se se diz que um ator é um ator-rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação”. Daí o grande desafio do pesquisador da TAR. É preciso estar atento a todas as associações e rastros, sem privilegiar indícios que possam fundamentar intuições previamente elaboradas. Para o autor (2012), todas as incertezas, hesitações e deslocamentos dos actantes devem ser levados em consideração. Isto porque, para Latour, o papel do pesquisador é compreender o universo produzido pelos atores e não decidir *a priori* como eles são levados a agir.

Não devemos substituir uma expressão precisa, embora surpreendente, do repertório bem conhecido do social por aquilo que se supõe estar oculto nela. Não devemos presumir que os atores possuam uma linguagem enquanto os analistas dispõem de uma *metalinguagem* na qual a primeira está ‘inserida’. Conforme já dissemos, concede-se aos analistas unicamente uma *infralinguagem* cujo papel consiste apenas em ajudá-los a ficar atentos à metalinguagem plenamente desenvolvida dos atores, um relato racional daquilo que estão falando. (LATOUR, 2012, p. 79, grifo do autor).

Aqui, mais uma vez, fica evidente a busca por uma postura teórica e metodológica que leva em consideração aquilo que é revelado pelo social. Cabe ao pesquisador apenas assumir uma postura investigativa e descritiva. Para Latour, não há dúvidas a respeito da existência de assimetrias, no entanto, é preciso questionar a resposta social padrão. Para superar esta tendência, a TAR inspirou-se no princípio de simetria proposto no Programa Forte, desenvolvido por David Bloor, em 1976. Conforme explica Hernandez (2003), o programa tinha como objetivo compreender porque grupos sociais distintos, em épocas diferentes, escolhem certos aspectos da realidade como objeto de estudo e explicação científica. A investigação evidenciou que o trabalho produzido pelos cientistas era uma construção social, com influências tanto da comunidade científica quanto da sociedade. A partir desta constatação, Bloor argumentou a necessidade de imparcialidade da sociologia da ciência, propondo que quatro princípios deveriam nortear a pesquisa: causalidade, equidade, simetria e reflexividade. O princípio de simetria exige que erros e verdades tenham a mesma importância (LATOUR, 1994). Ou seja, aquilo que não era considerado ciência pelos modernos – o erro, as crenças rejeitadas – deveria ser explicado pelos mesmos argumentos da

crença aceita. Isto implicava que as causas de um fenômeno deveriam ser aplicadas tanto para os argumentos considerados verdadeiros quanto para os falsos. (LATOURL, 1994; FREIRE, 2006). Mas qual seria a utilidade de investigar o falso? Para Latour (1994, p. 92), “o falso é aquilo que dá valor ao verdadeiro”. Neste sentido, seria um modo de colocar em xeque a própria verdade e extrair, deste confronto, explicações científicas mais concretas. No entanto, para Latour, o princípio de simetria de Bloor não deu conta de superar as assimetrias da ciência quando dá voz as explicações sociais e silencia a Natureza. Como explica o autor (1994, p. 95), “Natureza e sociedade não oferecem nenhuma base sólida sobre a qual possamos assentar nossas interpretações (...), mas sim algo que deveríamos explicar”. Na tentativa de superar esta restrição, Michel Callon propôs o princípio de simetria generalizada. Nela, o pesquisador precisa assumir uma posição intermediária de observação dos humanos e não humanos, abstendo-se de interpretar os fenômenos através de explicações sociais e de oposições entre sociedade e natureza. Latour (1994, p. 95) explica que:

Tudo muda de figura, conforme descobrimos, quando, ao invés de alternar sempre entre os dois polos da dimensão moderna, apenas, nós descemos ao longo da dimensão não moderna. O não-lugar impensável torna-se o ponto de irrupção, na Constituição, do trabalho de mediação. Longe de estar vazio, é lá que os quase-objetos, quase-sujeitos proliferam. Longe de ser impensável, torna-se o terreno de todos os estudos empíricos realizados sobre as redes.

Apesar do princípio de simetria generalizada oferecer novo fôlego para a pesquisa científica, sua premissa também provocou muita controvérsia. Isto porque ora o princípio era percebido como a equiparação do humano ao não humano, ora era visto como uma nova divisão, os humanos de um lado e os não humanos do outro. A TAR não propunha uma simetria total entre estas esferas. O objetivo desta perspectiva era não estabelecer *a priori* uma assimetria entre ação humana e mundo material (LATOURL, 2012). Contudo, como explicam Callon *et al.* (2009), a proposta apresentou uma importante limitação. Ficou evidente que “não é possível, simultaneamente, reivindicar a igualdade entre humanos e não humanos e negar a possibilidade de distingui-los” (CALLON *et al.*, 2009, p. 397). Assim, os quatro expoentes da Teoria Ator-Rede – Bruno Latour, John Law, Anne-Marie Mol e Michel Callon – reconheceram as dificuldades em torno do princípio de simetria e avançaram por caminhos distintos, porém complementares, no sentido de resolver seus problemas. Callon explica brevemente este percurso em entrevista publicada na revista Política & Sociedade. Latour debruçou-se na exploração dos modos de existência, chamados também de regimes de enunciação. John Law e Anne-Marie Mol ocuparam-se em compreender a complexidade dos

status ontológicos dos seres. Já Callon problematizou a questão clássica da agência fundamentando-se nas concepções de agenciamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O percurso teórico adotado por Callon buscou evidenciar as múltiplas formas e modalidades de agenciamento que permeiam as redes sociotécnicas. Assim, parte do pressuposto que as agências são atravessadas de “intencionalidade, articuladas ou não em linguagens que são extraordinariamente variadas, adaptativas ou interativas, ou limitadas a comportamentos automáticos” (CALLON *et al.*, 2009, p.18). Esta perspectiva reconhece que não apenas a ação humana possui intencionalidade, mas a ação dos objetos também pode revelar desejos, propósitos, finalidades. Ao pesquisador, cabe a tarefa de reconhecer e analisar as diversas agências que envolvem determinado fenômeno.

A chave para compreensão deste pensamento está na noção de agenciamento proposta por Deleuze e Guattari. Os filósofos discorrem sobre o conceito em várias de suas obras, sendo *Kafka - Para uma literatura menor* uma importante referência. O teórico e crítico de literatura Karl Erik Schollhammer (2001) explica que o objetivo dos filósofos foi desmontar e remontar teoricamente a obra de Kafka para entender seu funcionamento. Esta postura não buscava compreender ou interpretar a obra, mas “descobrir a máquina do texto”. Assim, a obra foi desnudada, destrinchada, para revelar os elementos que produzem agenciamento e a natureza das suas ligações (DELEUZE; GUATTARI, 2003). Para Schollhammer (2001, p. 3), esta postura situa o texto “entre o nível individual da psicologia, da memória e da imaginação e o nível abstrato e objetivo da estrutura, do sentido e do símbolo”, permitindo então “descobrir e articular o que faz, como cria conexões e agenciamentos e como transmite e transforma intensidades inseridas em outras multiplicidades” (SCHOLLHAMMER, 2001, p. 3). Em Deleuze e Guattari, a dupla função da escrita é transcrever em agenciamentos e desmontar os agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 2003). Os filósofos explicam que “não é numa crítica social ainda codificada e territorial que se descobre o agenciamento, mas numa descodificação, numa desterritorialização e numa aceleração romanesca dessa descodificação e dessa desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 88). Para Deleuze e Guattari, o agenciamento possui dois eixos: horizontal e vertical. No horizontal, flutuam os agenciamentos coletivos de enunciação, de ato e de enunciados, e os agenciamentos maquínicos de corpos, de ações e de paixões (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 23). Na enunciação, não há sujeito. O que há é coletivo em transformação. Ou seja, “um circuito de estados que forma um devir mútuo, no seio de um agenciamento necessariamente múltiplo ou coletivo” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 48). Já o agenciamento maquínico realiza-se na “mistura de corpos reagindo uns sobre os outros” (DELEUZE; GUATTARI,

1995, p. 29), formando potências. Essas dimensões são permeadas pelo eixo vertical que remetem aos arranjos territoriais (ou reterritorializados), que produz estabilidade, e aos arranjos desterritorializantes, que levam a desestabilidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Esta noção de agenciamento foi absorvida por Callon para elaborar uma visão de ação e cognição mobilizada por diferentes entidades. Reconhece-se que os objetos agem distintamente e produzem uma ação coletiva. O percurso teórico sobre as diversas formas de agência é desenvolvido em torno do conceito de agenciamento sociotécnico (*agencement sociotéchnique*). Objetivo desta perspectiva é elucidar os agenciamentos existentes e compreender seus atributos (o que fazem, pensam e dizem) quando associados a actantes diversos (CALLON, 2008). Para o autor, a observação dos agenciamentos pode revelar porque uma ação segue determinado percurso. Nas palavras de Callon,

O agenciamento tem a virtude de designar a agência e de não reduzi-la ao corpo humano ou aos instrumentos que prolongam o corpo humano, mas de designá-la nos conjuntos de configuração de arranjos em que cada elemento esclarece os outros e permite compreender porque o agenciamento atua de certa maneira. (CALLON, 2008, p. 310).

Callon (2009, p. 399) explica que estudar agências implica em analisar a variedade de agenciamentos, tais como “intencionalidade, linguagem, vontade, capacidade programação, cálculo egoísta e altruísmo”, além de “discursos, textos, declarações teórica e modelos”. A noção de agência reconhece que todos os objetos – humanos ou não humanos – agem distintamente. Assim, a ação é produzida por coletivos distribuídos, através de inúmeros agenciamentos. Ou seja, todas as entidades mobilizadas participam da constituição e do curso da ação, como explica Callon:

A grande vantagem deste enfoque é que não temos que escolher entre duas categorias de agência (humana ou instrumental), mas simplesmente observar a decolagem de uma multidão de agências diferentes que estão ligadas ao fato de que há numerosos agenciamentos possíveis que atuam diferentemente. (...) Com a noção de agenciamento, passamos a uma tolerância generalizada que deixa existirem todas as agências possíveis. Desde logo não desconhecemos que há relações de dominação entre as agências e que algumas delas são capazes de impor formas de agenciamento sobre outras agências, ou de excluir outras agências ou formas de agenciamento, etc. O mercado econômico e a política desempenham um papel importante nesta geopolítica do agenciamento e das agências (CALLON, 2008, p. 312).

A perspectiva da ação problematizada na Teoria Ator-Rede e nos seus desdobramentos oferece um terreno fértil para compreensão da ação em redes sociais digitais. Na medida em que a noção de social é expandida e abrange todos os atores envolvidos na ação, sejam eles humanos ou não humanos, é possível observar os processos comunicacionais por uma nova

ótica e propor reflexões inovadoras sobre os fenômenos decorrentes das interações entre sujeitos, tecnologias, rede sociais digitais e territórios. Como explica Di Felice (LEMOS, 2013), a ruptura epistemológica proposta pela TAR evidencia que as agregações sociais não estão centradas no determinismo analógico e sistêmico, mas em um novo tipo de complexidade com dimensões conectivas e emergentes. A partir desta e de outras chaves, Di Felice desenvolve fundamentos para compreensão da ecologia da ação em redes digitais que fornecerá bases para reflexão sobre o net-ativismo.

3.2.5 *Ato Conectivo*

A crise da ação mobilizou embates e reflexões sobre a perspectiva antropocêntrica do agir e seus efeitos. Destas inquietações, emergem correntes que propõem um olhar mais amplo sobre a ação, na medida em que questionam os paradigmas da modernidade e superam as dicotomias entre homem e natureza, sujeito e objeto (DI FELICE, 2013c). Inspirado na “filosofia mestiça”, de Michel Serres, e na Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour, Di Felice desenvolve o conceito de ato conectivo para avançar na direção de uma nova perspectiva de ação (DI FELICE *et al.*, 2012).

Para tanto, o autor (2013a) recupera o conceito de ecologia da ação proposto pelo sociólogo e filósofo Edgar Morin. Para Morin (2011), entender a ação pelo prisma da ecologia é assumir que não há controle sobre seus efeitos. Afinal, uma vez lançada, a ação pode escapar inteiramente às intenções que as motivam. Isto porque, explica Morin (2011, p. 81), “ela entra num universo de interações e finalmente o meio-ambiente apossa-se dela num sentido que pode se tornar contrário ao da intenção inicial”. A ação revela-se então complexa e incerta. Assim, a ecologia da ação busca “levar em consideração a complexidade que ela supõe, ou seja, o aleatório, o acaso, a iniciativa, a decisão, o inesperado, o imprevisto, a consciência de derivas e transformações” (MORIN, 2000, p. 87). A ecologia da ação compreende três princípios em torno das incertezas: (1) *circuito risco/precaução* que estabelece uma contradição fundamental para existência de incerteza; (2) *circuito fins/meio* que revela o não condicionamento da ação, ou seja, não há garantias que uma ação nobre resulte nos fins desejados nem que uma ação impura provoque resultados perniciosos; e (3) *circuito ação/contexto* que assume a impossibilidade de controle da ação quando esta se realiza nos jogos das “inter-retro-ações” (MORIN, 2000).

Para Di Felice (2013a), através da ecologia da ação, é possível vislumbrar uma concepção “plural e colaborativa” do agir que supera a dimensão transitiva e exotópica da

ação. Por esta ótica, o sociólogo engendra conceitos que revelam a condição habitativa contemporânea, permeada pelos fluxos de interações entre pessoas, tecnologias e territorialidades. Neste percurso, Di Felice problematiza o conceito de atopia para descrever esta ambiência, deixando claro que a atopia não representa um novo espaço ou um metaterritório, mas representa

uma forma informativa digital e transorgânica, cujos elementos constitutivos são as tecnologias informativas digitais, os ecossistemas informativos elaborados pelos sistemas informativos geográficos e territoriais e as redes sociais, compostas pela fusão de elementos inteligentes e pelas formas híbridas do dinamismo das linguagens transorgânicas. (DI FELICE, 2009, p. 291).

Assim, o atópico faz emergir um novo tipo de ação e interação que reúne atores híbridos, digitalizados, transorgânicos. A ecologia da ação é uma chave para observar esta nova ambiência, onde homem é deslocado do centro da ação e passa a dividir o espaço com outros actantes. Decorre daí a necessidade de propor novas concepções teóricas que possam interpretar estes fenômenos essencialmente contemporâneos. Di Felice (2013a) explica que, diante deste novo modo de habitar, é preciso buscar referenciais que compreendam a “ação não como a dimensão político-racional do agir do sujeito, nem apenas como o resultado do diálogo fértil entre sujeito e técnica, mas como a consequência das interações reticulares e ecossistêmicas que reúnem os diversos actantes numa específica condição habitativa”.

O net-ativismo surge nesta ecologia complexa, reticular e conectiva que agrega entidades de diversas naturezas, sendo resultado da união e da ação mútua destes atores. Por esta perspectiva, a ação net-ativista não é fruto isolado de um sujeito, organização ou instituição. Também não é resultado uma ação linear estrategicamente determinada. Como explica Di Felice (2013a, p. 276), “a sinergia dos conjuntos de actantes passa a modificar o desfecho de uma ação através de suas interações na medida em que se conectem e co-agem”. Dessa forma, a ação net-ativista é resultado da sucessão de ações e interações entre sujeitos, tecnologias, mídias, territórios, biodiversidade, etc. É a partir desta premissa que o pesquisador rompe com o modelo de ação social clássica para interpretar o fenômeno. Para Di Felice, não é possível compreender a complexidade do net-ativismo ao observar o fenômeno a partir do referencial tradicional de social e de política.

Assim, o pesquisador propõe uma nova lente para observar as ações em redes digitais, problematizando o conceito de “ato”. Ao invés de ação, as interações produzidas em ecossistemas reticulares passam a revelar um tipo de ato. Neste contexto, o ato expressa a imprevisibilidade e a dinâmica das conexões produzidas em rede por diversos actantes. Para

Di Felice, este deslocamento de *ação* para *ato* é essencial para compreender o net-ativismo. Nas palavras do autor, “a substituição da ação pelo ato nos permite pensar o net-ativismo não apenas como uma ação política, mas como um ato vital do ecossistema social que se exprime e advém através de suas conexões ecossistêmicas” (2013a, p. 277). Esta perspectiva levou o pesquisador a propor a chave do “ato conectivo” para traduzir o dinamismo interativo do “agir reticular” que não diz respeito à essência ou à finalidade da ação, mas sim a sua capacidade de conexão e adaptação.

O ativismo digital e as formas de participação conectivas surgidas nas redes, embora em diversos casos expressem objetivos e dinâmicas precisos, não somente não estão relacionadas com identidades e objetivos políticos, enquanto estranhas à disputa do poder, mas manifestam o advento de um processo de transformação da condição habitativa que vê a passagem das formas de social sedentárias, geográficas, institucionais e políticas para as formas tecno-diaspóricas (DI FELICE, 2013a, p. 278).

Para desenvolver o conceito de ato conectivo, Di Felice (2013a, p. 277) percorreu a origem etimológica grega expressão *ato*. A palavra *αἰὼν* está na raiz da expressão e traz à tona dois significados. Um deles designa a ideia de ato tal como concebemos, ou seja, “de breve duração”. O outro significado refere-se à “medula espinhal, enquanto morada da vida e origem da fertilidade”. Estas concepções revelaram a dimensão imediata e criadora do termo ato, levando o pesquisador a problematizá-las à luz da análise etimológica da palavra humano, elaborada por Michel Maffesoli, que traz na sua raiz a expressão *humus* e designa fertilidade e fecundidade (2013a). Ao relacionar ato fértil e ato conectivo, Di Felice sugere que o humano seja concebido para além da tradição humanista ocidental, quando se supera as dicotomias que separa o homem e natureza e busca-se reconhecer o homem em constante interação e hibridação com a natureza, tecnologias e redes digitais.

A distinção entre ação e ato (M. Maffesoli) — no sentido do *αἰὼν* grego, que ressalta sua dimensão espontânea, impermanente e sua não reprodutibilidade — determina a qualidade das ações em rede como a emergência de um ato conectivo (Di Felice) que interpreta o agir não mais do ponto de vista do sujeito-ator, nem do sujeito teleológico — consequência de uma estratégia racional humana —, mas a partir da dimensão ecossistêmica e conectiva própria dos contextos reticulares (DI FELICE, 2013c, *on-line*).

Portanto, o ato conectivo expressa as interações estabelecidas pela forma comunicativa habitar atópica que agrega humanos e não humanos em uma ambiência híbrida, horizontal, distribuída, instável e emergente (DI FELICE, 2013a, 2013c). O conceito ajuda a superar a ideia de colocar o homem no centro da ação e de pressupor um social exclusivamente humano. Nesta ótica, a ação net-ativista representa “uma nova cultura ecológica não mais

sujeito-cêntrica nem tecnocêntrica, mas portadora de uma ontologia relacional (M. Heidegger) e de uma dimensão conectiva específica que lhe altera continuamente forma e significados” (DI FELICE, 2013c, *on-line*). Quando se observa o net-ativismo pelo prisma da ecologia da ação, da teoria ator-rede e do ato conectivo, é possível reconhecer sua complexidade e, conseqüentemente, a impossibilidade de supor que apenas dimensões políticas humanas constituem a ação.

A passagem da esfera política para a esfera que abrange uma dimensão cósmica é, no caso dos movimentos net-ativistas, não o resultado de uma opção ideológica ou a ascensão de um pensamento comum e político, mas a consequência de uma condição habitativa que expressa um particular tipo de ato (*αἶον*), que se caracteriza como um evento irrepetível, um tipo de imediatismo sem passado nem futuro. Tal ato conectivo reticular, mais do que um estado, pode ser pensado como uma condição (DI FELICE, 2013b, p. 69).

Para Di Felice (2013b), o termo *condição* pode revelar duas facetas quando se recorre à etimologia latina do termo – *condictio-onis* e *conditio*. No primeiro caso, refere-se a imposição e a limitação. No segundo, abertura fértil e criadora. E é através deste segundo significado que Di Felice entende a condição habitativa produzida com a conectividade. O ato conectivo, a ação em rede, transforma tudo que ‘toca’, abrindo espaço para o novo, o inusitado, o imprevisível. A ação em rede viabiliza novos arranjos sociais, não mais aprisionados no humano e na percepção ocidental de sociedade, de política e de cultura. Neste sentido, o ato conectivo traduz a dinâmica conectiva e relacional, fomentada pelas tecnologias de comunicação e informação, que coloca em interação sujeitos, artefatos técnicos e tecnologia, assim como biodiversidade e informações.

3.2.6 Ecologia Política e Transfiguração do Político

A dinâmica conectiva e relacional entre entidades de diversas naturezas ganha luz ao refletir os conceitos de cosmopolítica (STENGERS, 2010) e ecologia da política (LATOUR, 2004). A filósofa belga Isabelle Stengers, ao analisar filosoficamente a produção do conhecimento científico, recupera o termo *cosmopolítica* para indicar as disputas metafísicas em torno das controvérsias científicas e do ordenamento da vida social (FLEURY *et al.*, 2014). Ao propor a ‘política do cosmos’, Stengers distancia-se do pensamento kantiano de politização do cosmo, eliminando a separação entre homem e natureza e reconhecendo que a “complexidade cósmica” é fruto de associações e interações entre os diversos seres e entidades (DI FELICE, 2013b). Como explica Stengers (STENGERS, 2007 *apud* DI FELICE,

2013b, p. 21), “no termo cosmopolítico, o cosmos se refere ao incerto constituído por esses mundos múltiplos e divergentes e às articulações das quais eles podem eventualmente ser capazes”. Em certa medida, a filósofa concebe um parlamento composto por todas as entidades integrantes do cosmos (DI FELICE, 2014a).

Para Latour, a concepção de cosmopolítica de Stengers considera “o sentido grego de arranjo, de harmonia, ao mesmo tempo de aquele, mais tradicional, de mundo” (2004, p. 374). Assim, no sentido metafísico, representa o bom mundo comum, ou seja, “resultado da *unificação* progressiva das realidades exteriores” (LATOUR, 2004, p. 381). Latour ressalta que, a partir desta perspectiva, não é possível compreender a natureza como algo externo, periférico ou distante. Tese esta defendida por Latour em toda sua obra. Corroborando a cosmopolítica, o teórico problematiza o conceito de ecologia política. Para Latour (2009), a ecologia política não pretende dividir espaço dentro da seara da política clássica, pois, na verdade, exige uma ruptura para constituir uma nova arena política que agrega todas as entidades do cosmo (2004).

Di Felice explica que a cosmopolítica traz uma chave importante para refletir sobre o político diante das arquiteturas comunicativas digitais. Como vimos, a ação em rede exige que se reconheça o não humano no âmbito da ação. Se as categorias sociológicas tradicionais da ação não conseguem dar conta deste cenário, o mesmo ocorre com a concepção moderna de política. Assim, é preciso apropriar-se de conceituações que compreendam a política para além da polis e do debate de ideias e de opiniões entre humanos (DI FELICE, 2014). Nesta perspectiva, a política que reconhece o não humano como ator na esfera da ação e da decisão pode contribuir para a observação dos fenômenos net-ativista.

O que as redes e os contextos digitais nos oferecem é a condição singular de nos encontrarmos diante de um novo tipo de fronteira do pensamento diante da qual é preciso assumir outra atitude. Seria necessário, em vez de colonizar o não humano, criando e aplicando leis e normas humanas ao que humano não é, começar a pensar a internet não como uma realidade separada, nem como um mundo virtual, mas como um ecossistema vivo e complexo que já habitamos e que, pela sinergia simbiótica entre a inteligência humana e a artificial, depois de já ter criado outro gênero de social, está criando outro tipo de humanidade conectando esta última a tudo o que existe, proporcionando-nos, desse modo, a possibilidade de um outro tipo de futuro. (DI FELICE, 2014b).

Outra referência importante que parece contribuir com o debate sobre a questão do político na ambiência digital é o conceito de transfiguração do político elaborado por Michel Maffesoli. Na obra *A Transfiguração do Político*, o sociólogo reflete sobre como os valores que norteiam a sociedade contemporânea não são mais representados pelo conceito da política

da modernidade. Para tanto, Maffesoli estabelece um diálogo entre os elementos da modernidade (e sua crise) e os indícios que pautam a pós-modernidade. Seu argumento é norteado pela ideia de que as grandes verdades sobre o social e a cultura, assim como sobre o indivíduo e o individualismo, entraram em colapso e provocaram uma série de crises na sociedade. O sociólogo (2005, p. 99, grifo do autor) explica que “se o sujeito, senhor e mestre de sua história, está fragilizado, o *contrato* estabelecido com o outros sujeito históricos, a própria essência da política, também o está”.

O sujeito racional, estável, intangível e dominador dá lugar ao sujeito que deseja associar-se com seu meio para fazer história. Ao sair de si e contemplar o mundo, o homem volta a reconhecer-se como integrante de “conjunto cósmico” (MAFFESOLI, 2005, p. 28). Neste novo cenário, o contrato racional, legitimado pela razão, perde espaço para a associação emocional que, envolto à identificação, provoca instabilidade e mutabilidade. Maffesoli explica esta transição apontando para sucessão do poder do patriarcado pela potência do matriarcado. Na metáfora, o matriarcado traduz um contexto mais fluido e orgânico, que reconhece e agrega a pluralidade de modos de vida. O anarquismo é uma das definições utilizadas pelo autor para elucidar este contexto. Para tanto, recorre ao conceito proposto por Élisée Reclus que compreende anarquia como “ordem sem Estado”. Aqui, não são necessárias figuras de autoridade para determinar a ordem. A ordem é estabelecida internamente, de forma ordenada e é tão perceptível quanto àquela imposta. Assim, no matriarcado, o sentimento coletivo em torno de “emblemas comuns” transforma-se em elemento que propicia e rege comunidades (MAFFESOLI, 2005).

Neste cenário, a emoção comum sobrepõe-se à razão individualizante, o sentimento impõe-se à convicção. É na emergência desta nova forma de socialidade que a transfiguração do político é estabelecida e a partilha de emoções toma o lugar do político (MAFFESOLI, 2005). Esta perspectiva busca uma visão ecológica que privilegia o todo em detrimento das partes. Dessa forma, o homem é retirado do papel de protagonista da ação para ser um coadjuvante de um cenário mais amplo. Ao diluir a fronteira que separava sujeito e objeto, Maffesoli (2005, p. 154) considera que “o sujeito, na sua soberana realeza, não é mais o único ângulo de ataque para a compreensão da vida do indivíduo social e de suas relações com o meio social e natural” e arrisca dizer que “é possível que o indivíduo seja mais dirigido do que o ator, mais submetido do que mestre e possessor, em primeiro lugar, de si mesmo e, em seguida, da natureza”.

Para Maffesoli, a sucessão do racional pelo emocional foi fomentada pela ambiência contemporânea que conseguiu impor-se à razão, abrindo espaço para “o imaginário, o lúdico,

o onírico coletivo” (MAFFESOLI, 2005, p. 112). Curioso é o paradoxo desta configuração. O ideal iluminista que privilegiou a razão e produziu um imenso avanço tecnológico entra em crise quando a ambiência ‘objetal’ emerge. Neste cenário, o objeto não é negado, sim sua externalidade. Isso implica que “o objeto toma o lugar do sujeito” (MAFFESOLI, 2005, p. 154), posicionando-o numa zona comum, horizontal, na qual sofre interferências frequentes do meio. Na ambiência objetal, o “eu penso” é substituído pelo “eu sou pensado”, o que reflete, segundo Maffesoli, a influência do “desenvolvimento da moda, das práticas de mimetismo e outras formas de hábito, de rituais ou atitude ‘animais’ que regem a vida em sociedade” (MAFFESOLI, 2005, p. 154). As dicotomias da modernidade são superadas pela sensibilidade ecológica que reconhece a potência de ação da natureza e dos objetos. Como explica Maffesoli:

Isso delimita uma ambiência comum na qual cada um desses polos, até então separados, entra em interação constante, gerando uma nova relação com a natureza, sem estigma ou desprezo, considerando esta como um lugar matricial determinante na relação com os outros. (...) o mundo ‘objetal’ favorece a *participação*, com o aspecto mágico atrelado a esse termo. Em suma, por participar do mundo natural, o dos objetos, comungo com o outro, o ‘eu’ cede lugar ao ‘nós’, a distinção inverte-se em viscosidade, a crítica do mundo *como ele* é se torna a afirmação da existência e, enfim, o ativismo tende a deslizar para a imparcialidade. Tudo isso caracteriza, entre outras coisas, o ar do tempo, em que o indivíduo, na sua identidade, sexo, ideologia, profissão, relações institucionais (familiares, conjugais, partidárias) não tem mais a certeza de antes, mas tenta buscar refúgio nos grupos restritos, nichos da segurança não mais concedida pela identidade. (MAFFESOLI, 2005, p. 155-156, grifo do autor).

As novas tecnologias de comunicação provocaram grande influência nesta ambiência ao amplificar o potencial de comunicação e de interação entre os diversos atores. Mais do que nunca é possível criar pontes para conectar humanos, natureza, objetos, territórios e tecnologias e fazê-los interagir mutuamente. Neste cenário, onde a razão humana sai do centro da cena, abre-se espaço para o sentir comum com o outro seja ele humano ou não humano. Como explica Paiva (2013, p. 44), esta atmosfera redefine a cultura e os “modos de pensar, falar e agir”, alterando a ideia de “estar-junto”. Maffesoli explica que este cenário remonta ao tribalismo arcaico, mas que, na pós-modernidade, encontra sua origem na tecnologia. Para o autor, “(...) a nostalgia e o retorno da comunidade recebe ajuda do desenvolvimento tecnológico. Penso que aí se acha o ponto nodal da pós-modernidade: a sinergia do arcaísmo, essencialmente a nostalgia do ‘nós’, com a tecnologia” (MAFFESOLI, 2005, p. 161). Através desta dupla, configuram-se a interdependência e o mimetismo típicos das sociedades contemporâneas. Maffesoli apoia-se no seu conceito de formismo para sustentar tais

reflexões. Para o teórico, a “forma é formante” e, ao observá-la, é possível entender o contexto nela inserido. Dessa maneira, os eventos sociais são profundamente implicados pela ambiência que as envolve. Maffesoli (2005, p. 106) explica que “só se compreende o indivíduo em interação. Interação como o meio ambiente e com seu meio social. Interação que faz o conjunto algo além das partes componentes”.

O percurso desenvolvido neste capítulo buscou compreender uma perspectiva de ação capaz de iluminar a análise dos fenômenos net-ativistas contemporâneos. Tentamos compreender porque os estudos da sociologia tradicional sobre ação social e política não conseguem abarcar a complexidade das arquiteturas comunicativas digitais. As teorias que problematizem a relação entre sujeitos, tecnologias, natureza e objetos apresentam-se como um caminho possível para analisar os fenômenos net-ativistas. As reflexões sobre a comunicação e a interação na contemporaneidade, a Teoria Ator-Rede (Latour), o Ato Conectivo (Di Felice), a Cosmopolítica (Stengers) e a Transfiguração do Político (Maffesoli) lançam pistas importantes para a pesquisa empírica sobre o movimento “Põe no Rótulo”, com chaves interpretativas para a investigação deste objeto de estudo.

4. NET-ATIVISMO E O MOVIMENTO “PÔE NO RÓTULO”

4.1 Metodologia da Pesquisa

A pesquisa em ecossistemas reticulares digitais impõe inúmeros desafios. Afinal, é impossível apreender a rede e compreendê-la em sua complexidade. É impossível observá-la sem de algum modo interferir em sua dinâmica. Cabe ao pesquisador assumir de antemão este limite. Um limite que revela a impossibilidade de separação entre sujeito e objeto, entre observador e observado. Ambos estão envolvidos em teias que estabelecem elos e ligações para além do perceptível. O posicionamento epistemológico ou metodológico do pesquisador, assim como o uso de instrumentos técnicos de observação, influencia na análise e entendimento do fenômeno estudado. O percurso metodológico revela-se ainda mais desafiador no ambiente das redes digitais. As bases epistemológicas e metodológicas para compreender os fenômenos fomentados por esta ambiência ainda estão em desenvolvimento, acomodando-se. Não há referenciais consolidados. Assim, o pesquisador vê-se imbuído a realizar escolhas que conjuguem métodos de diversas áreas de conhecimento (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012).

Longe de revelar um obstáculo, a questão metodológica no campo da comunicação evidencia a dinâmica própria desta área de conhecimento. Ao refletir sobre uma proposta epistemológica da área, o pesquisador e professor Eduardo Duarte apresenta uma importante mudança quando se desloca o objeto da comunicação para além das mídias, ou seja, dos veículos enquanto ferramentas. A partir desta ampliação, o objeto de comunicação passa a ocupar-se também com aquilo que envolve o “*estar em relação*, ou melhor, a troca” (DUARTE, 2003, p. 51). Para Duarte, o redimensionamento do campo da comunicação revela a necessidade de uma fluidez transdisciplinar que permita o diálogo com outras disciplinas. Dessa forma, uma pergunta no âmbito da comunicação precisa buscar respostas em outras áreas do saber. O percurso torna-se desafiador, mas extremamente oportuno diante de fenômenos contemporâneos que ainda não encontraram ‘bases sólidas’ de interpretação. Como ressalta Duarte (2003, p. 54), “essa tensão nos tira da zona segura de explicação do mundo das metanarrativas e nos põem na zona de risco da vida, que sempre esteve entre o cristal e a fumaça”.

Os pesquisadores Di Felice, Torres e Yanaze (2012) realizaram um estudo sobre pesquisas em contextos reticulares para tentar elucidar os possíveis caminhos que podem ser trilhados neste percurso. A proposta tem como objetivo refletir sobre os desafios oriundos das

pesquisas nas redes digitais e a necessidade de novas bases epistemológicas para compreender a dinâmica instável e interativa deste ambiente. Para os autores, é inviável transferir técnicas de pesquisa tradicionais para o ecossistema digital. É preciso, antes de tudo, assumir uma postura aberta e inovadora capaz de abraçar novas bases de conhecimentos e de questionar seu próprio papel enquanto pesquisador.

Para os autores, de maneira geral, a pesquisa em redes digitais pode ser dividida em quatro perspectivas: (1) frontal; (2) imersiva; (3) dialógica; e (4) atópica. O primeiro eixo é a perspectiva frontal na qual se pesquisa *a* rede. Aqui, a rede é percebida como uma estrutura, um instrumento, algo externo ao pesquisador. As pesquisas que utilizam essa abordagem analisam a estrutura e as trocas comunicativas do ambiente pesquisado, considerando que a rede representa uma unidade autônoma. Para os autores, observar a rede de maneira não interativa resulta em análises questionáveis.

A segunda perspectiva é a imersiva, ou seja, a pesquisa *na* rede. Nela, a rede é reconhecida como uma ambiência de sociabilidade e interação. Aqui estão as pesquisas que analisam as formas de sociabilidade, os estudos etnográficos, as análises das transformações identitárias, os processos de aprendizagem, entre outros. De maneira resumida, compõe os estudos da antropologia do ciberespaço. Assim, os métodos utilizados na antropologia são transferidos para o campo das redes digitais.

O terceiro eixo trata da perspectiva dialógica, na qual pesquisar redes interativas é o foco. Os estudos reconhecem a interdependência de interatividade do ambiente reticular. Alia a perspectiva imersiva ao reconhecimento das alterações provocadas pelas arquiteturas reticulares nos indivíduos. As pesquisas que compõem esta abordagem consideram “a qualidade das interações sociais como o resultado de um processo de interações reticulares tecno-humanas” (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012, p. 178), provocando mudanças sociais e culturais.

Por fim, os pesquisadores apresentam a perspectiva atópica, que se refere a pesquisar redes de redes e ecossistemas reticulares. Aqui, admite-se a impossibilidade de estudar o conjunto de redes de redes. Não há técnicas definidas, pois se compreende que qualquer recorte é arbitrário. Neste eixo, percebe-se que o conjunto de realidades, sejam elas humanas ou não humanas, está digitalizado e faz parte do universo observado.

O pesquisador que opta por esta abordagem não somente elege relatar também a própria interferência no interior do conjunto das arquiteturas vivas reticulares que o hospedam e o compõe ao mesmo tempo, mas pensa e descreve o inteiro processo através de um dinamismo ecossistêmico que conecta e reúne tecnologias, indivíduos e territórios numa só condição

habitativa relacional (M. Heidegger), aberta e dinâmica. (DI FELICE *et al.*, 2012, p. 182).

As quatro abordagens oferecem caminhos diferentes para a constituição da pesquisa. No entanto, entendemos que algumas vezes a linha que separa tais percursos é tênue. A investigação dos processos comunicativos em e nas redes digitais é extremamente desafiante diante da velocidade dos fenômenos interativos e da falta de métodos específicos consolidados de pesquisa. Assim, pesquisar as (nas) redes digitais exige uma postura experimental. Longe de indicar imaturidade, a atitude busca, a partir de métodos já desenvolvidos por outras áreas, propor caminhos alternativos para a observação dos fenômenos. Assim, nesta pesquisa investigaremos a ação net-ativista “Põe no Rótulo” a partir referenciais teórico-metodológicos que parecem dialogar com a dinâmica do fenômeno.

Para a realização da investigação ora proposta, de caráter exploratório, foi realizado o estudo de caso do movimento net-ativista “Põe no Rótulo”. A partir das observações empíricas, o objeto de pesquisa foi problematizado através do diálogo com a fundamentação teórica que embasou a pesquisa. De acordo com Yin (2005, p. 19), o estudo de caso é útil enquanto estratégia de pesquisa “quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

De acordo com Di Felice *et al.* (2012, p. 176), quando se observa a rede digital na perspectiva dialógica é possível reconhecer “o processo de interação entre os internautas e as redes sociais como um processo fértil, criador de processos comunicativos e de novas culturas que não podem ser pensadas apenas como ‘artefato’”. Aqui, dialógico remete à ideia de interação recíproca entre atores humanos e não humanos. Tal perspectiva metodológica torna-se útil para estabelecer um diálogo com o aporte teórico apresentado e, assim, atender os objetivos da pesquisa. Portanto, para realização deste estudo, lança-se mão da abordagem teórico-metodológica focada em compreender os processos comunicacionais no âmbito das redes sociais digitais.

Inicialmente, a metodologia proposta pela Teoria Ator-Rede parecia oferecer diretrizes para compreensão do fenômeno net-ativista “Põe no Rótulo”. Afinal, ao seguir os rastros produzidos pelos actantes, seria possível descrever e elucidar o social envolvido na ação e, assim, compreender de que modo as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais fomentaram o fenômeno. A TAR propõe a Cartografia das Controvérsias como método para investigação do social. O objetivo do método é agregar o social envolvido em

um determinado fenômeno. Para Tomaso Venturini (2010, p. 6), o termo controvérsia revela a “incerteza partilhada”. Venturini explica que controvérsias “são situações nas quais os atores discordam (ou melhor, concordam em suas discordâncias)” (VENTURINI, 2010, p. 6, tradução nossa²⁷). Assim, a controvérsia é a desestabilidade produzida entre o surgimento e a consolidação de um fenômeno polêmico. Nas palavras de Venturini, as “controvérsias começam quando atores descobrem que eles não podem ignorar um ao outro e terminam quando atores conseguem realizar um sólido compromisso de viver juntos” (VENTURINI, 2010, p. 6, tradução nossa²⁸).

O conceito de controvérsia colocou em xeque o método para o objetivo desta pesquisa. Isto porque nosso objetivo não é estudar a controvérsia em torno da ação “Põe no Rótulo”. A proposta do trabalho é rastrear as associações do movimento com o objetivo de compor uma cartografia que revele as interações na órbita do fenômeno e, assim, compreender os processos interacionais envolvidos nesta ação net-ativista. Dessa forma, apesar de reconhecermos que a metodologia dialoga com a perspectiva de ação em rede que refletimos durante este trabalho, nosso objeto de pesquisa não se enquadra no aspecto-chave da Cartografia das Controvérsias. Afinal, não temos controvérsias. O reconhecimento de tal aspecto nos levou a flertar com a Análise de Redes Sociais. Em certa medida, a metodologia da ARS nos permite compor uma cartografia do fenômeno e analisar as relações produzidas entre os atores (ou actantes) envolvidos na ação. Tanto a TAR quando a ARS ocupam-se em observar as relações, os laços, os rastros produzidos pelos elementos em interação. Reconhecemos que os fundamentos epistêmicos de ambos são divergentes, no entanto, parece que a ARS também nos ajudaria a revelar questões caras desta pesquisa²⁹. No entanto, a ARS recai em problemas que gostaríamos de ultrapassar. Mesmo reconhecendo que a rede não é composta apenas por atores humanos, os estudos de ARS estão focados em aspectos essencialmente humanos, como relações sociais, laços sociais e capital social. Acreditamos que estes aspectos são importantes para a reflexão sobre as interações e ações em rede, no entanto, gostaríamos de não supor *a priori* tais relações. Nosso objetivo é deixar os rastros falarem.

²⁷ No original: “controversies are situations where actors disagree (or better agree on their disagreement)” (VENTURINI, 2010, p. 6).

²⁸ No original: “controversies begin when actors discover that they cannot ignore each other and controversies end when actors manage to work out a solid compromise to live together.” (VENTURINI, 2010, p. 6).

²⁹ No artigo *Encontros e desencontros entre TAR e ARS: o laço fraco entre teoria e método* (2014), Marco Toledo Bastos, Raquel Recuero e Gabriela Zago ressaltam que a ARS e a TAR possuem bases epistêmicas diferentes, que por vezes se contradizem, sendo problemática adoção simultânea dos dois métodos.

A complexidade inerente ao nosso objeto de estudo exige que percorramos caminhos pouco sólidos. É o risco que assumimos ao tratar de um campo de pesquisa em desenvolvimento. Nossa intenção é conciliar o aporte teórico a métodos de pesquisa mistos que envolvem análise quantitativa dos dados, análise de redes sociais e manipulação de software³⁰, para compreender o modo como as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais produziram a ação net-ativista do movimento “Põe no Rótulo”. Para tanto, recorreremos aos métodos de pesquisa sugeridos por RIEDER (2013), RIEDER *et al.* (2015) e GERBAUDO (2016) para análise de ações net-ativistas no Facebook. Os autores utilizam o aplicativo Netvizz para capturar dados em grande escala no Facebook e, assim, desenvolver análises quantitativas e qualitativas, bem como a análise de redes sociais, de movimentos net-ativistas. Para Rieder, é impossível negar a importância do Facebook no âmbito da comunicação. A plataforma é uma das maiores organizações de mídia da história (RIEDER, 2013) e o desenvolvimento de pesquisas nesta ambiência torna-se imprescindível. Para assumir tal tarefa, buscamos acessar as informações disponibilizadas na rede social digital, driblando as restrições informacionais impostas pela plataforma, através da captura e manipulação de dados em grande escala.

4.2 Análise da Ação Net-Ativista “Põe no Rótulo”

4.2.1 Contextualizando o movimento Põe no Rótulo

Esta análise buscou compreender o modo como as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais dinamizaram o movimento “Põe no Rótulo”. A partir de tal observação, verificamos como o ecossistema comunicativo digital atualizou as modalidades de ação e interação e impulsionou novos arranjos sociais, constituindo um novo tipo de ação, o net-ativismo. A questão que surgiu é como poderíamos investigar os processos interacionais do movimento. Na tentativa de realizar este processo, articulamos observações que perpassem as interações produzidas na *fanpage* do movimento. Para tanto, capturamos todos os dados disponíveis da página no período de 20 de fevereiro de 2014 a 24 de junho de 2015³¹, através aplicativo de coleta de dados do Facebook, Netvizz³².

³⁰ Bernhard Rieder (2013) e Paolo Gerbaudo (2016) demonstram a possibilidade de conciliar tais métodos ao analisar *fanpages* de movimentos net-ativistas.

³¹ O período abrange o lançamento da *fanpage* até a conquista da nova regulamentação de rotulagem de alimentos, decretada pela ANVISA.

³² Explicaremos detalhes sobre o aplicativo na página 105.

Antes de tudo é importante retomarmos as ações precursoras do movimento. O movimento Põe no Rótulo surgiu das interações e ações de mães de crianças alérgicas que, por meio das redes sociais digitais, compartilhavam cotidianamente as dificuldades relacionadas à alergia alimentar. Inicialmente, os debates sobre o tema eram realizados em grupos restritos de discussão no Facebook. Estes grupos favoreciam o compartilhamento de experiências, gerando um ambiente favorável para troca de sentimentos em comum. Neles, as mães ganhavam suporte emocional e informacional para enfrentar o cotidiano da alergia alimentar. Na medida em que as trocas entre as mães cresciam, emergia um sentimento de empoderamento e a necessidade de reivindicar os direitos das crianças alérgicas. Em entrevista à pesquisa, Cecília Cury, uma das coordenadoras do movimento, explicou que a indignação diante dos constantes problemas de saúde e sociais vivenciados pelas famílias transformou-se em força de ação. Em junho de 2013, a partir deste grupo mais amplo, foi formado um grupo menor com 600 mães interessadas em realizar ações para melhorar a qualidade de vida da população com alergia alimentar. A ideia era elaborar estratégias para ampliar discussões sobre a alergia alimentar fora dos grupos fechados e, assim, sensibilizar a sociedade e cobrar ações efetivas aos órgãos competentes. Cury disse que vários temas permearam as discussões do grupo, mas a questão da rotulagem de alimentos pareceu mais pertinente tanto pela importância da rotulagem quanto pelo seu conhecimento sobre o assunto, obtido a partir da sua tese de doutorado.

Com muita certeza sobre a necessidade de rótulos claros e precisos, conhecimento sistematizado e esperança de sensibilizar a sociedade sobre a problemática relacionada à alergia alimentar, o grupo iniciou as primeiras ações em rede da campanha. No dia 17 de fevereiro de 2014, às 16h, uma das mães publicou no seu perfil do Facebook uma foto de sua filha com a hashtag #poenorotulo (FIG. 4) e a mensagem: "Se eu tiver 1 MILHÃO de compartilhamentos, as pessoas vão entender que preciso saber se tem traços de LEITE e SOJA nos alimentos. Por favor, me ajude a fazer as empresas entenderem que eu preciso dessas informações NO RÓTULO". Em menos de 24 horas, a foto foi compartilhada por mais de mil pessoas. Outras mães fizeram o mesmo com a foto de seus filhos, aumentando o alcance da ação. Diante da repercussão gerada em torno da iniciativa, o grupo decidiu registrar perfis com a expressão 'PoeNoRotulo' nas redes sociais digitais (Facebook, Twitter, Instagram), assim como um domínio na web. Com os perfis criados, o grupo iniciou uma nova ação. Ao invés de mobilizar a sociedade através dos perfis pessoais, o grupo concentrou a publicação de conteúdos na *fanpage* do Põe no Rótulo e replicou estas publicações nos perfis pessoais. No dia 20 de fevereiro, às 12h, a primeira postagem foi publicada na página.

Em poucas horas, a *fanpage* alcançou mais de mil fãs. A adesão imediata à campanha foi uma surpresa para o grupo, como explicou Cecília Cury.

Figura 4 – Primeira publicação do movimento Põe no Rótulo



O post foi publicado na página pessoal da mãe de uma criança alérgica no dia 17 de fevereiro de 2014. Fonte: Facebook.

Neste contexto, a discussão sobre a alergia alimentar ultrapassou os limites dos grupos restritos, ampliando-se pelas redes digitais. Um grupo com dez mães foi criado para coordenar o movimento. Espalhadas em diversas regiões do país, estas mulheres passam a investir parte de seu tempo no movimento. A velocidade da repercussão do movimento exigiu ações rápidas. Para atender as demandas, tarefas foram divididas a partir da experiência e da disponibilidade de cada integrante. Pesquisa de conteúdo, produção de texto, elaboração de layouts, seleção de fotos, assessoria de imprensa, interações, entre outras atividades, foram compartilhadas pelo grupo. Quatro dias depois do lançamento da *fanpage*, a página já contava com seis mil fãs.

O objetivo do movimento era bem definido: propor a criação de uma legislação específica sobre a rotulagem de alimento ou o estabelecimento de uma norma pela Anvisa que obrigasse a indústria alimentícia a fazer a correta rotulagem de alérgenos. Com este foco, a coordenação definiu o movimento como apartidário e interessado em dialogar com os diversos setores que desejam apoiar a iniciativa³³. A questão da rotulagem de alimentos tornou-se causa comum para todas as pessoas envolvidas na ação. Como relatam Cecília Cury e Ana Melo, em entrevista ao programa Co.mo.ver³⁴, o movimento trouxe um sentimento de comunhão e ação em torno desta problemática social. Questões diversas em torno do universo da alergia alimentar também ganharam espaço no movimento, ampliando o leque de atuação do grupo. Assim, a página foca assuntos relacionados a conteúdos informativos sobre alergia alimentar, divulgação de rótulos adequados e inadequados, ações, apoios recebidos e sobre o próprio movimento.

4.2.2 Diferenças entre página e grupos no Facebook

A intenção inicial da nossa pesquisa era acessar as interações em rede que precipitaram o movimento, contudo não foi autorizada nossa participação nos grupos fechados no Facebook onde eram estabelecidas trocas entre as mães. Dessa forma, concentramos nossa observação na *fanpage* do Põe no Rótulo, principal canal de comunicação do movimento. É através desta página que a ação ganhou fôlego e foi sustentada desde seu surgimento. De modo geral, os perfis do movimento no Instagram e no Twitter replicavam o conteúdo produzido para a *fanpage*. Assim, apesar espalhar-se por outras redes sociais digitais, o movimento fortaleceu-se na rede onde nasceu, o Facebook.

É importante ressaltar que há diferenças relevantes entre os grupos de discussão e as *fanpages*. Os grupos são espaços de diálogo em torno de interesses em comum, onde os participantes possuem autonomia para publicar posts e interagir. Assim, os grupos relevam uma arquitetura mais horizontal e distribuída. No entanto, a participação no grupo está condicionada às configurações de privacidade e às regras de moderação estabelecidas pelo administrador. Em grupos fechados ou secretos do Facebook, apenas é possível visualizar e aderir à comunidade com autorização do administrador do grupo. Este também possui

³³ Texto de post publicado na *fanpage* do movimento o dia 27 de fevereiro de 2014: “Olá, pessoal! É importante esclarecer que nosso movimento é apartidário. Queremos dialogar com TODOS que tiverem interesse real e genuíno na nossa causa. Estamos abertos para conversar com quem tiver quiser apoiar e estiver alinhado com nossas crenças e valores relacionados ao tema. Muito obrigada”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1410689639181821>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NEhuVst25a4>>. Acesso em: 01 jul. 2015

autonomia para excluir publicações e usuários. Já as *fanpages* são páginas públicas destinadas às organizações, movimentos, empresas, personalidades e marcas. Perceber-se que a *fanpage* foi estruturada para se tornar um canal interativo temático. Quem define os critérios de participação na página é o administrador. Apesar dos diversos recursos de privacidade, de modo geral, só os administradores publicam nas páginas. O público pode interagir comentando, curtindo ou compartilhando os posts. Tal cenário traduz uma arquitetura mais hierárquica, onde apenas o administrador da página tem autonomia para publicar as questões que serão divulgadas ou discutidas. Por outro lado, não há restrições para visualizar o conteúdo da página, nem mesmo é preciso ter uma conta do Facebook para acessá-las. Assim como nos grupos, o administrador da página também pode excluir comentários e banir usuários.

O Facebook não divulga os critérios que utiliza para exibir o conteúdo de uma postagem na *timeline* dos fãs da página. Sabe-se que não basta apenas curtir a página, é preciso, como explica Rieder *et al.* (2015), engajar-se com seu conteúdo para receber atualizações automáticas na linha do tempo. Isto revela a dificuldade de mensurar *a priori* o alcance de uma publicação. Assim, só os administradores da página têm acesso aos dados de visualização dos posts. Para os demais usuários, só estão disponíveis informações sobre o número de curtidas, comentários e compartilhamentos, além do acesso aos comentários. Contudo, como reforça Rieder *et al.* (2015), esta limitação não impede que pesquisas relevantes sejam desenvolvidas a partir destas informações. Para os pesquisadores, a maior dificuldade para a elaboração de pesquisas no Facebook está em lidar com a complexidade do ecossistema, a captura de dados e as diversas interações possíveis no ambiente.

4.2.3 Captura dos dados: Netvizz

Para tentarmos compreender os processos interacionais em torno do movimento, nos debruçamos sobre as informações analíticas e relacionais da *fanpage*. A captura dos dados da página Põe no Rótulo foi realizada através do aplicativo Netvizz³⁵. A ferramenta foi elaborada pelo professor da Universidade de Amsterdam, Bernhard Rieder, durante investigação sobre a plataforma de programação de aplicativos (API – *application programming interface*) do Facebook e seu uso para o desenvolvimento de métodos digitais para a análise de serviços de redes sociais digitais (RIEDER, 2013). Os estudos identificaram que a API oferecia recursos

³⁵ <https://apps.facebook.com/netvizz/>

relevantes para extração e coleta de grande número de dados no Facebook, tornando possível o desenvolvimento de aplicativos que auxiliem pesquisadores a obter dados de páginas e de grupos públicos na rede social digital.

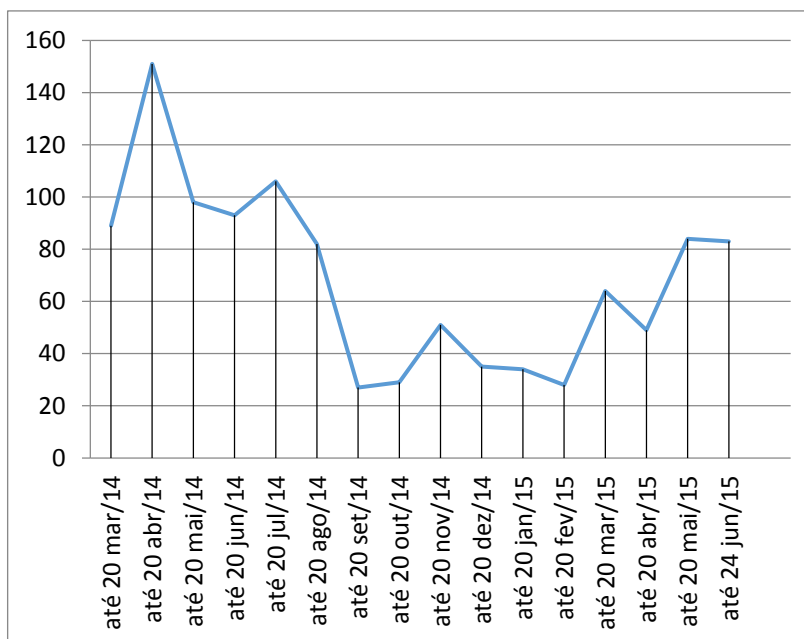
O aplicativo fica subordinado às regras de privacidade determinadas pelo Facebook. Dessa forma, desde sua primeira versão, em 2009, a ferramenta sofreu diversas alterações que reduziram o acesso e a captura de dados dos perfis pessoais. Tais restrições não atingiram as páginas. Atualmente, o Netvizz é capaz de coletar até 999 posts³⁶ da página investigada e capturar a rede de usuários ativos com suas interações nas publicações (curtidas, comentários, compartilhamentos). Com estes dados, foi possível identificar as publicações que obtiveram maior engajamento, bem como os usuários mais ativos. Os dados são organizados em dois tipos de arquivos: GDF (*geographi data file*) e TSV (*tab-separated values*). O arquivo GDF fornece dados a respeito das arestas (interações) entre as publicações e os usuários, indicado para Análise de Rede Social, através de softwares como o Gephi³⁷. A rede construída é bipartida, ou seja, as publicações e os usuários são organizados com nós na rede e as arestas são criadas a partir das interações dos usuários com os posts e com outros usuários. Os arquivos TSV fornecem dados para análises analíticas, assim como para análise de conteúdo e de discurso, na medida em que coleta todo o conteúdo das publicações e dos comentários dos usuários.

Para esta pesquisa, utilizamos as abordagens relacional e analítica para compreender os processos comunicacionais relacionados à ação. Para tanto, coletamos os dados no período de 20 de fevereiro de 2014 a 24 de junho de 2015. A captura revelou que a *fanpage* contou com 1.102 publicações (GRAF. 1), 47.146 usuários e cerca de 500 mil interações, através dos arquivos TSV. Nestes 490 dias, a página contabilizou em torno de 105 mil curtidas. Três fases foram particularmente importantes para o movimento e exigiram um retrato da rede específico. Assim, coletamos também os dados da *fanpage* em três momentos para observar os laços em torno do movimento: (1) de 20 de fevereiro de 2014 a 14 de abril de 2014, fase que corresponde aos primeiros 54 dias da campanha; (2) de 20 de fevereiro de 2014 a 20 de junho de 2014, período entre o início da campanha e a abertura da consulta pública sobre a rotulagem de alergênicos pela Anvisa; e (3) de 20 de fevereiro de 2015 a 24 de junho de 2015, momento que antecede a aprovação da norma de rotulagem pela Anvisa.

³⁶ Apesar o Netvizz capturar no máximo 999 posts, conseguimos capturar os 1.102 posts publicados entre 20 de fevereiro de 2014 a 24 de junho de 2015.

³⁷ O Gephi é um software de código aberto (open source) para visualização e análise de redes. A aplicação é capaz de manipular grandes quantidades de dados de matrizes da ARS e exibir a rede produzida a partir de critérios matemáticos. Utilizamos o Gephi para a análise dos dados desta pesquisa. O software está disponível em: <https://gephi.org/>

Gráfico 1 – Número de publicações na *fanpage* Põe no Rótulo entre 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015



Fonte: Gráfico criado pela autora.

4.2.4 Põe no Rótulo e a ação em rede

Nos primeiros quatro meses da campanha, foram publicados na página 431 posts, o que representa 38% das publicações de todo o período pesquisado. Este dado traz uma pista sobre a importância da primeira fase da campanha para o fortalecimento da ação. Tal período reflete os avanços significativos do movimento nas discussões sobre a rotulagem com a Anvisa. No dia 15 de abril de 2014, as coordenadoras da campanha participaram da primeira reunião com o órgão para debater questões sobre a rotulagem dos alergênicos. No dia 21 de maio de 2014, a Anvisa divulgou que iria discutir a regulamentação da rotulagem dos alimentos alergênicos para atender as demandas recebidas da sociedade³⁸. No dia 29, na 9ª Reunião Ordinária Pública da Diretoria Colegiada da Anvisa, foi discutida e aprovada a proposta de consulta pública sobre a rotulagem. A consulta pública foi iniciada no dia 16 de junho de 2014, poucos dias antes do movimento completar quatro meses. A consulta pública ficou aberta até o dia 15 de agosto de 2014 e cerca de 3.500 pessoas participaram da pesquisa.

³⁸ Informação disponível em:

<<http://portal.anvisa.gov.br/wps/content/anvisa+portal/anvisa/sala+de+imprensa/menu+-+noticias+anos/2014+noticias/alimentos+e+ingredientes+alergenic+estao+em+discussao>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

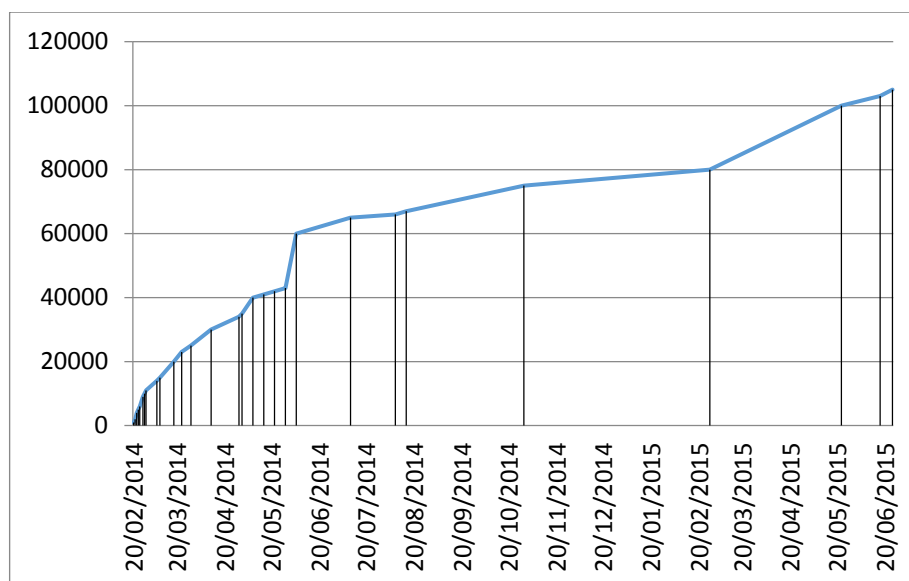
A partir do final de julho, o número de publicações na *fanpage* foi reduzido, com um pequeno aumento em novembro. Este período está relacionado à proposta de Agenda Temática da Anvisa para os anos de 2015 e 2016. O órgão colocou a Agenda para apreciação da sociedade no dia 10 de novembro, com objetivo de compreender quais os temas são prioritários para o biênio. A Agenda ficou aberta até o dia 03 de março de 2015. Das 5.198 colaborações, 4.820 comentários estavam relacionados à questão da rotulagem de alergênicos em alimentos.

A divulgação do resultado da Agenda coincide com o aumento das publicações na página entre fevereiro e junho de 2015. Neste período, foram publicados 282 posts, representando 25% das mensagens divulgadas na *fanpage* da campanha. Esta fase está associada ao encaminhamento do processo de regulamentação da norma sobre os alergênicos, o que parece justificar o aumento de publicações na página. Nos últimos quatro meses da nossa análise, a Anvisa divulgou que iria realizar audiência pública para discutir a rotulagem dos alimentos alergênicos (04 de abril de 2015), realizou a audiência (06 de maio de 2015) e aprovou a norma para rotulagem de alergênicos (24 de junho de 2015). Apesar do aumento das publicações, em termos quantitativos, o volume foi bem menor comparado ao 1º quadrimestre da campanha. No entanto, é possível reconhecer o importante papel da página para distribuir informações e mobilizar a sociedade durante estas duas fases cruciais. Esta constatação é endossada pelo trabalho contínuo das administradoras durante o período.

A adesão social à campanha também foi maior no 1º e 4º quadrimestre (GRAF. 2). Nos quatro primeiros meses, a campanha conquistou mais de 60 mil fãs. Este número representa 60% do total de fãs contabilizados no dia 24 de junho de 2015. O gráfico 2 mostra que a campanha conquistou 11% dos fãs no 2º quadrimestre, 5% no 3º quadrimestre e 24% no 4º³⁹. A partir destes dados, reconhecemos o 1º e o 4º quadrimestre como o período de maior engajamento social à campanha. Os dois momentos contemplam encaminhamentos importantes para o movimento Põe no Rótulo – o início da campanha até abertura da consulta pública e a aprovação da norma de rotulagem –, bem como o maior número de publicações na página. Isto parece sugerir que há uma relação entre a quantidade de publicações na página, o número de novos fãs e o contexto da ação. Iremos analisar os dois períodos para compreender quais processos interacionais estão associados a este panorama e como tais processos colaboraram para a regulamentação da norma para rotulagem de alimentos alergênicos.

³⁹ O número real de curtidas ao longo do tempo só está disponível às administradoras da página. Assim, elaboramos o gráfico com os dados coletados em publicação da *fanpage* e em reportagens sobre o número de curtidas. Dessa forma, o valor apresentado é aproximado.

Gráfico 2 – Número de curtidas na *fanpage* Põe no Rótulo entre 20 de fevereiro de 2014 a 24 de junho de 2015



Fonte: Gráfico criado pela autora.

Para Cecília Cury, a pressão social que emergiu do movimento acelerou consideravelmente o início da consulta pública. A advogada explicou que já tinha iniciado conversas na Anvisa e na Câmara Federal antes mesmo do Põe no Rótulo eclodir, mas que as interações nas redes sociais digitais provocam um grande salto neste processo. A rede em torno da questão da rotulagem de alimentos foi drasticamente ampliada quando a problemática ultrapassou os limites dos grupos fechados e ganhou espaço através da *fanpage* e da hashtag #poenorotulo. No entanto, como iremos descrever em seguida, o movimento Põe no Rótulo é resultado de diversos fatores que foram dinamizados através de interações e ações em redes digitais.

No dia do lançamento da *fanpage*, a página contou com mil curtidas. Acreditamos que a rápida adesão desse público é resultado da comunidade em torno da questão da alergia alimentar que já estava reunida no Facebook através de grupos fechados. No entanto, ao criar uma ambiência de diálogo aberta, em apenas sete dias, o movimento alcançou 10 mil fãs. Neste período, as administradoras publicaram 30 posts na página que produziram mais de oito mil interações (entre curtidas, comentários e compartilhamentos). No dia 24 de fevereiro de 2014, quatro dias após o lançamento da *fanpage*, a campanha foi divulgada pelo deputado

federal Jean Wyllis, no seu perfil do Twitter⁴⁰. O deputado foi o primeiro formador de opinião a apoiar a campanha nas redes sociais digitais. No dia 26, o movimento ganhou espaço na rádio CBN de São Paulo⁴¹. A divulgação e a adesão à campanha foram mais significativas neste primeiro momento da campanha. Para compreender o panorama em torno do movimento, organizamos o conteúdo publicado na *fanpage* em duas macro categorias temáticas, com cinco categorias cada uma. São elas:

Tabela 1 – Categorias temáticas dos posts publicados na *fanpage*

CONTEÚDO INFORMATIVO	
AÇÃO	posts que descrevem ações do movimento Põe no Rótulo.
ALERTA	posts que alertam sobre rótulos inadequados e riscos.
ANVISA	posts relacionados à Anvisa durante todo o processo de reivindicação da regulamentação.
INFORMATIVO	posts com conteúdo informativo sobre alergia alimentar (orientações, receitas, músicas, apoio a outros movimentos).
MOVIMENTO	posts sobre o movimento, número de curtidores, solicitações de apoio.
APOIO AO MOVIMENTO PÕE NO RÓTULO	
SOCIEDADE CIVIL	posts de apoio da sociedade civil ao movimento com fotos de adesão à campanha e relatos sobre experiências sobre a alergia alimentar.
IMPRENSA	posts que divulgam reportagens sobre o movimento Põe no Rótulo e a problemática da alergia alimentar.
INSTITUCIONAL	posts que divulgam o apoio institucional ao movimento.
PERSONALIDADE	posts que divulgam a adesão de figuras públicas ao movimento.
SITES E BLOGS	posts que divulgam o movimento em sites e blogs.

Fonte: Tabela criada pela autora.

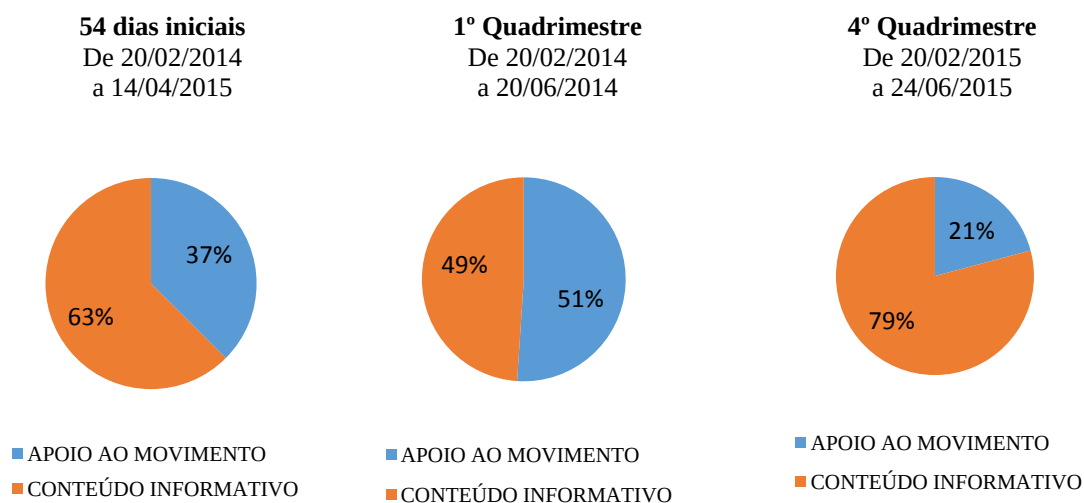
Durante todo o período pesquisado, a macro categoria ‘Conteúdo Informativo’ representou 62% das publicações da *fanpage* e a macro categoria “Apoio ao Movimento Põe no Rótulo”, 38% (GRAF. 3). No entanto, nos quatro primeiros meses, a quantidade de publicações da categoria ‘Conteúdo Institucional’ e ‘Apoio ao Movimento’ foram semelhantes. Vale ressaltar que dos 414 posts da categoria ‘Apoio ao Movimento’, 53% foram publicados neste período. Ou seja, o movimento teve maior destaque na imprensa espontânea, apoio de personalidades, da sociedade civil e de instituições nos primeiros meses. Entre os 100 posts com maior engajamento nos 16 meses pesquisados, 40% deles foram publicados no 1º quadrimestre, 8% no 2º, 26% no 3º e 27% no 4º.

⁴⁰ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/poenorotulo/photos/a.1408757802708338.1073741828.1408421726075279/1409939412590177/?type=3&theater>> . Acesso em: 10 mar. 2016.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/10153844741665494>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Gráfico 3 – Percentual de posts por macro categoria temática



Fonte: Gráfico criado pela autora.

4.2.4.1 Primeiros dias da ação

Ao partimos da perspectiva que a rede social digital em torno do movimento Põe no Rótulo acelerou o processo de debate com a Anvisa, culminando na regulamentação da norma para rotulagem de alergênicos em alimentos, torna-se imprescindível observar como a campanha ganhou força tão rapidamente. Tendo em vista que a primeira reunião com a Anvisa para discutir a questão da rotulagem foi agendada para o dia 15 de abril de 2014, a partir da pressão do movimento, vamos observar o cenário inicial da *fanpage* no período de 20 de fevereiro a 14 de abril de 2014. Nestes primeiros 54 dias, a página contou com 223 publicações, cerca de 30 mil curtidas de fãs e mais de 80 mil interações em todas as publicações. Todas as cinco publicações com maior número de engajamento estão associadas à macro categoria ‘Apoio ao Movimento’, sendo quatro da categoria ‘Personalidade’ e uma da categoria ‘Institucional’.

No período, foram postadas 44 publicações enfatizando o apoio de figuras de destaque à campanha. Entre elas, artistas, músicos, atletas, escritores, apresentadores, personagens de desenhos infantis. A primeira publicação da categoria aconteceu no dia 24 de fevereiro, com a divulgação do apoio do deputado federal Jean Wyllis. A publicação contou com 285 interações. Em poucos dias, o tema ‘Personalidade’ passou a provocar maior engajamento na página. Através dos dados capturados, ficam evidentes os efeitos das publicações de adesão

ao movimento. No período, o apoio do ator Mateus Solano⁴², protagonista da novela Amor à Vida⁴³, ganhou o maior número de interações na página (FIG. 5). Foram 1.208 curtidas, 71 comentários e 883 compartilhamentos. A publicação foi feita no dia 19 de março, quando a página estava completando um mês e contabilizava cerca de 20 mil curtidas. A maior parte dos comentários elogiava e agradecia o apoio do ator ao movimento (FIG. 6).

A segunda publicação com maior interação está associada a categoria ‘Institucional’ e divulgava o apoio da página Três Gerações ao movimento⁴⁴. As administradoras da página criaram um *meme* de humor para a campanha, utilizando uma imagem amplamente difundida nas redes sociais digitais, alterando apenas o texto (FIG. 7). A publicação foi postada no dia 02 de março e contou com 820 curtidas, 27 comentários e 985 compartilhamentos. Quase todos os comentários parabenizavam a campanha e o apoio (FIG. 8). Já a terceira publicação com mais interação exibia o apoio da cantora Paula Toller à campanha (FIG. 9). O post foi publicado no dia 24 de março e teve 1.128 curtidas, 29 comentários e 274 compartilhamentos. Nos comentários, os usuários comemoravam o apoio e ressaltavam a beleza da cantora (FIG. 10).

Observamos que as três publicações expõe imagens de pessoas reconhecidas e um *meme* já difundido nas redes sociais digitais. Na época da publicação, o ator Mateus Solano ainda estava com grande evidência na mídia após seu sucesso como protagonista da novela das 21 horas, na Rede Globo. A cantora Paula Toller, sucesso entre os anos de 1980 e 2000 como vocalista da banda Kid Abelha, é uma figura de destaque no cenário musical brasileiro dos últimos 30 anos. Certamente, várias das mães engajadas no movimento Põe no Rótulo conhecem a cantora. Já a tirinha ‘Quem somos?’ foi inspirada no *meme* ‘O que queremos? Quando queremos?’. O *meme* ganhou as redes sociais digitais no Brasil em novembro de 2011 como a adaptação de um *meme* americano⁴⁵. Desde então, a arte é utilizada para satirizar questões do cotidiano. Na montagem produzida para a campanha Põe no Rótulo, o *meme* traz sucintamente a proposta do movimento. A força arte está na apropriação do *meme* para divulgar a ação.

⁴² Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1416145431969575:0>>. Acesso em: 27 abri. 2016.

⁴³ A novela foi exibida no período de 20 maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014, na Rede Globo, às 21h.

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1411452412438877:0>>. Acesso em: 27 abri. 2016.

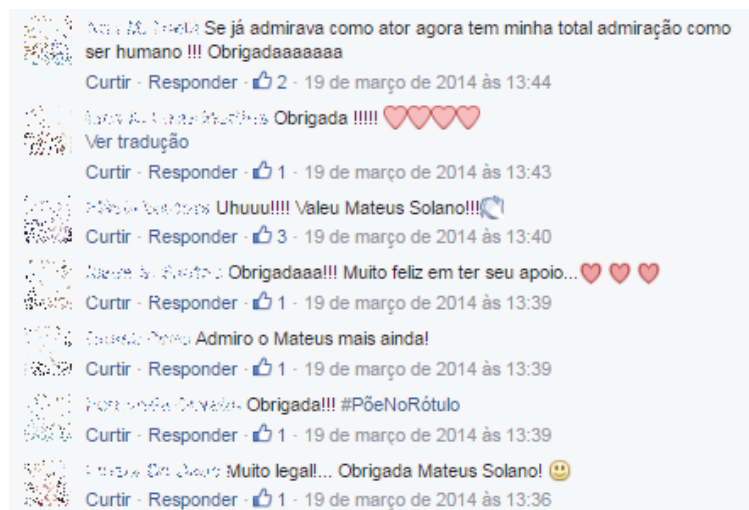
⁴⁵ Disponível em: <<http://youpix.virgula.uol.com.br/memepedia/a-origem-e-o-melhor-do-meme-o-que-queremos-quando-queremos/>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

Figura 5 – Publicação com maior interação nos primeiros 54 dias da campanha



O post divulga o apoio do ator Mateus Solano ao movimento Põe no Rótulo. Fonte: Facebook.

Figura 6 – Comentários no post sobre o apoio de Mateus Solano ao movimento (FIG. 5)



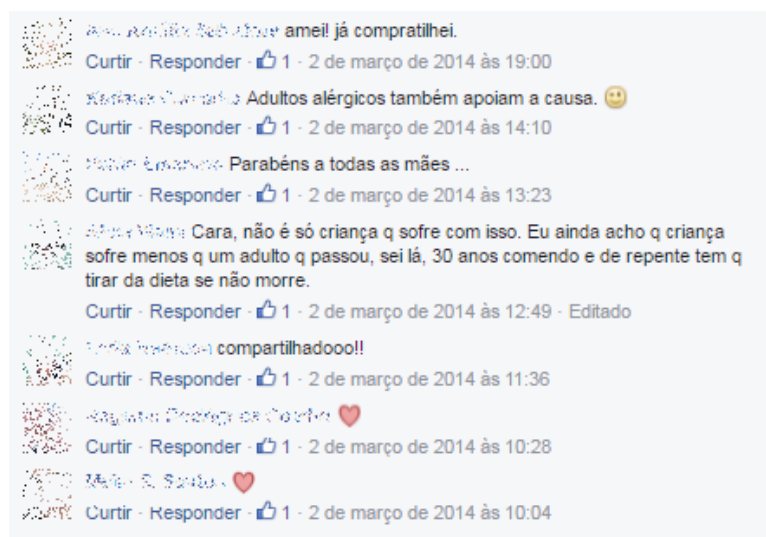
Fonte: Facebook.

Figura 7 – Publicação com segundo maior número de interação nos primeiros 54 dias da campanha



O post é um *meme* produzido por uma *fanpage* sobre movimento. Fonte: Facebook.

Figura 8 – Comentários da publicação com o *meme* sobre a campanha (FIG. 7)



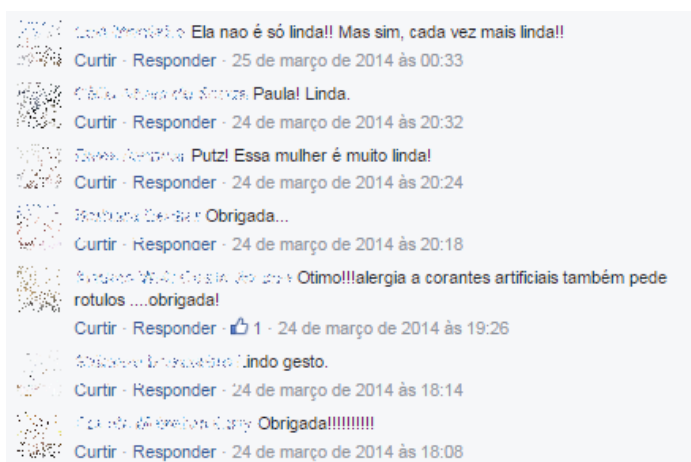
Fonte: Facebook.

Figura 9 – Terceira publicação com maior número de interações nos primeiros 54 dias da campanha



O post divulga o apoio da cantora Paula Toller ao movimento. Fonte: Facebook.

Figura 10 – Comentários do post com o apoio da cantora Paula Toller à campanha (FIG. 9)

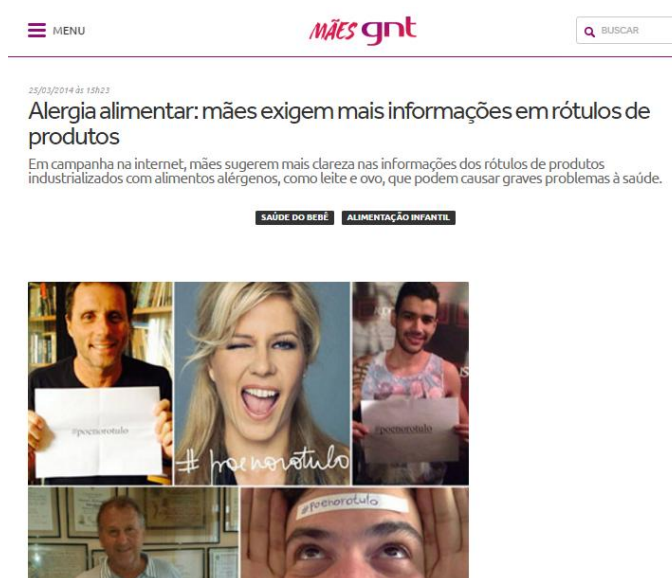


Fonte: Facebook.

De acordo com Cecília Cury, inicialmente, a sensibilização das personalidades ocorreu através da ação direta da rede envolvida na campanha com objetivo de ampliar a visibilidade da ação e endossar a campanha. A estratégia buscava dar legitimidade e força ao momento. A

boa repercussão das fotos com a hashtag Põe no Rótulo rapidamente ampliou a ação e figuras públicas começaram a apoiar o movimento espontaneamente. Dessa forma, a ação ganhou um crescimento exponencial na medida em que foi amplificada por novas vozes e canais. Seja através de seus perfis pessoais ou de seus fãs, o apoio de uma personalidade midiática trouxe novas adesões. As personalidades tornaram-se conectores entre o movimento e outras redes, reduzindo a distância diversos pontos da rede e amplificando a visibilidade da ação (GRANOVETTER, 1973; BARABÁSI, 2009; RECUERO, 2011). É possível perceber também que a adesão de personalidades à campanha ofereceu novas perspectivas de enfoque midiático sobre o tema (FIG. 11).

Figura 11 – Imagem de reportagem sobre o movimento com imagens de personalidades que apoiaram à campanha



Fonte: <http://gnt.globo.com/maes-e-filhos/materias/alergia-alimentar-maes-exigem-mais-informacoes-em-rotulos-de-produtos.htm>. Acesso em: 14 abri. 2016.

Para observarmos a rede criada em torno do movimento nos 54 dias iniciais da campanha, acrescentamos a informação sobre a categoria temática da publicação ao arquivo GDF, gerado pelo Netvizz. Assim, foi possível visualizar a rede a partir do critério ‘Categoria’ para compreender o panorama das interações por temática do post. O arquivo GDF traz informações sobre os laços produzidos entre os nós da rede (posts e usuários), considerando curtidas e comentários nos posts e curtidas em comentários. Os laços relacionados aos compartilhamentos dos posts não são capturados. Com a ajuda do software Gephi, produzimos grafos que revelam o retrado da rede entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014. A rede produzida obteve um baixo grau de densidade de 0,008 ou

0,08%. A densidade da rede refere-se ao número de laços encontrados na rede em relação ao número total de conexões possíveis (RECUERO *et al.*, 2015). Isto mostra que o número de conexões entre os nós na *fanpage* é pequeno. Lembramos que este dado leva em conta todos os nós (posts e usuários) e suas possíveis conexões. Assim, para alcançar o número máximo de conexões, cada nó teria que estabelecer conexão com os mais de 12 mil usuários ativos na *fanpage* no período.

Criamos um grafo utilizando a distribuição ForceAtlas2 que aproxima os nós por grau de interação, criando comunidades por afinidades (RECUERO *et al.*, 2015). Assim, aplicando-se a métrica de Modularidade, o Gephi apontou a existência de 13 comunidades na rede. Tal dado revela a dispersão dos nós em torno de interesses distintos. Para deixar os posts mais visíveis, alteramos o tamanho dos nós pelo número de engajamento. Assim, podemos observar que a publicação com maior número de interações mobilizou uma comunidade específica na rede, conforme mapa 1. Quanto mais ao centro do grafo, maior o número de interações produzido pelo nó e maior o número de laços com posts distintos. Observamos que os nós periféricos, ou seja, menos coesos e engajados no movimento, contribuíram significativamente para impulsionar as interações nas publicações. Através de filtros disponíveis no Gephi, podemos observar que dos mais de 12 mil nós, 53% interagiram na página apenas uma vez, 13% duas vezes e 7% três vezes. Apenas 500 usuários produziram mais de 20 interações na página, evidenciando o número reduzido de nós que compõe a comunidade coesa e central da rede. O número aproxima-se da quantidade de mães que participavam do grupo fechado no Facebook. Apesar de não ser possível visualizar a rede externa à *fanpage* através dos dados capturados, sabe-se da importância dos laços fracos para a expansão e fortalecimento ação (GRANOVETTER, 1973). Os nós mais dispersos da rede criam conexões com outras redes, reduzindo a distância entre pontos da rede. Assim, os nós menos conectados e engajados possuem o importante papel para expandir a ação para outras comunidades.

Mapa 1 – Grafo da fanpage entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014

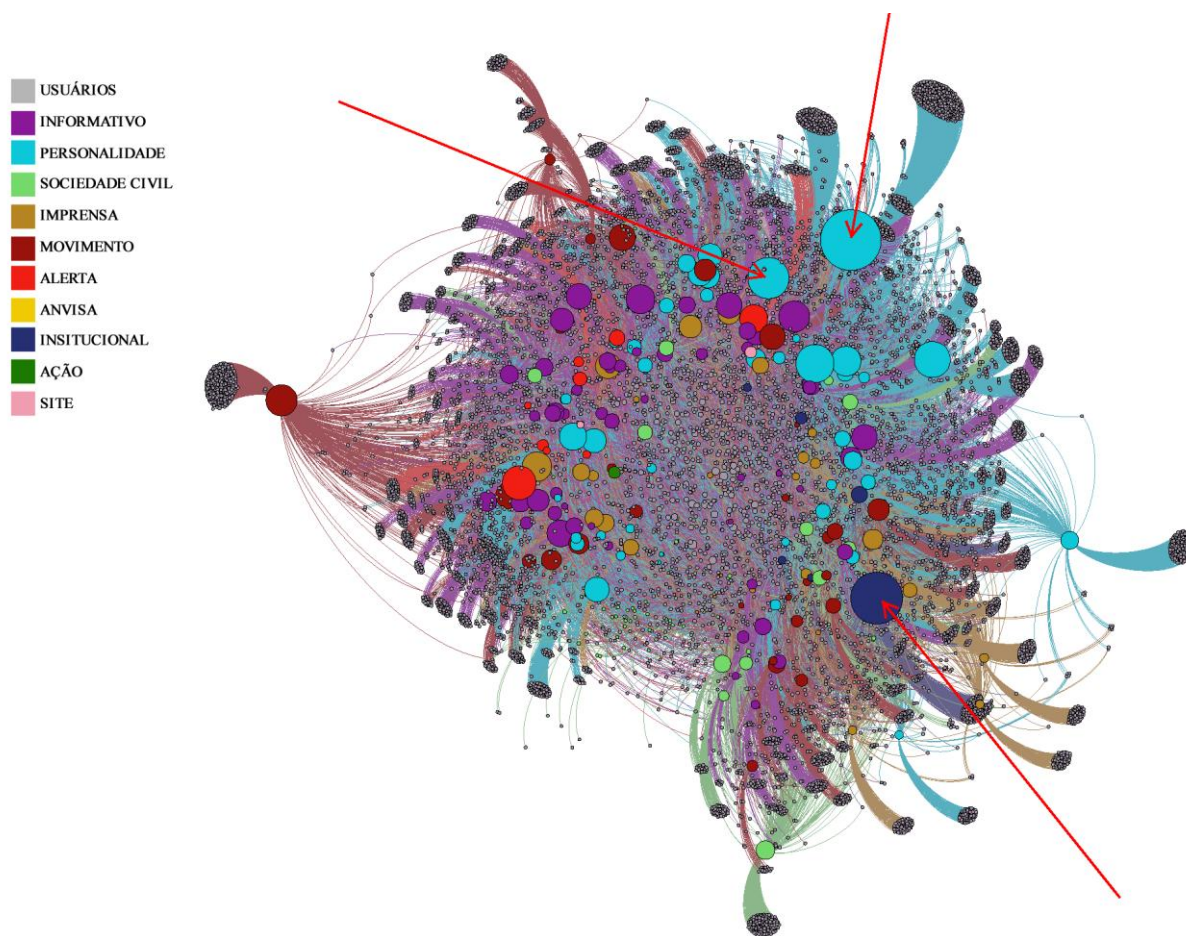


Grafo produzido através da métrica de modularidade evidenciando 13 clusters na rede separados por cor. Fonte: Grafo produzido pela autora.

O grafo abaixo (mapa 2) revela a rede por categoria temática do post. Ao compararmos as visualizações do mapa 1 e mapa 2, observamos que, de modo geral, não há uma relação clara entre a temática da publicação e a rede de usuários mobilizada pelo critério de modularidade. Os grupos gerados pelo critério de modularidade estão mais associados às datas das publicações. Apenas nas categorias ‘Personalidade’ e ‘Informativo’, é possível reconhecer uma predominância de comunidade no grafo. Na verdade, as publicações com maior engajamento mobilizaram interações através de uma rede específica com contribuições da rede mais central do grafo. Assim, quanto maior o nó, maior a número de nós periféricos

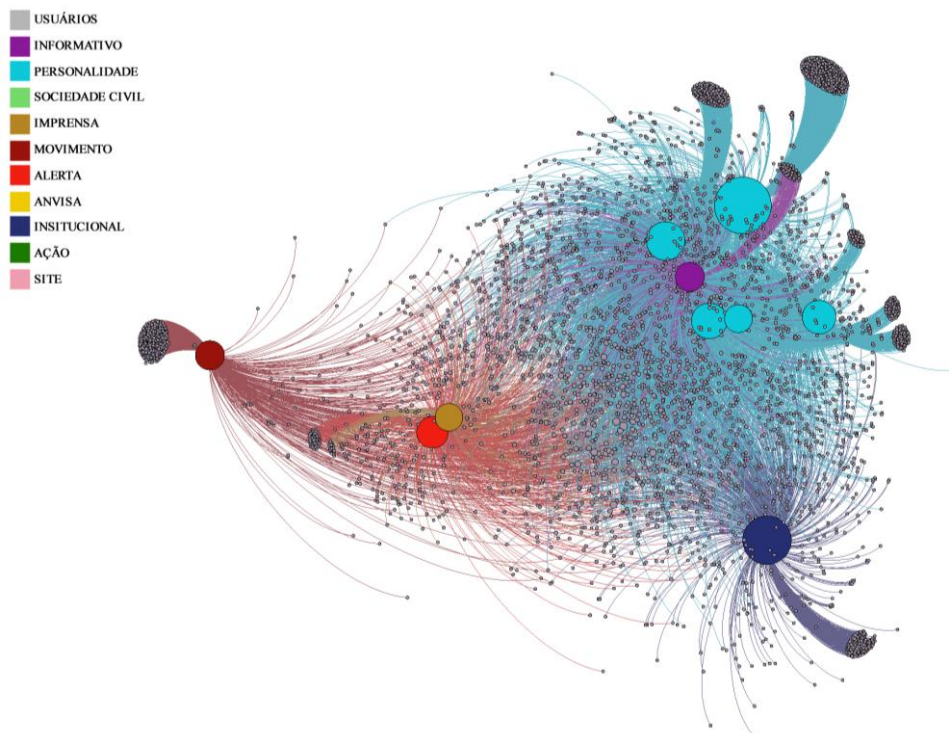
relacionados a ele. Ao visualizarmos os dez posts com maior número de interações (mapa 3), utilizando o filtro de rede ego, conseguimos observar a rede criada em torno das publicações. Os nós visíveis representam 39,59% os usuários da rede durante o período, mas apenas 13,6% das arestas do grafo. Já a observação da rede ego da categoria Personalidade (mapa 4) revela um grafo com quase 50% dos usuários ativos da página e 29% das interações.

Mapa 2 – Grafo da Fanpage entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014



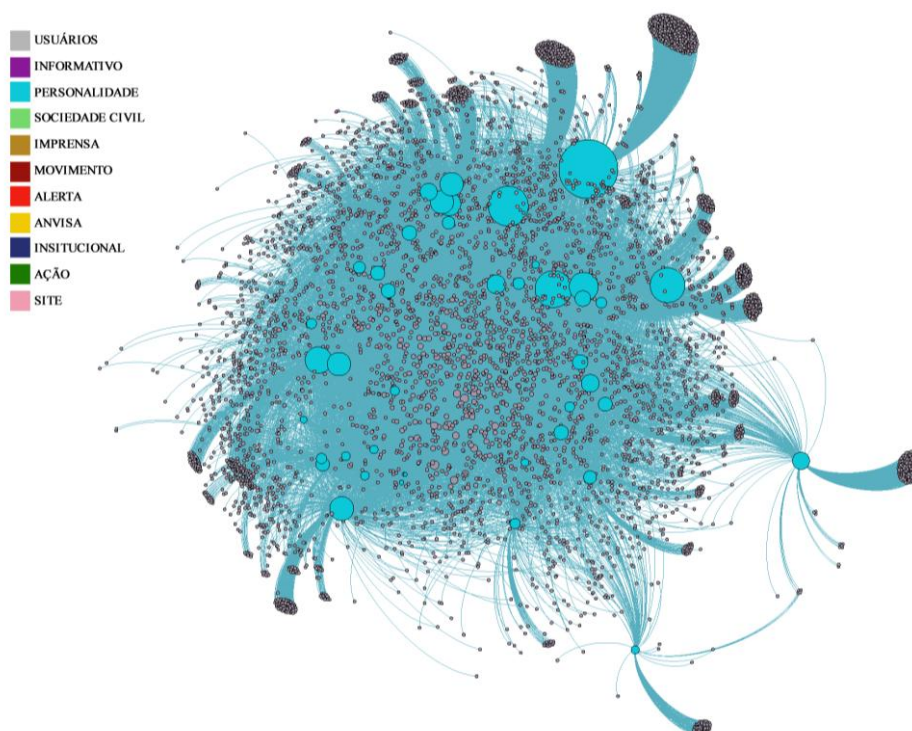
As cores apontam os posts por categoria temática e o tamanho dos nós é proporcional ao número de interações recebidas e/ou realizadas. As setas indicam os post com maior número de interações. Fonte: Grafo produzido pela autora.

Mapa 3 – Grafo dos dez post com maior número de interações entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014



As cores distinguem os posts por categoria e o tamanho dos nós é proporcional ao número de interações recebidas e/ou realizadas. Fonte: Grafo produzido pela autora.

Mapa 4 – Grafo dos posts da categoria ‘Personalidade’ entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 14 de abril de 2014



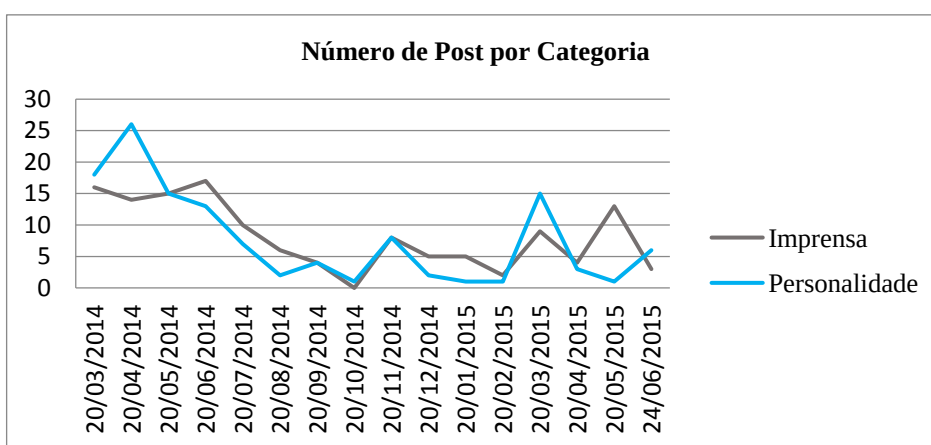
Fonte: Grafo produzido pela autora.

Cerca de 60% das publicações da categoria ‘Personalidade’ foram postadas nos quatro primeiros meses da campanha. Nos dois primeiros meses, a quantidade de apoio foi mais alto comparado aos demais períodos. O pico de adesão foi conquistado entre os meses de março e abril. A partir deste período, os posts do tema ‘Personalidade’ declinaram. Apesar do declínio, o movimento não perdeu fôlego, sugerindo que a ação já havia conquistado autonomia. As discussões com a Anvisa já estavam em andamento e o processo seguiu normalmente. Como observaremos mais à frente, novos temas ganharam força na página como ‘Ação’ e ‘Alerta’, decorrentes das ações promovidas pelo movimento, dos encaminhamentos da Anvisa e das reportagens na imprensa. Entre os meses de outubro e novembro de 2014, as publicações da categoria ‘Personalidade’ têm um pequeno crescimento e, no 4º quadrimestre da campanha, a adesão de figuras midiáticas eleva-se um pouco mais. O período antecede a audiência pública para regulamentação da norma de rotulagem. No gráfico 4 é possível observar a relação entre as publicações da categoria ‘Personalidade’ e ‘Imprensa’. Tomando como referência apenas esses dois fatores, podemos perceber que, inicialmente, o apoio de personalidades parece sensibilizar a cobertura da imprensa. Em boa parte do período, ambos seguem uma mesma dinâmica, até que, no final do período analisado, a adesão de personalidades diminui e a cobertura jornalística aumenta. Este cenário reflete que as duas categorias possuem uma relação temporal e contextual associada às ações desencadeadas pelo movimento Põe no Rótulo, assim como às reuniões promovidas pela Anvisa.

De um modo geral, o número de interações produzidas nas publicações das categorias ‘Personalidade’ e ‘Imprensa’ seguiram uma curva semelhante (GRAF. 5). Na categoria ‘Personalidade’, é possível reconhecer apenas um pico que foge da tendência do número de posts. Este fato ocorre no dia 23 de junho de 2015, com a divulgação do apoio da apresentadora Fátima Bernardes ao movimento, um dia antes da Anvisa aprovar a norma de regulamentação dos rótulos. Desde o mês de maio de 2015, a expectativa em torno da aprovação da norma mobilizou a rede do movimento. Acreditamos que este contexto amplificou as interações na postagem da apresentadora, visto que, durante o período, o movimento conquistou espaços importantes na imprensa. Como aponta o gráfico 5, um dos dois picos da categoria ‘Imprensa’ está associado ao mesmo período. No dia 24 de junho de 2015, o Jornal Hoje e o Jornal Nacional, ambos da Rede Globo, noticiaram a aprovação da norma de rotulagem de alergênicos. Na *fanpage*, as administradoras divulgaram a matéria veiculada no primeiro noticiário e a produção da reportagem do segundo programa. O segundo pico de interações da categoria ‘Imprensa’ ocorreu em outubro de 2014, com os posts relacionados à reportagem sobre alergia alimentar do programa Fantástico, também da Rede

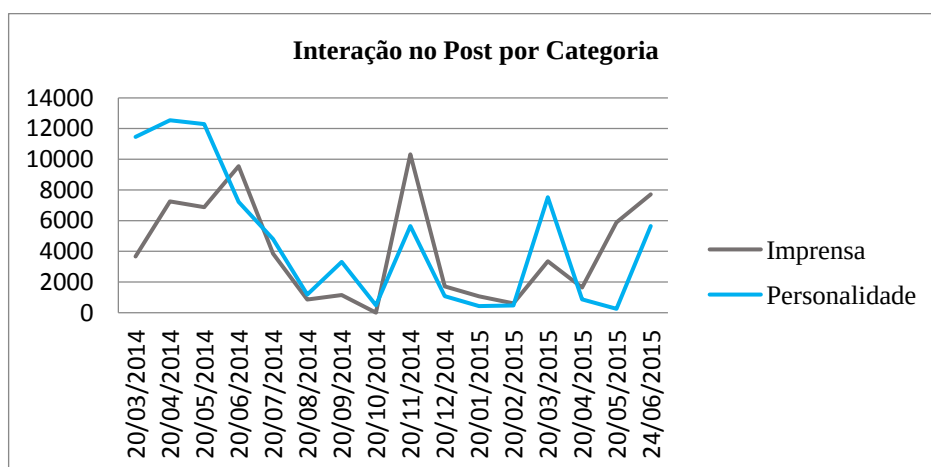
Globo, no qual o movimento participou. O gráfico revela que o período aglutinou o maior número de interações da categoria ‘Imprensa’. No entanto, como mostra o gráfico 6, o período que corresponde a aprovação da norma conquistou o maior número de interações médias tanto na categoria ‘Imprensa’ quanto na categoria ‘Personalidade’. É possível reconhecer também que os posts relacionados à ‘Personalidade’ tiveram um maior número de interação média se comparado aos posts da temática ‘Imprensa’. Esta tendência só foi alterada na divulgação das reportagens mais populares, demonstrando o poder da mídia tradicional para pautar as interações das redes sociais digitais.

Gráfico 4 – Número de posts nas categorias ‘Imprensa’ e ‘Personalidade’ durante o período de 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015



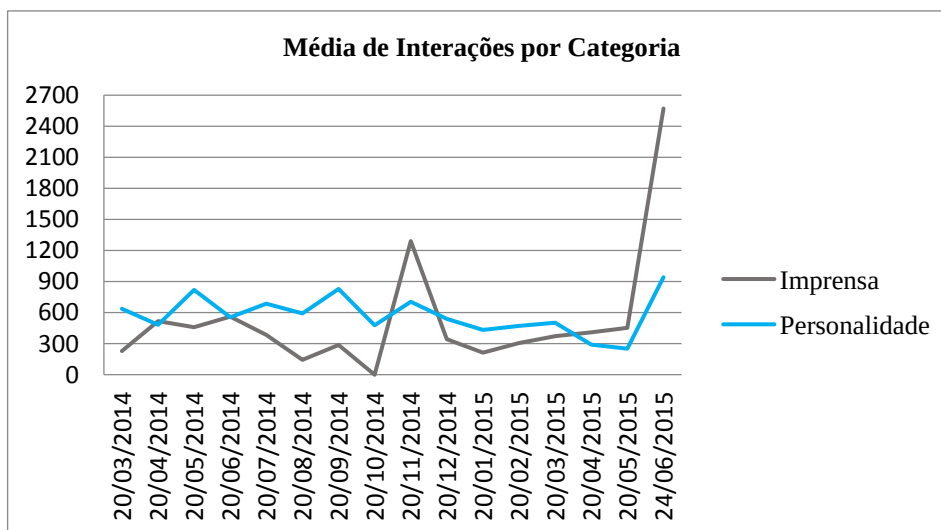
Fonte: Gráfico produzido pela autora.

Gráfico 5 – Número de interações nas categorias ‘Imprensa’ e ‘Personalidade’ durante o período de 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015



Fonte: Gráfico produzido pela autora.

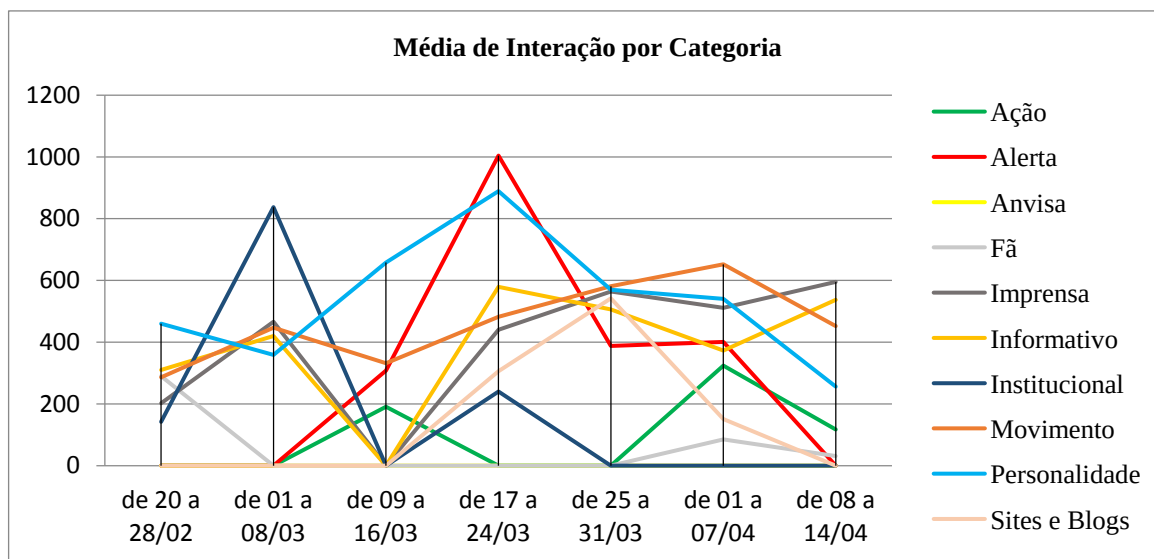
Gráfico 6 – Número de médio de interações nas categorias ‘Imprensa’ e ‘Personalidade’ durante o período de 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015



Fonte: Gráfico produzido pela autora.

Assim, com verificamos no gráfico 7, um importante fator para que o movimento Põe no Rótulo rompesse os limites do grupo de mães foi a adesão de personalidades à campanha e o apoio de parceiros institucionais. No primeiro mês da ação, o apoio destes setores forneceu legitimidade e força ao movimento, ampliando e expandindo a rede em torno da ação. Do mesmo modo, o suporte institucional também promoveu o fortalecimento da imagem do movimento. É importante lembrar que estas adesões estão associadas às características do movimento. O Põe no Rótulo é uma ação apartidária, sem vínculos a estruturas sociais ou institucionais. O movimento nasceu da inquietação comum de diversas famílias de crianças com alergia alimentar. Assim, não está subordinado a diretrizes ideológicas ou de movimentos sociais organizados. A causa comum do movimento é objetiva: exigir informações claras e precisas nos rótulos de alimentos. Apesar do foco delimitado, a reivindicação possui características que permeiam as mais diversas esferas sociais, tornando-a ampla. O problema da alergia alimentar não está restrito a grupos específicos, afinal atinge todos os espaços sociais, independentemente da classe social, escolaridade, região, etnia, entre outros. Assim, a questão problematizada pelo movimento sensibilizou atores de diversos campos que voluntariamente engajaram-se na ação, seja através de solicitações diretas ou conexões espontâneas. Na *fanpage* do movimento, esta rede é revelada através das publicações realizadas pelas administradoras e das interações produzidas pelos usuários, seja curtido, comentando ou compartilhando publicações.

Gráfico 7 – Número de interação média nas dez categorias temáticas entre os dias 02 de fevereiro de 2014 a 14 de abril de 2014



Percebemos que durante o primeiro mês da campanha a categoria ‘Personalidade’ conquistou o maior número de interações médias. Fonte: Gráfico produzido pela autora.

Nesses primeiros 54 dias, as publicações das categorias ‘Alerta’ e ‘Informativo’ também dinamizaram interações na página. No período foram publicados apenas nove posts relacionados a ‘Alertas’ e 57, a ‘Informativos’. As mensagens ofereciam informações sobre produtos alergênicos, rótulos inadequados e alimentos com ingredientes alergênicos. A primeira publicação da categoria ‘Alerta’ ocorreu no dia 21 de março e contou com 438 curtidas, 54 comentários e 439 compartilhamentos⁴⁶. O post alertava sobre a presença do leite no salame. Nos comentários, alguns usuários compartilharam a surpresa ao saber da informação, enquanto outros apontavam produtos livres do alergênico e as dificuldades de encontrar produtos sem alergênicos. Assim, a mensagem de alerta foi incrementada com a participação de outros agentes. Já a publicação com maior interação da categoria ‘Informativo’⁴⁷ chamava atenção para o uso da palavra caseína em substituição ao leite nos rótulos. Publicado no dia 19 de março, o post obteve 606 curtidas, 58 comentários e 382 compartilhamentos. Nos comentários, uma nova rede de troca de informações foi estabelecida, ampliando a discussão em torno do tema da publicação.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1416669031917215:0>>. Acesso em: 17 abri. 2016.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1416217005295751:0>>. Acesso em: 17 abri. 2016.

4.2.4.2 Primeiro quadrimestre da ação

Durante os quatro primeiros meses da campanha, novos temas ganharam força interacional na página. No período, três posts de categorias temáticas diferentes conquistaram o maior número de interações. A publicação com maior engajamento está relacionada ao tema ‘Alerta’ e trazia a ilustração de uma criança e a mensagem sobre os cuidados ao oferecer alimentos a crianças sem o consentimento dos responsáveis (FIG. 12)⁴⁸. O post contabilizou 1.099 curtidas, 29 comentários e 2.515 compartilhamentos. A segunda publicação com maior engajamento refere-se ao apoio do ator Reynaldo Gianecchini à campanha (FIG. 14)⁴⁹. O ator publicou uma foto no seu Instagram⁵⁰ ressaltando a importância da campanha e recomendado que seus fãs curtissem a página do movimento. No Instagram do ator, a publicação obteve 16.600 curtidas e 382 comentários. Já na página do Põe no Rótulo, a postagem sobre o apoio alcançou 2.647 curtidas, 64 comentários e 525 compartilhamentos. A terceira publicação com maior quantidade de interação trata da participação do Põe no Rótulo na reunião da Anvisa para discutir a proposta de Consulta Pública (FIG. 16)⁵¹. A postagem possui uma foto na sala da reunião com hashtag da campanha. A publicação contou com 1.761 curtidas, 147 comentários e 279 compartilhamentos.

As duas primeiras publicações (FIG. 12 e 14) ocorreram no período que antecede a discussão sobre a consulta pública. O período é marcado pelo intenso engajamento social na campanha, seja através de curtidas na página, seja através da interação a partir das postagens. Das 502 mil interações realizadas nos 16 meses pesquisados, 41% ocorreram em postagens publicadas nos quatro primeiros meses da campanha. A figura 12 traz um apelo claro sobre os riscos de oferecer comidas a crianças. A arte visual é simples, dando destaque para a mensagem. A ilustração da criança é uma sinalização da temática infantil. A maioria dos comentários endossa a importância do alerta, ressaltando os riscos de uma alimentação inadequada e apresentando experiências relacionadas ao tema (FIG. 13). Contudo, algumas pessoas ampliaram a discussão para os riscos da aplicação de medicamentos. Apenas dois comentários fugiram à temática do post. Percebe-se que o tema da publicação exige atenção cotidiana das mães, o que pode justificar o alto número de interações na postagem. A figura

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1429472867303498:0>>. Acesso em: 13 abri. 2016.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1429968827253902:0>>. Acesso em: 13 abri. 2016.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reynaldogianecchini/>>. Acesso em: 13 abri. 2016.

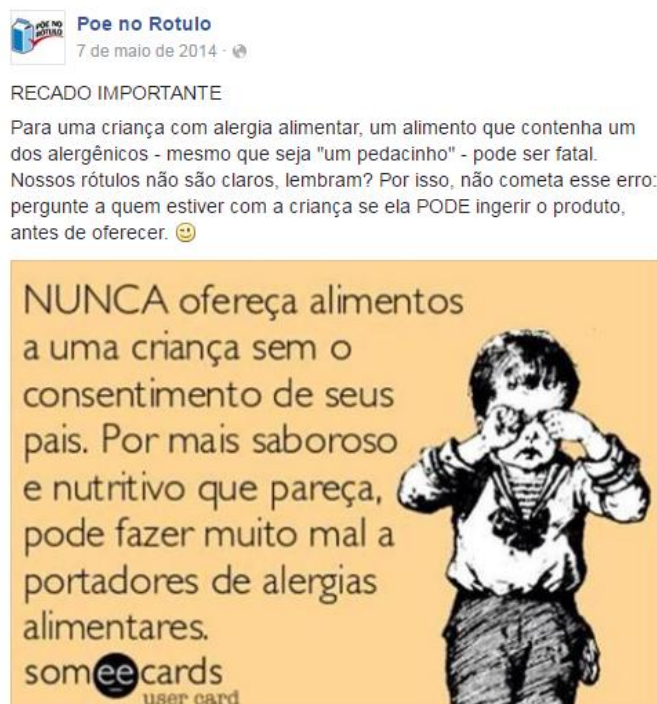
⁵¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1435355006715284:0>>. Acesso em: 13 abri. 2016.

14 traz duas mensagens: (1) a foto do ator Reynaldo Gianecchini com a hashtag #poenorotulo já revela seu apoio à campanha; (2) o texto associado à foto ressalta a conquista de 40 mil fãs na página, a adesão do ator ao movimento e o texto publicado por ele no Instagram. A publicação dá força ao movimento na medida em que associa a imagem de uma figura pública simpática às questões da saúde à campanha. Além disso, o ator é considerado um galã com amplo carisma entre o público feminino (FIG. 15).

A publicação da figura 20 é o segundo passo dado pela Anvisa para ouvir a sociedade civil sobre as alterações nos rótulos de alimentos que contém ingredientes alergênicos⁵². Na reunião, foi aprovada a proposta da Consulta Pública sobre a problemática da rotulagem de alimentos a partir das demandas levantadas pelo movimento Põe no Rótulo e da pressão social que emergiu através da campanha. Neste dia, diversos veículos de comunicação noticiaram a proposta de Consulta Pública. Entre estes veículos, destacamos a reportagem exibida no Jornal Hoje, da Rede Globo, sobre ação da Anvisa e sobre o movimento Põe no Rótulo. No dia da reportagem, o número de fãs da página saltou de 43 mil para 53 mil. Assim, acreditamos que as interações da publicação estão relacionadas tanto ação da Anvisa e do Põe no Rótulo, mas também a repercussão desta ação da mídia de massa. Dos 147 comentários capturados, 51 citavam a reportagem do Jornal Hoje e 17 eram claramente de pessoas que estavam conhecendo a página pela primeira vez (FIG. 17). Este percurso mostra que a interconectividade e a interdependência são pressupostos inerentes da dinâmica das redes. A ecologia do ambiente digital revela-se em cenários complexos que se retroalimentam continuamente através de processos de expansão e retração (CAPRA, 2000; MORIN, 2011).

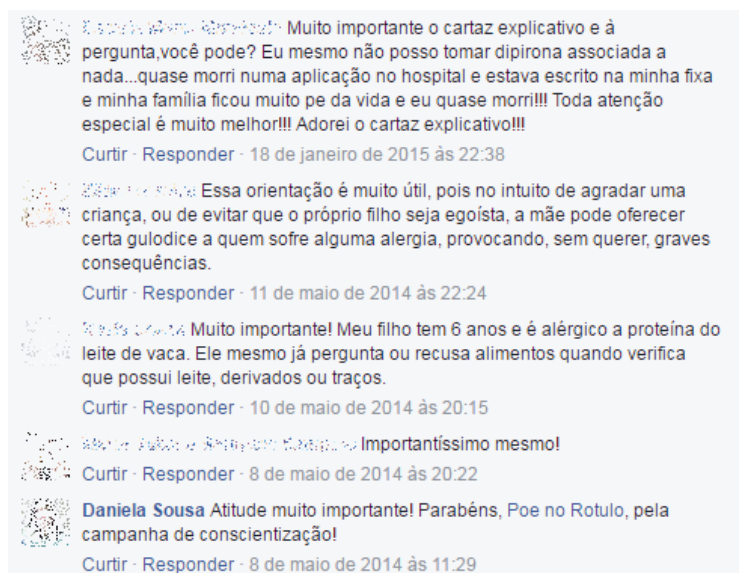
⁵² No dia 15 de abril de 2014, representantes do movimento Põe no Rótulo e a Anvisa reuniram-se para discutir as demandas da sociedade civil sobre a rotulagem de alimentos com ingredientes alergênicos.

Figura 12 – Publicação com maior interação nos quatro primeiros meses da campanha



Fonte: Facebook.

Figura 13 – Comentários da publicação da figura 12 ressaltando a importância da informação



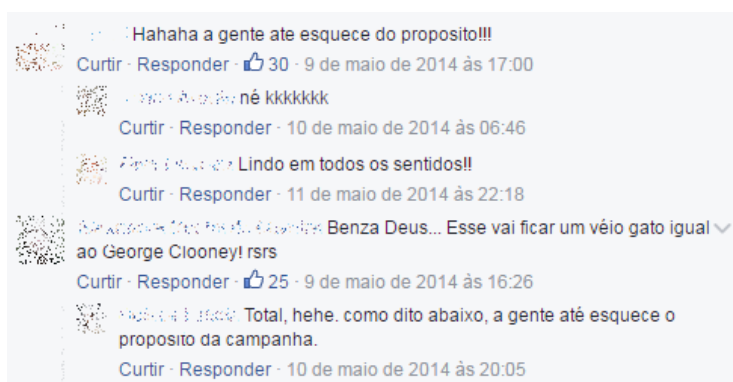
Fonte: Facebook.

Figura 14 – Publicação com segundo maior engajamento nos quatro primeiros meses da campanha



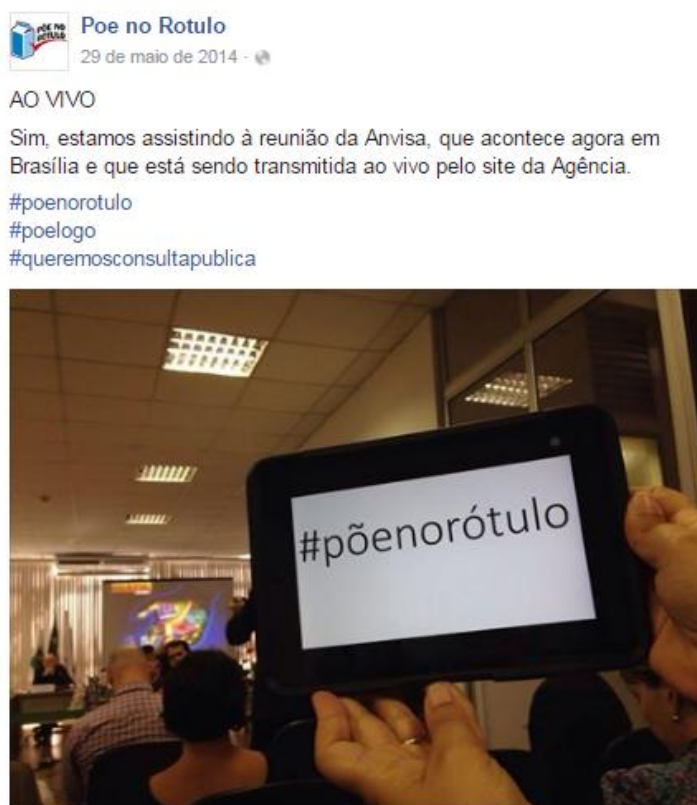
Fonte: Facebook.

Figura 15 – Comentários da publicação da figura 14 enaltecendo aspectos físicos do ator



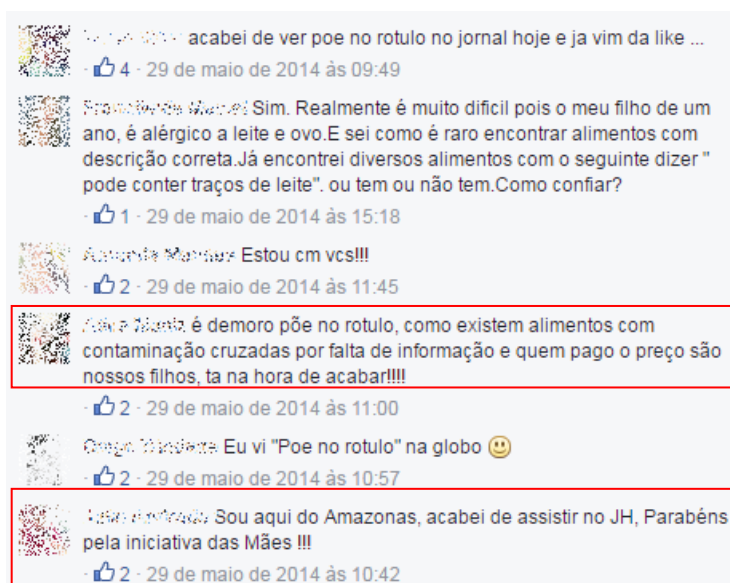
Fonte: Facebook.

Figura 16 – Publicação com terceiro maior engajamento nos quatro primeiros meses da campanha



Fonte: Facebook.

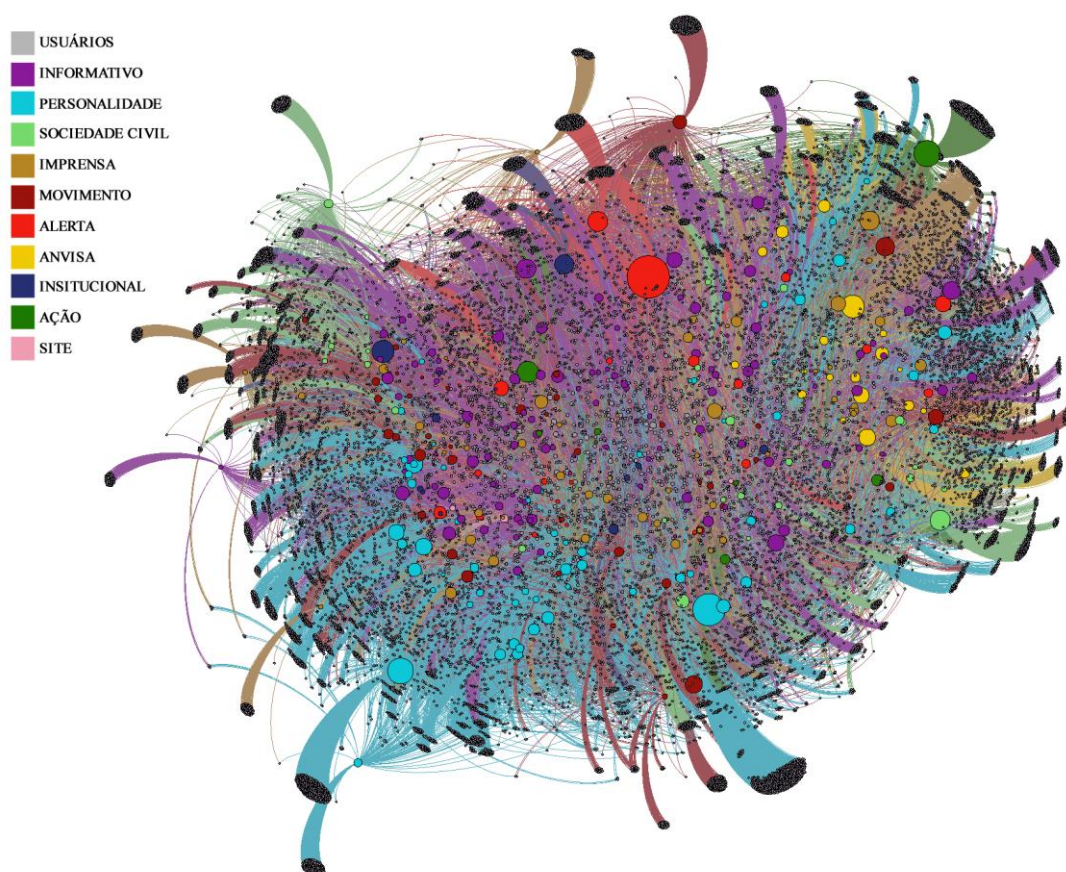
Figura 17 – Comentários da publicação da figura 16 sobre o alcance da reportagem veiculada no Jornal Hoje



Fonte: Facebook.

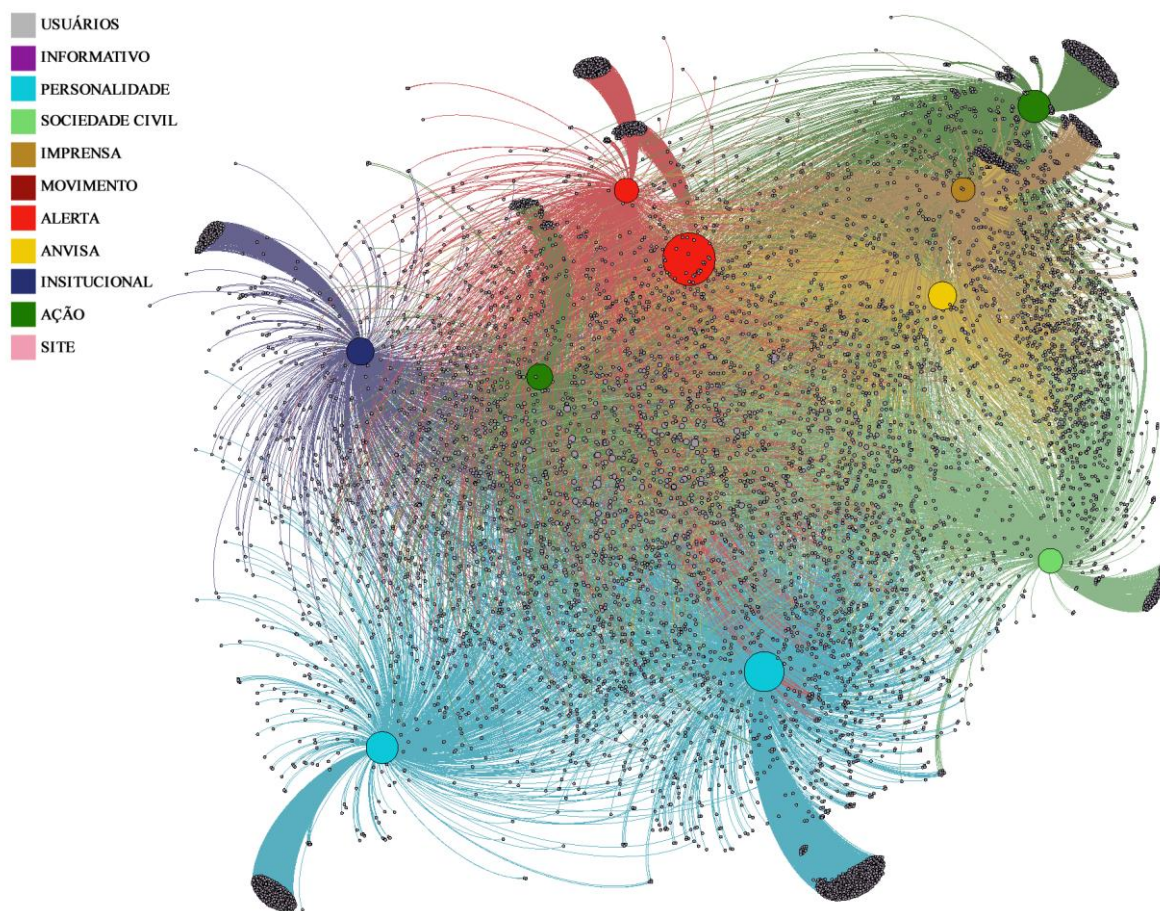
Durante os quatro meses da campanha, a ação foi ampliada com a participação de novos atores na rede. Através do Gephi, conseguimos visualizar uma rede com 24 mil nós ativos e 135 mil arestas (mapa 5). Deste total de usuários, 45,5% interagiram apenas uma vez, 16% duas vezes e 7,8% três vezes e foram responsáveis cerca de 20% dos laços da rede. Já os demais nós, 31%, produziram cerca de 80% das interações. Apenas 1.400 (6%) usuários interagiram mais de 20 vezes na *fanpage*, reforçando a percepção de que um pequeno grupo coeso manteve-se engajado no movimento durante o período. A dinâmica de interações foi semelhante ao observado nos primeiros dias da ação. Os posts mobilizaram interações de usuários dispersos independente da temática da publicação. Ao observarmos os dez posts com maior número de interações (mapa 6), fica visível os agrupamentos formados em cada publicação e a participação de nós mais centrais da rede.

Mapa 5 – Grafo da *fanpage* entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 20 de junho de 2014



As cores distinguem os posts por categoria e o tamanho dos nós é proporcional ao número de interações recebidas e/ou realizadas. Fonte: Grafo produzido pela autora.

Mapa 6 – Grafo com as 10 publicações com maior número de interações entre os dias 20 de fevereiro de 2014 e 20 de junho de 2014



As cores distinguem os posts por categoria e o tamanho dos nós é proporcional ao número de interações recebidas e/ou realizadas. Fonte: Grafo produzido pela autora.

Imprensa

O movimento Põe no Rótulo esteve presente em veículos de comunicação e portais de notícias já nas primeiras semanas da campanha. A primeira reportagem sobre a ação foi compartilhada na *fanpage* do movimento. Coordenadoras do Põe no Rótulo foram entrevistadas pela rádio CNB São Paulo⁵³, no dia 26 de fevereiro de 2014. Já no dia 28, a Agência Brasileira de Comunicação (EBC) publicou reportagem sobre o Põe no Rótulo. No mesmo dia, esta matéria foi publicada no portal de notícias UOL⁵⁴. Entre as reportagens sobre

⁵³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/10153844741665494>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

⁵⁴ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2014/02/28/campanha-pede-que-rotulos-informem-presenca-de-alergenos-nos-alimentos.htm>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

o movimento e sobre alergia alimentar, 60 publicações na *fanpage* referem-se a notícias veiculadas na imprensa durante os quatro primeiros meses do movimento (TAB. 2).

Tabela 2 – Quantidade de posts da categoria Imprensa nos primeiros quatro meses da campanha

Quantidade Matérias na <i>Fanpage</i>	
Mês	Número de Matérias
fev/14	6
mar/14	16
abr/14	15
mai/14	13
jun/14	10
TOTAL	60

Fonte: Tabela produzida pela autora.

No primeiro quadrimestre do movimento, a matéria como maior interação na página foi sobre a aprovação da proposta da Consulta Pública divulgada pelo Jornal Hoje, no dia 29 de maio de 2014⁵⁵. Conforme figura 18, o post foi produzido com uma imagem da notícia publicada no site do jornal e um texto destacando o tema no veículo de comunicação com um breve trecho da reportagem. Como observamos anteriormente, neste dia, o número de fãs da página aumentou consideravelmente com midiatização em torno da aprovação da Consulta Pública. A publicação contou com 1.141 curtidas, 72 comentários e 355 compartilhamentos. Por meio dos comentários, foi possível perceber que 19 interagentes conheceram o movimento pela reportagem, 15 comemoram a conquista e cinco criticaram a Anvisa por instaurar a Consulta Pública (figura 19). Para este último grupo, a etapa seria desnecessária, pois é evidente a necessidade da rotulagem correta.

A segunda publicação da categoria ‘Imprensa’ com maior número de engajamento refere-se ao comunicado sobre reportagem a ser exibida no programa Bem-Estar, da Rede Globo (FIG. 20). Publicada no dia 14 de maio, o post anunciava a exibição, no dia 15, da matéria sobre alergia alimentar, na qual o movimento participava. O post dava destaque à participação do movimento na reportagem com link para a chamada do programa. Além disso, uma foto da produção da reportagem com uma das coordenadoras do movimento foi vinculada ao post. A publicação contou com 802 curtidas, 55 comentários e 300 compartilhamentos. A maior parte dos comentários parabenizava o movimento pela conquista do espaço midiático e dos primeiros resultados da campanha (FIG. 21). Não é possível saber

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1435383736712411:0>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

ao certo os efeitos da reportagem para o movimento. Contudo, a partir dos dados coletados sobre o número de curtidores na página nos dias 08 e 22 de maio, percebeu-se que a *fanpage* teve um aumento de cerca de dois mil curtidas. Isto parece demonstrar que a repercussão da reportagem para atrair novos curtidores não foi significativa. Tal impressão também é perceptível nos comentários da publicação. Nenhum comentário trouxe a informação da adesão ao movimento a partir da reportagem.

A terceira publicação com maior engajamento foi publicada no dia 31 de maio. Trata-se da divulgação da reportagem produzida pela revista Crescer sobre a proposta da Anvisa de mudar as embalagens de alimentos após a campanha (FIG. 22). O texto da publicação⁵⁶ ressaltava a participação do movimento na reportagem. Ao contrário das publicações anteriores, este post não foi publicado como foto, mas sim como link. Ou seja, as administradoras divulgaram o endereço da web da reportagem e o Facebook exibiu a imagem que estava associada ao link. A publicação contou com 878 curtidas, 29 comentários e 300 compartilhamentos. Entre os comentários, 18 parabenizavam a conquista do movimento, seis ampliavam a questão para corantes, remédios e outras ações e dois perguntavam se a consulta pública estava disponível (FIG. 23). Conforme aconteceu na publicação anterior, os comentários não deixaram evidente a ampliação da rede em torno do movimento.

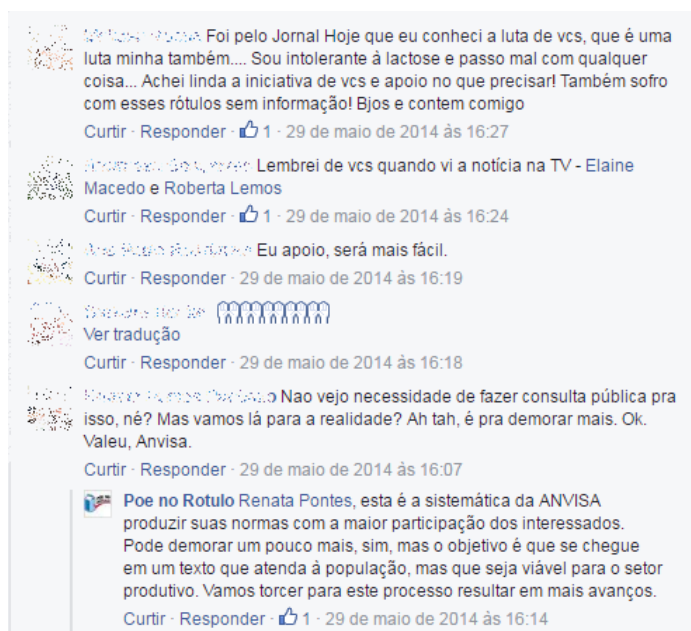
⁵⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1435757803341671>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Figura 18 – Publicação com maior número de engajamento da categoria 'Imprensa' nos primeiros quatro meses da campanha



Fonte: Facebook.

Figura 19 – Comentários da publicação da figura 18



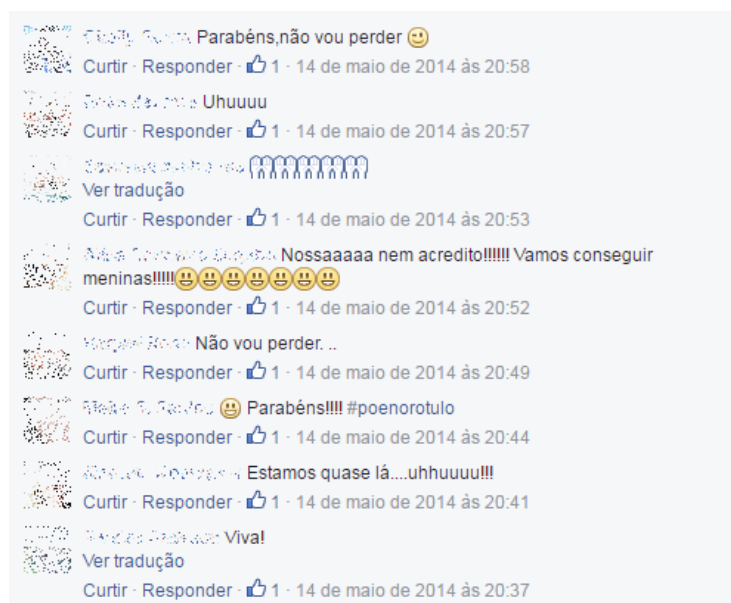
É possível observar a participação de novos usuários, além de críticas à Anvisa. Fonte: Facebook.

Figura 20 – Publicação com segundo maior número de interações da categoria 'Imprensa' nos primeiros quatro meses da campanha



Fonte: Facebook.

Figura 21 – Comentários da publicação da figura 20 parabenizando as conquistas do movimento



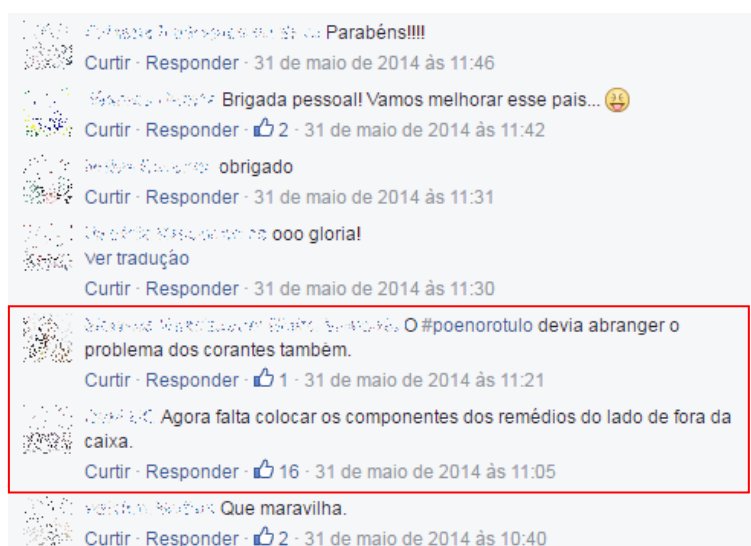
Fonte: Facebook.

Figura 22 – Publicação com terceiro maior número de interações da categoria 'Imprensa' nos primeiros quatro meses da campanha



Fonte: Facebook.

Figura 23 – Comentários da publicação da figura 22



Mensagens de apoio à conquista e sugerindo que a regulamentação de rótulos para outros produtos e componentes. Fonte: Facebook.

Percebemos um aspecto importante nas três publicações analisadas. Ambas foram pautadas em torno da proposta da Consulta Pública da Anvisa e ocorreram no mês de maio. Ao ampliarmos nossa observação para as dez publicações com mais interações da categoria ‘Imprensa’, cinco estão diretamente relacionadas à Consulta Pública e outras três foram publicadas no período que antecede a aprovação (TAB. 3). Dessas dez reportagens, cinco foram exibidas em emissoras de televisão (Globo, Record, TV Brasil), duas em jornais impressos (Folha de São Paulo e Jornal Opção), duas em portais de notícias (Revista Crescer e G1 Goiás) e uma na revista Época. A sinalização da abertura da Consulta Pública nasce após a reunião na Anvisa, nos dias 15 e 16 de abril, para discutir uma proposta de regulamentação da rotulagem de alimentos alergênicos. A agência decidiu pela aprovação da regulamentação diante do grande número de ações civis públicas e da ação de consumidores que se manifestaram sobre o tema. A advogada Cecília Cury participou da reunião representando o movimento Põe no Rótulo.

Na imprensa, a partir das informações divulgadas na *fanpage*, a primeira referência sobre o interesse de a Anvisa acelerar o processo de regulamentação da rotulagem ocorreu no dia 27 de abril, em reportagem produzida pela Folha de São Paulo⁵⁷. Já no dia 29, a aprovação da regulamentação é divulgada através das reportagens da Folha de São Paulo⁵⁸ e do O Globo⁵⁹. No entanto, nas três postagens, a informação sobre a proposta de consulta pública para a regulamentação da norma não estava disponível nos textos dos posts, nem mesmo no título das matérias veiculadas. Assim, para obter a informação, era preciso acessar os jornais. A informação sobre a Consulta Pública só foi claramente apresentada na *fanpage* no dia 21 de maio, quando foi compartilhada uma notícia do site da Anvisa sobre a proposta. Daí em diante, novas postagens fizeram menção explícita ao processo.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/04/1445380-maes-usam-redes-sociais-e-ruas-para-defender-amamentacao-dos-filhos.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

⁵⁸ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/04/1446916-maes-fazem-campanha-para-que-rotulos-destaquem-ingredientes-alergenicoss.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

⁵⁹ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/consulta-publica-em-maio-recebera-sugestoes-para-regulamentacao-de-alimentos-alergenicoss-12333183>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

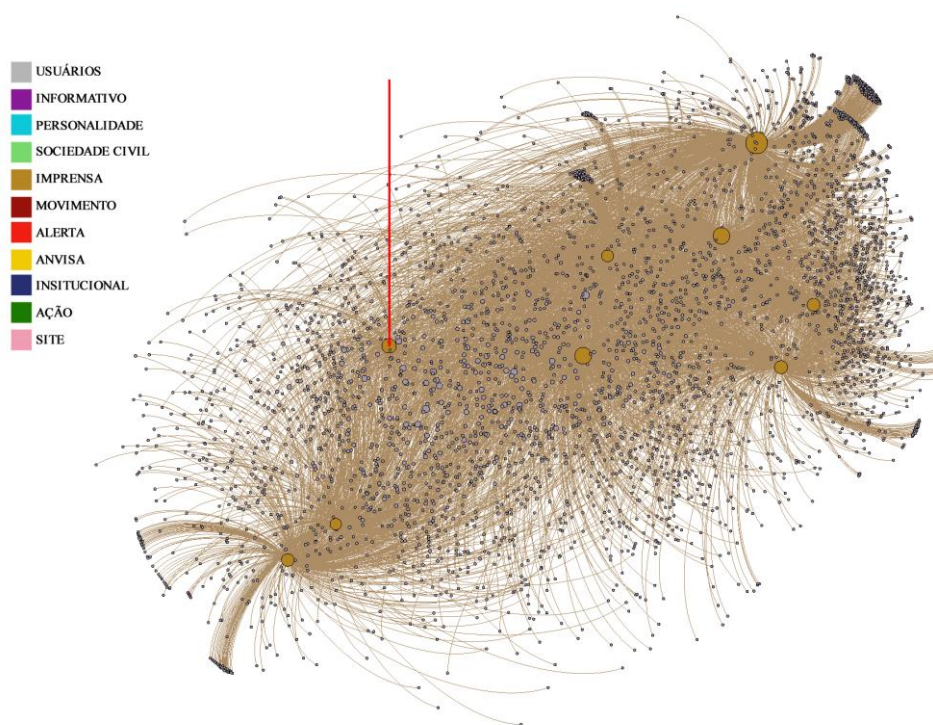
Tabela 3 – Dez publicações com maior número de interações da categoria ‘Imprensa’ nos primeiros quatro meses da campanha

DATA	VEÍCULO	TEMA	INTERAÇÕES
30/03/2014	Jornal da Record (TV/Record)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar	839
08/04/2014	Época (Revista)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar	1022
28/04/2014	G1 Goiás (Portal/G1)	Alergia alimentar	772
14/05/2014	Bem-Estar (TV/Globo)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar	1182
15/05/2014	Bem-Estar (TV/Globo)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar	755
22/05/2014	Folha de SP (Jornal)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar, consulta pública	764
29/05/2014	Jornal Hoje (TV/Globo)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar, aprovação da consulta pública	1594
31/05/2014	Revista Crescer (Portal)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar, aprovação da consulta pública	1172
08/06/2014	Sem Censura (TV/TV Brasil)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar, aprovação da consulta pública	853
09/06/2014	Jornal Opção (Jornal)	Põe no Rótulo, rotulagem, alergia alimentar, aprovação da consulta pública	820

Fonte: Tabela produzida pela autora.

Apesar do alto número de interações, das dez publicações citadas acima, apenas quatro postagens alcançaram mais de mil interações no primeiro quadrimestre. Não fica claro quais fatores determinam o engajamento nas postagens. Contudo, como evidencia a repercussão da matéria veiculada no Jornal Hoje (FIG. 18), a divulgação do movimento na mídia tradicional ampliou a rede em torno da campanha. Este espalhamento midiático (JENKINS, FORD, GREEN, 2013) ocorreu desde os primeiros dias do Põe no Rótulo e manteve-se constante no período. Certamente, associados a outros fatores, a exposição do movimento em veículos de comunicação tradicionais reforçou a imagem da campanha e amplificou sua visibilidade. Como vemos na mapa 7, as publicações da categoria imprensa receberam interações de nós diversificados da rede. Boa parte das publicações com maior número de engajamento foi dinamizada por redes de usuários que não estavam envolvidos na questão da alergia alimentar. Neste grafo, apenas uma publicação foge a esta tendência. Trata-se da publicação sobre a participação do movimento no programa Bem Estar. Como vimos na figura 20, o post mostra uma das coordenadoras do movimento sendo entrevistada pela equipe de reportagem do programa. Acreditamos que a publicação atingiu uma rede de usuários mais engajados no movimento na medida em que associou a imagem de uma representante do movimento ao programa de televisão importante. A observação deste fator oferece indícios para compreender porque depois da exibição do programa não houve um aumento significativo de curtidas na página. Tudo indica que o programa, assim como a publicação, mobilizou uma rede que já fazia parte do movimento.

Mapa 7 – Rede em torno dos dez posts com maior número de interação no primeiro quadrimestre da campanha



A seta indica a publicação sobre a reportagem exibida no programa Bem Estar. Percebe-se que uma rede de usuários mais engajados participou das interações nesta publicação. Fonte: Grafo produzido pela autora.

Anvisa

Um dado intrigante é que, apesar de uma das frentes de sensibilização e cobrança para regulamentação da rotulagem ser a Anvisa, só no dia 21 maio é que a agência é citada no texto de um post. Isto significa que as primeiras 338 publicações da página não faziam referência direta ao órgão. Até então, apenas uma foto na frente da sede da agência, que exibia a placa da instituição, remetia ao órgão. A publicação⁶⁰ tratava da primeira reunião sobre rotulagem de alergênicos promovida pela Anvisa, no dia 15 de abril, na qual o movimento Põe no Rótulo participou (FIG. 24). Além disso, dos 7.418 comentários realizados nos quatro primeiros meses da campanha, a palavra Anvisa apareceu apenas 37 vezes. Só no dia 13 de maio, o Põe no Rótulo citou a agência em um comentário, chegando a seis menções nos quatro primeiros meses. Em todo o período da pesquisa, a Anvisa foi citada 126 vezes nos comentários, sendo 36 menções realizadas pelo Põe no Rótulo.

⁶⁰ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/poenorotulo/photos/a.1408757802708338.1073741828.1408421726075279/1423358984581553/?type=3>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Entre os dias 21 de maio e 20 de junho, dezoito publicações da página mencionaram diretamente a Anvisa. Como visto, o período contempla duas ações importantes do órgão para o movimento: a aprovação da proposta da consulta pública (29/05) e a abertura da Consulta Pública (16/06). Assim, todos os posts publicados no período estavam relacionados à Consulta Pública. As três publicações da categoria com maior número de interações ocorrem exatamente nos dias-chave do processo da abertura da Consulta Pública. As duas postagens com maior engajamento ocorreram no dia 09 de junho, quando foi oficializada a abertura da consulta no Diário Oficial. Neste dia, as duas postagens sobre o assunto conquistaram juntas mais de 3 mil interações (FIG. 25 e 26)⁶¹. A maior parte dos comentários parabeniza o movimento pela conquista. Apenas quatro dos 107 comentários reivindicavam a inclusão de outras informações nos rótulos. Já no dia 16, o anúncio da abertura da consulta conquistou 1.244 interações⁶². Nesta publicação, boa parte dos 47 comentários fazia referência à participação na consulta, seja confirmando a participação, seja tirando dúvidas (FIG. 27).

Figura 24 – Publicação da *fanpage* que indica que as coordenadoras do movimento estão debatendo a questão da rotulagem com a Anvisa



No texto do post, a agência não é citada. Apesar de encoberta, a placa na foto indica que o debate é com a Anvisa. Fonte: Facebook.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1438490713068380:0>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1438466856404099:0>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

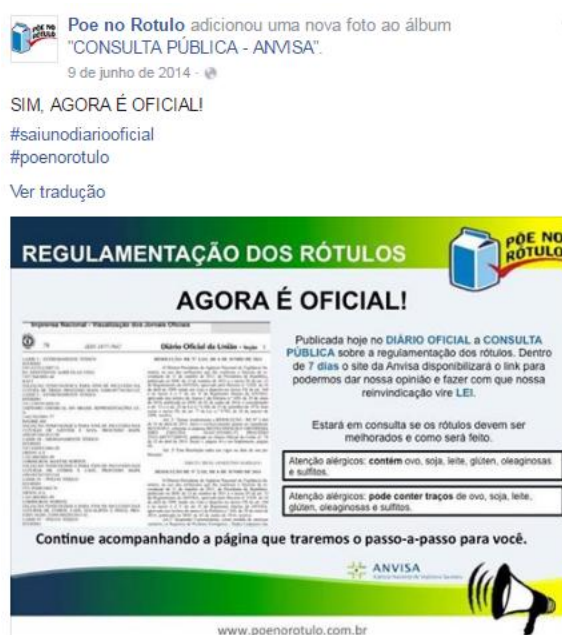
⁶² Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1440762079507910:0>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

Figura 25 – Primeira publicação da *fanpage* que cita diretamente a Anvisa no texto do post



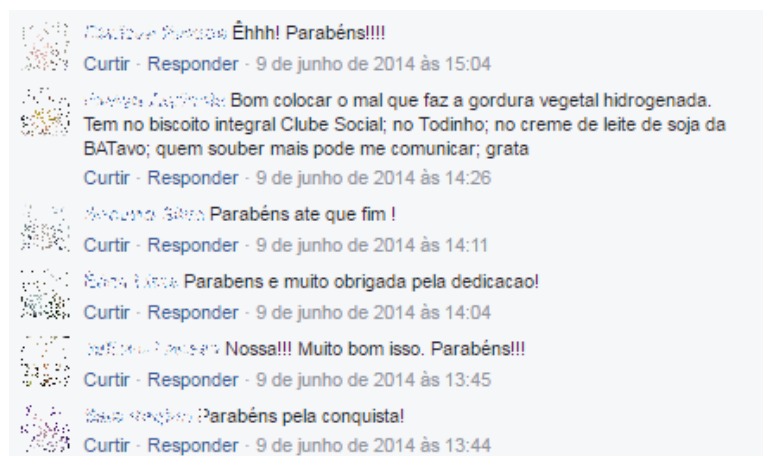
Fonte: Facebook.

Figura 26 – Publicação com maior número de interações da categoria 'Anvisa' nos dezesseis meses pesquisados



O post contou com o total de 1.859 interações. Fonte: Facebook.

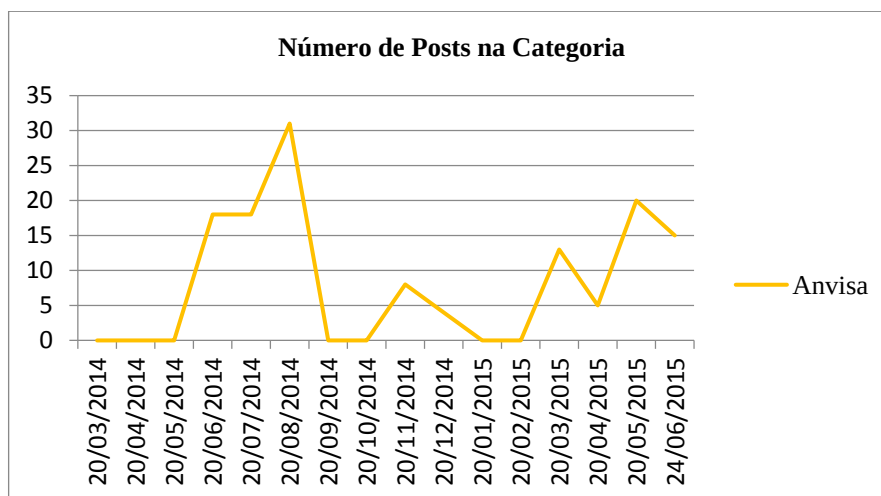
Figura 27 – Comentário da figura 26 parabenizado a abertura da consulta pública sobre a regulamentação dos rótulos



Fonte: Facebook.

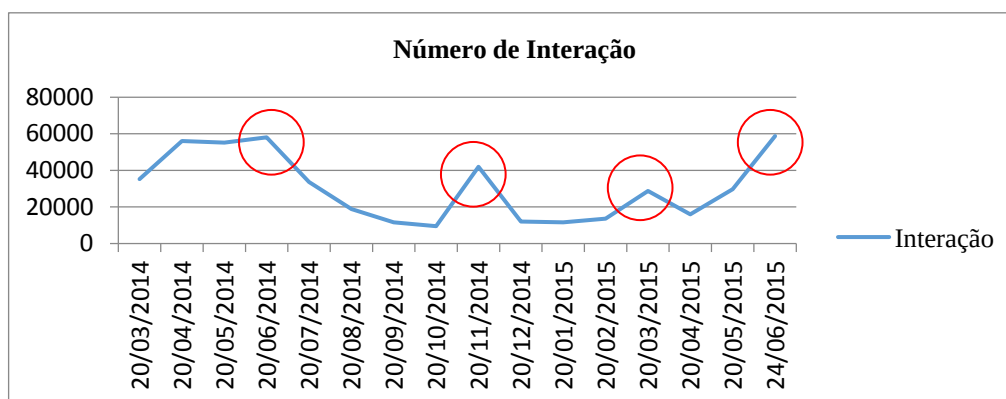
Durante os dezesseis meses que contemplam o início da ação e da aprovação da norma de rotulagem, a Anvisa foi um ator importante para o movimento. Como observamos nos gráficos abaixo (GRAF. 8 e 9), o tema dinamizou significativamente as interações a partir de maio de 2014. Até junho de 2015, foram publicados 132 posts relacionados ao tema com mais de 50 mil interações. Quando comparamos o gráfico dos posts da categoria ‘Anvisa’ ao gráfico do número total de interações na página, observamos que alguns picos de interação refletiram dinâmicas interligadas a ações da Anvisa. O primeiro ocorre em maio e junho de 2014, durante o processo de aprovação e de abertura da Consulta Pública. A ação da Anvisa precipitou uma série de debates sobre a questão da alergia alimentar que foram refletidas na *fanpage* através de publicações sobre as conquistas do movimento, reportagens sobre alergia e a ação da agência. A mesma dinâmica ocorreu entre março e junho de 2015, período em torno da Audiência Pública e da aprovação da norma de rotulagem.

Gráfico 8 – Número de post da categoria ‘Anvisa’ durante os primeiros 16 meses da campanha



Fonte: Gráfico produzido pela autora.

Gráfico 9 – Número de interações na *fanpage* durante os primeiros 16 meses da campanha



Os círculos vermelhos apontam picos de interação associados às postagens da categoria Anvisa. Fonte: Gráfico produzido pela autora.

4.2.4.3 Quarto quadrimestre da ação

No último quadrimestre pesquisado, entre os dias 20 de fevereiro a 24 de junho de 2015, as três publicações com maior engajamento na *fanpage* estão relacionadas à categoria ‘Ação’ e ‘Imprensa’. Todas as três publicações conquistaram o maior número de interação nos 16 meses analisados. Em ‘Ação’, duas publicações realizadas no dia 24 de junho sobre a aprovação da norma de rotulagem mobilizaram o maior número de interações. No primeiro post⁶³, as coordenadoras do movimento ressaltavam a emoção com a aprovação da proposta e agradeceram o apoio de todos os envolvidos no processo (FIG. 28). A publicação obteve

⁶³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1585249458392504:0>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

3.287 curtidas, 528 comentários e 2.030 compartilhamentos. O segundo post⁶⁴ contou com uma foto com parte das coordenadoras do movimento em frente da sede da Anvisa, em Brasília (FIG. 30). Novamente, o texto trazia um agradecimento às pessoas que participaram do movimento durante os 16 meses da campanha. E, além de ressaltar a aprovação da norma, lembrava que a equipe iria continuar acompanhando o processo de implementação da regulamentação. A publicação teve 3.248 curtidas, 389 comentários e 1.125 compartilhamentos. Nos comentários, inúmeras mensagens de agradecimento pela ação desenvolvida em benefício de todas as pessoas alérgicas (FIG. 31 e 33). Estas duas publicações foram as mais comentadas durante todo o período da campanha. A primeira publicação produziu o maior número de conversas entre os usuários da página e suas administradoras. Dos 528 comentários, 126 foram respostas da equipe da página agradecendo as mensagens. A terceira publicação com maior número de engajamento no 4º quadrimestre estava relacionada à divulgação do programa Globo Repórter sobre alergia (FIG. 32). O post informava que o programa seria exibido no dia seguinte e que o Põe no Rótulo participava da reportagem. A publicação contou com 3.346 curtidas, 260 comentários e 1.116 compartilhamentos. A maior parte dos comentários foi realizada durante a exibição do programa (FIG. 33). Os usuários comentaram que estava assistindo e gostando do programa. Além disso, marcaram amigos para divulgar a reportagem.

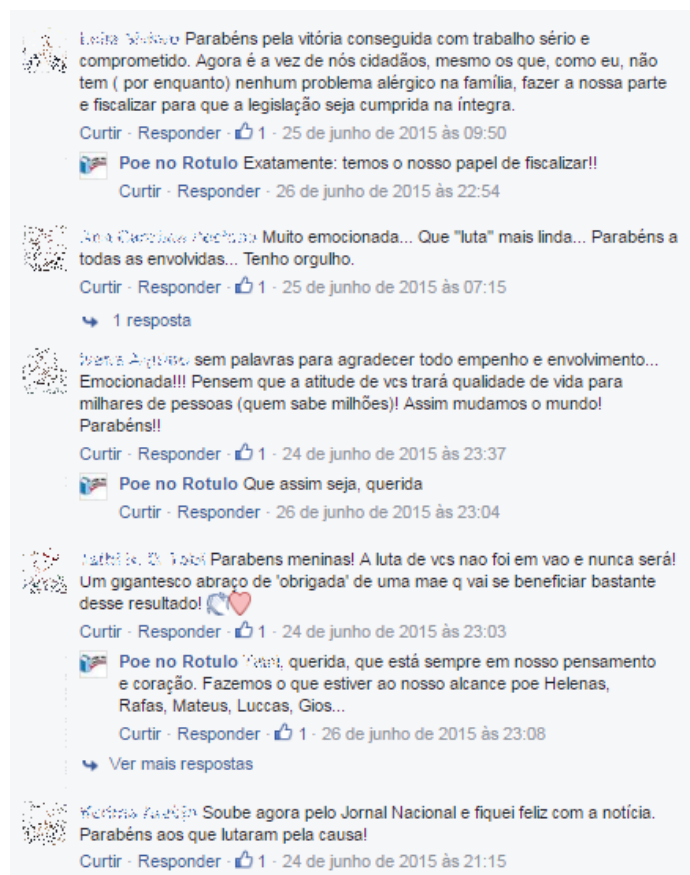
Figura 28 – Publicação com maior número de interações no 4º quadrimestre e durante os primeiros 16 meses da campanha



Fonte: Facebook.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1585261325057984:0>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

Figura 29 – Comentários da figura 28 com mensagens de agradecimento ao movimento



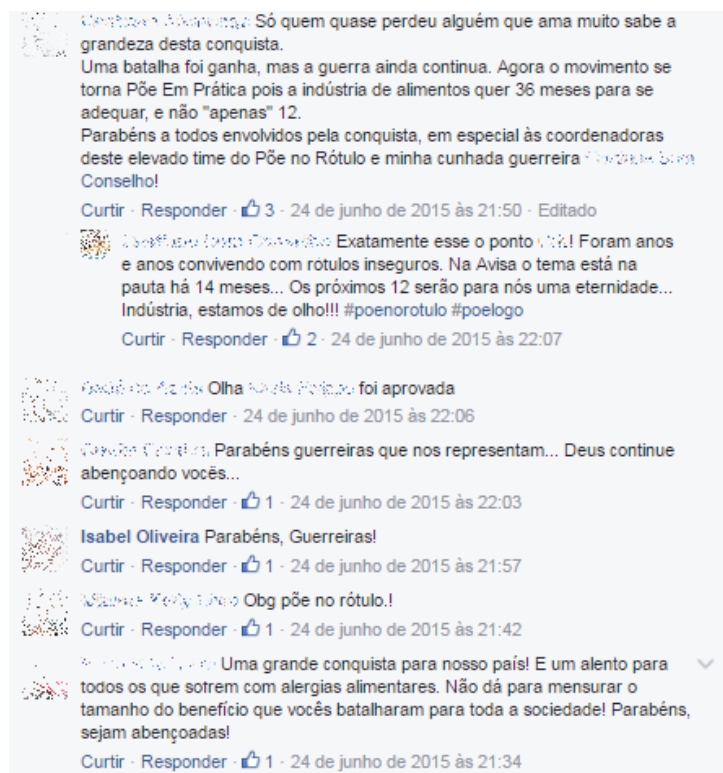
Fonte: Facebook.

Figura 30 – Publicação com segundo maior número de interações no 4o quadrimestre e durante os primeiros 16 meses da campanha



Fonte: Facebook.

Figura 31 – Comentários da figura 30 com mensagens de agradecimento ao movimento



Fonte: Facebook.

Figura 32 – Publicação com terceiro maior número de interações no 4o quadrimestre e durante os primeiros 16 meses da campanha



Fonte: Facebook.

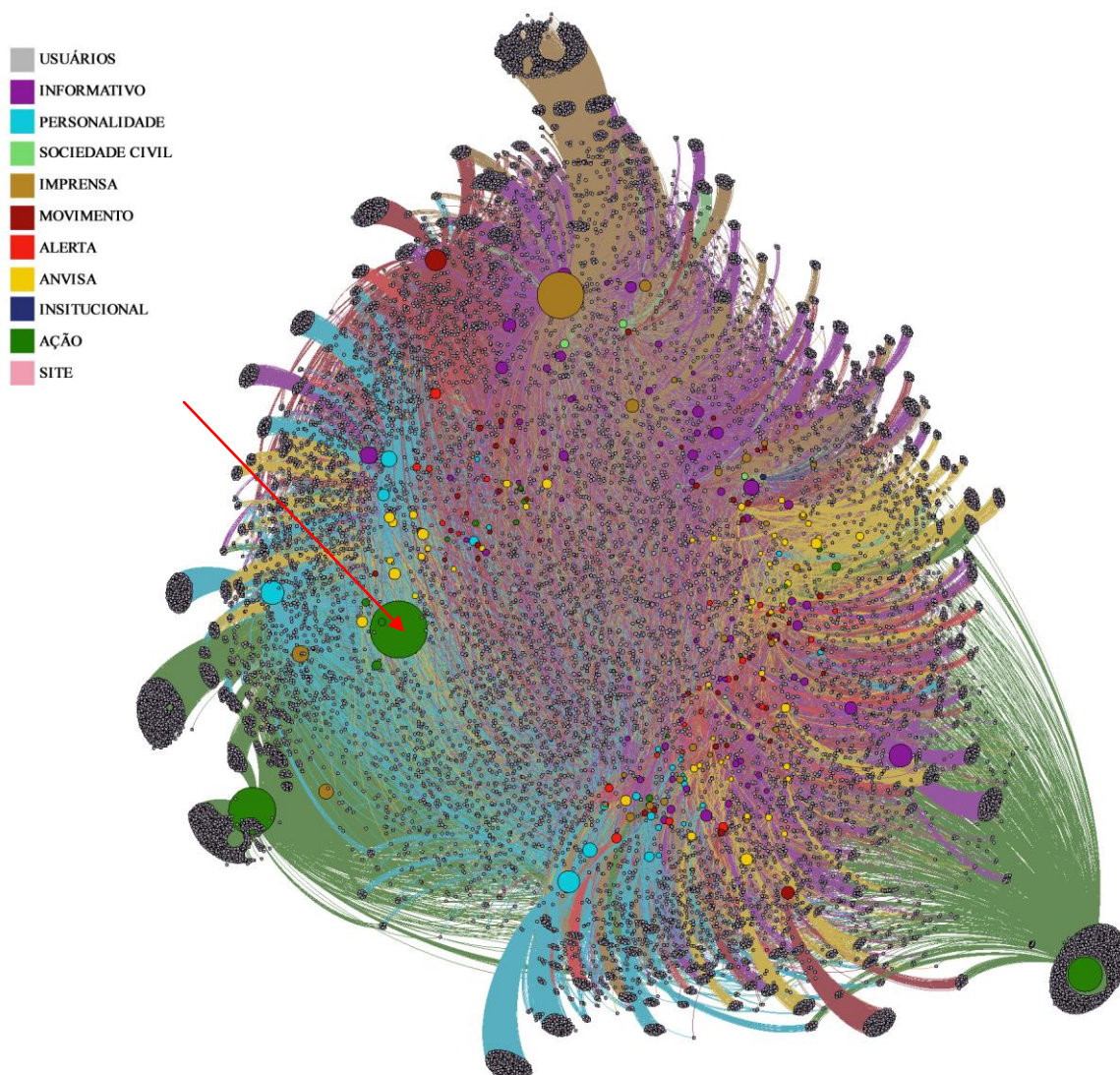
Figura 33 – Comentários da figura 32 durante a exibição do programa na televisão



Fonte: Facebook.

A visualização da rede no período de 20 de fevereiro de 2015 a 24 de junho de 2015 nos mostra um grafo com quase 12 mil nós e 94 mil arestas (mapa 8). Ao compararmos com o número de nós do 1º quadrimestre, é possível perceber que o número de usuários ativos na *fanpage* caiu pela metade no 4º quadrimestre. Do total de usuários ativos, 53,3% interagiu apenas uma vez, 15,2% duas vezes e 7,1% três vezes e foram responsáveis por 24% das interações da rede. Já o restante dos usuários, 24,4%, produziu cerca de 70% das interações. O número de usuário engajados na *fanpage* também diminuiu. Novecentos usuários interagiram mais de 20 vezes na rede produzida pela *fanpage*, enquanto no 1º quadrimestre foi 1.400. De maneira semelhante aos períodos anteriores, a maior parte dos post mobilizou uma rede de usuários específica, especialmente àqueles com maior engajamento. A publicação referente à aprovação da norma – e com maior número de interações – conquistou adesão tanto da comunidade mais coesa quanto de nós mais dispersos, como podemos observar no mapa 8.

Mapa 8 – Grafo da fanpage entre os dias 20 de fevereiro de 2015 e 24 de junho de 2015



As cores distinguem os posts por categoria e o tamanho dos nós é proporcional ao número de interações recebidas e/ou realizadas. A seta indica o post com maior engajamento no período. Fonte: Grafo produzido pela autora.

4.2.4.4 Comentários

Durante os 16 meses analisados, a página contou com o total de 17.828 comentários realizados por 6.952 usuários, o que representa menos de 7% dos fãs da página e 14% dos usuários ativos. O maior número de comentários nos posts foi realizado pelo perfil administrativo da *fanpage*. No período pesquisado, foram realizados 1.372 comentários pelo Põe no Rótulo. Além disso, contabilizamos mais 388 comentários feitos por sete das nove

coordenadoras da ação⁶⁵. Assim, o número de comentários realizados pelas coordenadoras do movimento representa cerca de 10% dos comentários totais da página. Dos usuários que comentaram, 64% realizam a ação apenas uma vez. Só 176 fãs interagiram mais de 10 vezes por meio de comentários. Entre as dez interagentes que mais comentaram na *fanpage*, três são coordenadoras do movimento, seis são mães de crianças com alergia alimentar e uma é avó de criança alérgica⁶⁶. Todas já participavam da ação desde os primeiros dois meses. A tabela 4 mostra uma síntese dos perfis que mais comentaram na *fanpage*.

Tabela 4 – Usuárias que s mais comentaram na *fanpage* do Põe no Rótulo entre 20 de fevereiro de 2014 e 24 de junho de 2015

Quem	Total Comentários	Data 1o Comentário	Vínculo
Usuária 7359	115	25/02/2014	avó de criança com alergia alimentar, mãe de coordenadora do movimento.
Usuária 4f6d	113	08/04/2014	coordenadora do movimento.
Usuária 1eb8	99	14/04/2014	<i>fanpage</i> de mãe de criança com alergia alimentar.
Usuária 9de3	93	21/02/2014	coordenadora do movimento.
Usuária e6f2	78	21/02/2014	coordenadora do movimento.
Usuária 6bcc	76	25/02/2014	mãe de criança com alergia alimentar.
Usuária efdff	74	21/02/2014	mãe de criança com alergia alimentar.
Usuária 0501	70	22/02/2014	mãe de criança com alergia alimentar.
Usuária 25b7	69	03/04/2014	mãe de criança com alergia alimentar.
Usuária 6c42	67	27/02/2014	mãe de criança com alergia alimentar.

Fonte: Tabela produzida pela autora.

Nos comentários produzidos na página, encontramos mensagens com os mais diversos objetivos. Boa parte das mensagens é curta e simples. Parabenizam a campanha, as conquistas, os apoios, os esclarecimentos prestados na *fanpage*. Já outros comentários aprofundam-se no compartilhamento de experiências do cotidiano de crianças com alergia alimentar. A partir do comentário, um novo tema ganha força e a interação ultrapassa o assunto proposto no post. Uma nova rede é dinamizada através dos comentários. Se uma dúvida surge, quem pode ajudar, responde. Assim, a página aglutina novas vozes que nem sempre estão em consonância com as perspectivas das coordenadoras, revelando que a ação não está no controle das administradoras da página (FIG. 34).

⁶⁵ Como o Netvizz codifica os usuários da *fanpage*, a identificação das coordenadoras ocorreu com a localização do perfil da coordenadora em um comentário na *fanpage*. A partir da localização do perfil, conseguimos relacionar o perfil ao código gerado pelo Netvizz e, assim, identificar os demais comentários realizados. Não conseguimos localizar duas coordenadoras por este método.

⁶⁶ A identificação dos perfis foi realizada de modo semelhante a localização das coordenadoras, como comentado na nota de rodapé 61.

Figura 34 – Post de alerta sobre os riscos para saúde da mamadeira oferecida nos berçários das maternidades⁶⁷



Fonte: Facebook.

Apesar de a campanha reunir pessoas em torno da questão da rotulagem de alimentos com alergênicos, alguns comentários evidenciaram críticas à forma que as coordenadoras alertavam sobre rótulos inadequados. A figura 35 mostra uma publicação de alerta sobre a mudança do rótulo de um creme vegetal⁶⁸. A maior parte dos comentários trazia considerações sobre qual era a marca do produto, já que na postagem o nome do produto não é divulgado. Nos comentários algumas pessoas citaram as possíveis marcas e outras criticaram diretamente a página pela omissão da informação (FIG. 36). A escolha de não

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1429733060610812:0>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1450209505229834:0>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

Figura 36 – Comentários da publicação da Figura 35

 **Carla Maria da Silva** Eu também sempre usei pro meu filho...e outro dia li que tinha leite...achei estranho, confuso...um absurdo...será que dá pra confiar na becel???

Curtir · Responder · 1 · 15 de julho de 2014 às 21:21 · Editado

 **Elaine Cristina** Becel tem traços eles compartilham maquinário

Curtir · Responder · 1 · 15 de julho de 2014 às 21:19

 **Carla Maria da Silva** se for a becel, já entrei em contato no final do ano e me falaram que não tinha, mas agora se for isso que está, é uma absurdo

Curtir · Responder · 15 de julho de 2014 às 21:10

[Ver todas as 2 respostas](#)

 **Marlene** Qual é a marca?

Curtir · Responder · 15 de julho de 2014 às 21:14

 **Neilton Vilma Marques Cavalcanti** não é becel - essa não tem leite mesmo, a foto é a dorian light da Seara

Curtir · Responder · 2 · 15 de julho de 2014 às 21:13

 **Elaine Cristina** nossa que absurdo

Curtir · Responder · 15 de julho de 2014 às 21:09

 **Carla Maria da Silva** Põe no Rótulo, sinceramente, não entendo esta insistência em dizer : "A idéia da campanha é blablablabla". Vocês já falaram isso mil vezes aqui e provavelmente vão falar a 1001a vez logo após meu comentário. TODO MUNDO JÁ ENTENDEU O OBJETIVO DA PÁGINA. Agora vamos ao que interessa - Vocês querem ou não ajudar aos alérgicos???? Sabendo que se a Becel é o único creme vegetal que não continha leite, deveria ser do interesse de vcs alertar a todos a mudança na fórmula !! Se a página se recusar a falar a marca do creme vegetal eu vou descurtir a campanha. Todo mundo que compra Becel não lê os rótulos cada vez que compra o produto porque acredita que não contém leite. Então se vocês têm esta informação o não compartilhamento da mesma é quase tão grave quanto os fabricantes que não informam no rótulo - isto é - a falta de informação.

Curtir · Responder · 34 · 15 de julho de 2014 às 23:34 · Editado

 **Poe no Rotulo** Obrigada, não precisamos nem dizer que estamos ajudando os alérgicos. O avanço da campanha em tão pouco tempo é resultado de muito esforço. Lamentamos caso você decida descurtir a campanha, desperdiçando o valor do que já foi feito em detrimento de uma conduta. No momento atual da relação fabricante-consumidor, infelizmente é necessário ler o rótulo e ligar para os SACs sempre.

Curtir · Responder · 7 · 16 de julho de 2014 às 00:13 · Editado

 **Carla Maria da Silva** Quem compra alimento sem ler o rótulo está correndo este risco da foto 😞 para isso mudar para melhor nos mões de alérgicos devemos apoiar a campanha! E até não ter rótulo, não confiar!

Curtir · Responder · 3 · 16 de julho de 2014 às 09:28

 **Poe no Rotulo** E ainda: o objetivo da campanha é salientar a importância do rótulo. Não podemos dizer nem afirmar, em nome de indústria alguma, que esta ou aquela marca é segura. Para isso deveriam os SACs das indústrias, e por isso a consulta pública - que está à disposição de qualquer pessoa até o dia 18 de agosto é tão importante.

Curtir · Responder · 5 · 16 de julho de 2014 às 10:15

 **Carla Maria da Silva** Puxa, desculpe, não compreendi o teor da campanha. Não sou mãe de alérgico, mas apoio esta campanha, desde que conheci uma querida do meu coração, *Carla Maria da Silva*, com o seu filhinho alérgico. E ela sempre, sempre, sempre lê os rótulos, SEMPRE liga pro SAC, e na casa dela todos são conscientes, mas, mesmo assim ela, cuidadosa e amorosamente, enche a casa de lembretes.

Fonte: Facebook.

Figura 37 – Publicação de alerta sobre o risco de traços de leite em fermento sem indicar a marca do produto

 **Poe no Rotulo** adicionou uma nova foto ao álbum "RÓTULOS".
15 de junho de 2015 · 🌐

UMA PITADA DE OMISSÃO

Tão logo recebemos o diagnóstico de alergia a leite do nosso filho, o médico diz: "mãe, você precisa ler o rótulo com atenção". Alguns mais bem preparados ainda entregam uma lista enorme com "sinônimos" de leite para ficarmos caçando ali no rótulo.

Já no mercado, se vemos um produto que indica que pode conter traços de leite, concluímos que é um produto que não podemos comprar.

Mas e esse outro, que nada fala sobre risco de traços, seria seguro? Apesar de parecer que sim, ele, na verdade, pode conter traços de leite e essa informação não está no rótulo! Pior é que, muitas vezes, descobrimos isso da pior maneira possível.

Inadmissível, especialmente porque o SAC deste produto informa há anos que pode conter traços de leite, ou seja, não é questão de ainda ter que mapear a linha de produção!

Se a empresa tem esta informação, por que não está no rótulo?

#poenorotulo #poelogo #poenapauta #responsabilidadesocial #segurançaalimentar #direitoainformação



QUAL É A DIFERENÇA ENTRE ESSES FERMENTOS?



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 229 Principais comentários

56 compartilhamentos 15 comentários

Escreva um comentário...

 **Diagnóstico errado** Pq aqui na página não é falado as marcas ? Acho que sinceramente as empresas só vão tomar providências qdo virar lei até lá o boicote a essas marcas seria ótimo, famílias e parentes de pessoas alérgicas fariam uma diferença no saldo dessas empresas.
Curtir · Responder · 👍 14 · 15 de junho de 2015 às 15:08

 **Uma Rotulagem** Como a Elisângela Santos, não tenho ideia do motivo pelo qual vocês não divulgam as marcas. Se é uma informação pública e verídica, não deviam temer qualquer represália. O anonimato das marcas só favorece às empresas que desrespeitam os direitos de informação dos consumidores.
Curtir · Responder · 👍 9 · 15 de junho de 2015 às 18:47

 **Falei para o SAC** Fácil! Basta ligar no SAC!
Eu já coloquei o alerta na minha página após entrar em contato com dois SACs. Fleishman, não havia qualquer informação no rótulo e o SAC disse que era processado em maquinário que processa produtos com leite. Ou seja TRAÇOS
... Ver mais

Nos comentários, algumas mensagens evidenciam o incomodo pelo fato de o nome da marca não ser citado na publicação⁶⁹. Fonte: Facebook.

⁶⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poenorotulo/posts/1578444625739654:0>>. Acesso em: 15 de mai. 2016.

Diante das críticas, algumas interagentes assumem o papel de defender a postura adotada pelas coordenadoras da *fanpage*, lembrando o quanto é importante ler os rótulos e ligar para os SACs. Afinal, quem possui alergia alimentar severa não pode correr o risco de consumir o produto com o alergênico. Ao citar a marca ou produto, a página estaria autorizando ou impedindo o consumo do produto. No entanto, até a adaptação dos rótulos à norma de rotulagem, não há segurança no consumo de produtos industrializados. Assim, a conduta das coordenadoras é de não divulgar os nomes dos produtos. Apesar dos conflitos em torno da divulgação das marca, a página manteve as publicações denunciando rótulos inadequados, sugerindo que as pessoas deveriam consultar o SAC das empresas e participar de grupos fechados sobre a temática no Facebook para conseguir indicações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação das interações produzidas na *fanpage* do movimento Põe no Rótulo revelou aspectos importantes em torno do movimento. Há tempos questões sobre a rotulagem de alimentos são discutidas por diversos setores da sociedade e por famílias de crianças com alergia alimentar nas redes sociais digitais. Contudo, a ação net-ativista Põe no Rótulo conseguiu romper barreiras ao ponto de impactar toda a cadeia de produção e de importação de alimentos no Brasil, após a aprovação da norma para rotulagem de alergênicos. Desde o dia 03 de julho de 2016, todos os rótulos de alimentos devem trazer informações sobre ingredientes alergênicos utilizados na composição do produto.

Retomemos a questão que norteia esta pesquisa: como podemos compreender o modo como as interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes digitais produziram a ação net-ativista do movimento “Põe no Rótulo”? Um primeiro ponto que podemos destacar é que o Põe no Rótulo revela a potência do sentir e agir comum. O movimento reflete um novo tipo de ação e de interação dinamizados pela materialidade digital, capaz de agregar um social híbrido e heterogêneo em rede. Na medida em que a problemática da rotulagem de alimentos é externalizada nas redes sociais digitais abre-se um campo para sua propagação. Assim, ao romper os limites dos grupos de discussão fechados, a questão da rotulagem se torna comum e capaz de fomentar conexões diversas.

Os benefícios das interações em grupos fechados é inegável. Estes espaços favorecem o compartilhamento de experiências, troca de informações, construindo o sentir comum e o empoderamento. No entanto, algumas demandas só conquistam força quando se libertam desses ambientes fechados e percorrem os diversos circuitos digitais. Como visto, não é possível supor *a priori* o desenvolvimento de uma ação net-ativista. Por estar subordinada às dinâmicas das redes – imprevisibilidade, não-linearidade, auto-organização, realimentação, entre outros –, a ação revela-se durante o desenvolvimento do fenômeno. Dessa forma, as ações net-ativistas exibem características particulares e seguem percursos indeterminados.

Enquanto ato, a perspectiva da ação em rede supera a ideia do agir direcionado ao externo, a partir de motivações subjetivas, e do agir condicionado por fatores externos. O net-ativismo é, assim, resultado de ações e interações produzidas por sujeitos, tecnologias, mídias, territórios e não está rigidamente condicionado às táticas de seus idealizadores. A partir desta ótica, podemos interpretar o nascimento do movimento Põe no Rótulo para além de uma estratégia elaborada por um grupo de mães. Quando colocamos a ação em perspectiva, é possível reconhecer a rede de actantes que dinamizaram o movimento – mães, crianças,

alimentos, alergia, Anvisa, indústria alimentícia, rótulos, redes digitais, dispositivos móveis, computadores, sociedade, imprensa, informações. Todos esses atores participaram direta ou indiretamente do movimento. O movimento nasce da interação destes atores que produziram colaborativamente a dinâmica relacional da ação. O reconhecimento deste cenário revela a impossibilidade de controlar os efeitos do movimento Põe no Rótulo. Assim, a ação net-ativista é incerteza e imprevisibilidade.

A partir da análise do movimento Põe no Rótulo, foi possível reconhecer que o grupo de mães elaborou estratégias para sensibilizar a sociedade sobre a questão da rotulagem de alimentos, contudo a concepção de net-ativismo que norteia este trabalho entende que a ação em rede não está submetida exclusivamente ao agir do grupo. Por esta ótica, uma nova questão é suscitada: até que ponto as interações e as ações fomentadas pelo movimento Põe no Rótulo contribuíram para a aprovação da norma de rotulagem de alergênicos? Conforme observado na análise da campanha, ações para promover o debate sobre a rotulagem de alimentos foram iniciadas pelo grupo de mães antes mesmo do movimento Põe no Rótulo eclodir. Reuniões na Câmara Federal e na Anvisa já estavam agendadas. O grupo de mães possuía uma demanda definida: exigir informações claras e precisas nos rótulos de alimentos. Assim, sensibilizar a sociedade através das redes sociais digitais era um dos importantes passos para alcançar a regulamentação. Neste ponto é preciso considerar a heterogeneidade do movimento. Na medida em que a questão da rotulagem foi fortalecida pelas interações em redes digitais, as ações produzidas pelo grupo conquistaram legitimidade e urgência.

Enquanto ação net-ativista, o Põe no Rótulo não estava condicionado à aprovação da norma para alcançar êxito. Seu mérito é evidenciado na capacidade de conectar diversos atores que, de modo colaborativo, agem em torno de um interesse comum. O Põe no Rótulo poderia ter vários percursos e desfechos a depender das dinâmicas interacionais produzidas na rede. A imprevisibilidade é ponto chave da ação. Contudo, a observação em retrospectiva, nos revela o importante papel das coordenadoras da campanha e da Anvisa para o processo de aprovação da norma.

Se evidenciar os riscos sofridos pela população alérgica pela falta de informações claras e precisas nos rótulos de alimentos contribuiu para sensibilizar os mais diversos segmentos sociais para questão da rotulagem, assim como a própria Anvisa, a regulamentação da norma exigiu outros esforços. Já nos primeiros dias da campanha, a Anvisa assumiu a responsabilidade de discutir as demandas fomentadas pelo movimento. Em menos de dois meses do início da campanha, as coordenadoras do movimento participaram da primeira reunião com o órgão decorrente do movimento. A agência reconheceu a demanda e iniciou o

processo necessário para analisar a possível regulamentação da norma. Neste momento, além da pressão social, o embasamento jurídico e informacional, assim como destaque sobre os riscos da falta de informações nos rótulos, contribuíram para questão ser prioridade no órgão. A Consulta Pública sobre o tema obteve 3.500 participações, maior quantidade já registrada na Anvisa. Este dado revela como a rede fomentada pelo movimento engajou-se no processo de regulamentação da norma.

Como visto no capítulo da análise, durante os primeiros dezesseis meses, a *fanpage* conseguiu fomentar discussões sobre a questão da alergia alimentar e mobilizar a sociedade para refletir e agir sobre o tema. Após os primeiros dias da ação, as coordenadoras realizaram um esforço direto para conquistar o apoio de personalidades públicas para a campanha. A intenção era dar mais visibilidade e legitimidade à ação. No entanto, em certo ponto, esse processo ocorreu naturalmente sem a necessidade de uma ação direta e objetiva. Na medida em que a ação se espalhava nas redes digitais, o apoio surgia espontaneamente. Contudo, é imprescindível destacar o papel de personalidades, assim como das reportagens na imprensa, para a ação. Esses dois segmentos atuaram como importantes pontes para propagar a campanha. Do mesmo modo, a partir de informações relevantes divulgadas na página e de seu compartilhamento pela rede de fãs, novas conexões foram estabelecidas. Na medida em que as informações postadas na *fanpage* produziam interações, seja através de curtidas, comentários ou compartilhamentos, novas redes eram acionadas, fortalecendo ainda mais a ação.

A rede que emergiu em torno do movimento trouxe força e legitimidade para a ação. É complicado supor os possíveis caminhos que a ação poderia ter se não tivesse conquistado tal engajamento. Do mesmo modo, é difícil imaginar os desdobramentos caso não houvesse um grupo mais coeso ocupado em direcionar as questões comuns em torno da ação. A ambiência fluida, efêmera, volátil das redes digitais organiza o comum partilhado através de trajetórias que escapam da previsibilidade. Isto porque, para as redes, não há certo nem errado, adequado ou inadequado, o que não implica que as redes estejam livres de tudo aquilo que assola a vida – desigualdades, preconceitos, fobias, exploração, entre outros. Muito pelo contrário. Estas questões também estão presentes. Mas, uma vez que nas redes digitais circula tudo aquilo que é digitalizado, as interações produzidas nesta ambiência são resultados de conexões disputadas entre inúmeros actantes. Nelas, humanos e não humanos são convidados (provocados, exigidos) a interagir mutuamente.

Assim, podemos compreender as redes digitais como potenciais espaços democráticos na medida em que elas oferecem um campo de ação e interação indiscriminado a todos que nela habitam. Contudo, ao passo que este campo é habitado e modificado através de processos interacionais, a ambiência adapta-se às dinâmicas produzidas pelos atores e suas conexões. Assim, é possível que a rede se revele hierárquica e desigual. No entanto, considerando a complexidade das redes, e no nosso caso, das redes digitais, o cenário ora desigual é apenas a fixação de um ponto de vista específico da rede. Tal percepção não objetiva negar a importância das questões caras à humanidade. Na verdade, o entendimento da dinâmica das redes revela a necessidade de voltarmos à atenção para além de nós mesmos e dos nossos interesses particulares. Enquanto participantes desta rede, temos responsabilidade sobre tudo aquilo que nela ocorre.

A ação net-ativista do Põe no Rótulo revela a possibilidade de transformar o sofrimento de uma minoria em força de ação através da conexão em redes digitais. Se a ação em rede é resultado de interações entre diversos actantes e ocorre de modo imprevisível e incerto, seria possível compreender como a comunicação organiza o comum compartilhado? Acreditamos esta pesquisa ofereceu algumas pistas para responder tal questão, mas, para investigar a complexidade comunicativa, é importante aprofundar os estudos ora discutidos e adentrar por outros caminhos ainda não percorridos, para apreender como o comum é agregado por um social híbrido nas ações net-ativistas. Uma tarefa que exige uma epistemologia da comunicação capaz de problematizar a interação entre humanos e não humanos.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Thales de. O pensamento sociológico de Max Weber. In: LEMOS FILHO, A.; BARSALINI, G.; VEDOVATO, L.R.; MELLIM FILHO, O. (Org.). **Sociologia Geral e do Direito**. 6. ed. Campinas: Alínea, 2008.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.
- ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. Tradução Sérgio Bath. 5.ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- ÁVILA, Raul A. Ativismo. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas-MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1987.
- BARABÁSI, Albert-László. **Linked: A nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BORGES JUNIOR, Eli. **Tecnodionysos: tecnologias digitais e ação em rede na cena contemporânea**. 2014. 389 f. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias** [online]. 2008, n.19, pp. 302-321.
- CALLON, M; MATTEDI, M. A.M., GRISOTTI, M., SPIESS, M.R., BENNERTZ, R. A coperformance das ciências e da sociedade - Entrevista com Michel Callon. **Política & Sociedade** [online]. n. 14, p. 3830-406, 2009.
- CAPRA, Frijof. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p.
- CATUOGNO, Carlos Miguel; FONTÁN, Nidia M., **Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas-MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1987.
- CAVALCANTE, Gustavo Vasconcellos. **Ciência das Redes: Aspectos Epistemológicos**. 2009. 153 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CHADDAD, Maria Cecília Cury. **Direito à informação: proteção dos direitos à saúde e à alimentação da população com alergia alimentar**. 2013. 201 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução e prefácio de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

KERCKHOVE, Derrick. **A Pele da Cultura**: Investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, Massimo. As formas digitais do social e os novos dinamismos da sociabilidade contemporânea. In: KUNSCH, M e KUNSCH, W. (Org.). **Relações públicas comunitárias**: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora. São Paulo: Summus Editorial, 2007, pp.29-44.

_____. **Paisagens pós-urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura** (on-line). Salvador, v. 11, n. 02, p. 267-283, 2013a. Disponível: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/8235/6497>. Acesso em: 01 nov. 2014.

_____. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. **Revista Matrizes**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 49-71. 2013b.

_____. Net-ativismo. De uma política antropocêntrica para uma lógica virtual plural. **IHU On-Line**. 2013c. Disponível: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/526102-de-uma-politica-antropocentrica-para-uma-logica-virtual-plural-entrevista-especial-com-massimo-di-felice>> Acesso em: 06 jun. 2014.

_____. Pensamento em rede. Net-ativismo e lógica conectiva nas configurações da pós-política. **IHU On-Line**. 2014a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/531419-pensamento-em-rede-net-ativismo-e-logica-cognitiva-nas-configuracoes-da-pos-politica-entrevista-especial-com-massimo-di-felice>> Acesso em: 06 nov. 2014.

_____. Direitos não humanos. **IHU On-Line**. 2014b. Disponível em: <<http://ihu.unisinos.br/noticias/534639-direitos-nao-humanos>> Acesso em: 06 nov. 2014.

_____. Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In: DI FELICE, Massimo (org). **Do público para as redes**: A comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008. (Coleção era digital; v. 1). 1 ed. p. 17-61.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Juliana Culoto; YANAZE, Leandro Key Higuchi. **Redes digitais e sustentabilidade**: as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves. 3a edição, São Paulo: Martins Fontes, 2007 [orig. fr. 1895].

ERÖS, J. S., Agitação. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas-MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1987.

FERREIRA, Eduardo Guerra Murad. **Diálogo Social**: a comunicação na construção dos relacionamentos das organizações com as comunidades vizinhas: o caso Ampla. 2011. 363 f.

Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FLEURY, Lorena Cândido; ALMEIDA, Jalcione; PREMEBIDA, Adriano. **O ambiente como questão sociológica**: conflitos ambientais em perspectiva. *Sociologias* [online]. 2014, vol.16, n.35, pp. 34-82. ISSN 1517-4522.

FREIRE, Letícia Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Revista Comum**. vol. 11, n. 26. Rio de Janeiro: FACHA, 2006.

GARMENDIA, José A. Ação Direta. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas-MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1987.

GERBAUDO, Paolo. (2016). **Rousing the Facebook Crowd**: Digital Enthusiasm and Emotional Contagion in the 2011 Protests in Egypt and Spain. In *International Journal of Communication*, 10, 254–273. Los Angeles: USC Annenberg Press. 2016. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/3963>> Acesso em: 06 fev. 2016.

GIANASTACIO, Vanderlei. O sufixo-ismo na história das gramáticas da língua portuguesa e sua produção lexical. In: LIMA-HERNANDES, M.C.; MARÇALO, M.J.; MICHELETTI, G.; ROSSI, V.L. (Org.). **A Língua Portuguesa no Mundo** - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH USP, 2008, v. 2, CD-ROM.

GRANOVETTER, Mark. **The strength of weak ties**. *American Journal of Sociology*. Chicago, Illinois, v. 6, p. 1360- 1380, 1973.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. Vol 1. Tradução Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na Era do Império. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HERNÁNDEZ, Antonio Arellano. La sociología de las ciencias y de las técnicas de Michel Callon y Bruno Latour. In: **Cuadernos Digitales**: Publicación Electrónica en Historia, Archivística y Estudios Sociales. Novembro 2003, vol 8, no.23. Disponível em: <<http://historia.fcs.ucr.ac.cr/cuadernos/c-23his.htm>> Acesso em: 03 abri. 2015.

JORDAN, Tim. **Act Activism!**: Direct Action, Hacktivism and the future of society activism!. London: Reaktion Books, 2002.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo**, n. 14/15, p. 1-382, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50121/54239> > Acesso em: 10 mai. 2015.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na Era da Informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

LUKES, Steven. Bases para a interpretação de Durkheim. In: Cohn, Gabriel (org.). **Para Ler os Clássicos**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1977.

MARX, Karl. **Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política**, on-line. 1859. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli>>. Acesso em: 9 jan. 2015.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutemberg**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARQUES, Eduardo Cesar. **Redes sociais e poder no Estado brasileiro**: aprendizados a partir de políticas urbanas. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 21, n. 60, p. 15-41, Feb. 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 fev 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**. Universidade Estadual de Londrina. v. 12, n. 1, p.46-63, 15 dez. 2007. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2007v12n1espp46>.

MARTINHO, Cássio. **Redes**: Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

MORAES, Márcia Oliveira. O conceito de rede na filosofia mestiça. **Revista Informare**, vol. 6, nº 1, p.12-20, 2000.

_____. **Alianças para uma psicologia em ação**: sobre a noção de rede. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/Ato2003/MarciaMoraes.htm>> Acesso em: 03 abri. 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NERY, Maria Clara Ramos. Sociologia: a ciência da crise. In: TESKE, O. (Org.). **Sociologia: Textos e contextos**. 2. ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

NEVES, Bráulio de Brito Neves. Máquinas retóricas livres do documentário ciberativista. **Revista Digital de Cinema Documentário**, São Paulo/Portugal, 2010. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/index08.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

OGBURN, W. F.; NIMKOFF, M. F. Acomodação e Assimilação. In: CARDOSO, F. H. e IANNI, O. (org.) **Homem e Sociedade: Leituras Básicas de Sociologia Geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

OLIVEIRA, Richard Romeiro. Tempo dos deuses, tempo dos homens: mito e história no político de Platão. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 44, n. 107, p. 39-50, June 2003 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2003000100004>. Acesso em 01 fev. 2015.

PAIVA, Claudio Cardoso. **Hermes no Ciberespaço**. Uma interpretação da comunicação e cultura na era digital. João Pessoa: Editora da UFB, 2013.

PEREIRA, Vinicius Andrade. **Estendendo McLuhan**: da aldeia à teia global – comunicação, memória e tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PERINE, Marcelo. Tempo do mundo e tempo da ação no político de Platão. **Revista do Centro de Estudos da Antiguidade – Hypnos**, São Paulo, ano 11, n 17, p. 41-56, 2006a.

_____. As implicações éticas da cosmologia de Platão. Revista **IHU Online**. São Leopoldo, 2006b. Disponível em: <http://migre.me/p7TYB>. Acesso em 01 fev. 2015.

PINENT, Carlos Eduardo da Cunha. Sobre os mundos de Habermas e sua ação comunicativa. In. **Revista da ADPPUCRS**, n 5, p. 49-56: Porto Alegre, 2004.

PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 8-9, Aug. 1995. Disponível em: <http://migre.me/p7U0R>. Acesso em: 09 fev. 2015.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um Toque de Clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAINIE, Lee; WELLMAN, Barry. **Networked: the new social operating system**. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 2012.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. IN: **ACM WEB CONFERENCE**, 5, 213. Paris. Proceedings... New York, ACM, 2013. p 346-355.

RIEDER, B.; WOLTERING, Robbert; ABDULLA, Rasha; POELL, Thomas; ZACK, Liesbeth. **A Page and Its Politics**: Situating Kullinā Khālid Saʿīd in Egypt's Ideological Landscape at the Time of Revolution. *CyberOrient*, 2015. Disponível: < <http://www.cyberorient.net/article.do?articleId=9694>> Acesso em: 06 fev. 2016.

RIOS, José Arthur. Ação Social. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas-MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1987.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013a.

_____. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex. **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013b. p. 33-48.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SIEBENEICHLER, Fabio Benó. Razão comunicativa e técnicas de comunicação e informação em rede. In: GÓMEZ, Maria Nélida González de; LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de (Org.). **Informação e Democracia: a reflexão contemporânea da ética e da política**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2010. p. 9-29.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

STENGERS, Isabelle. **Cosmopolitics I**. Minneapolis, USA: Minnesota University Press, 2010.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema Deleuze e Guattari. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 59-70, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TÓTH, Edit. **From Activism To Kietism: Moderist Spaces I** Hugaria Art, 1918-1930. 2010. 344. Tese de Doutorado em História da Arte, The Pennsylvania State University, Pensilvânia, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, n 19, pp. 258-273 (3), 2010. Disponível em: <<http://www.medialab.sciences-po.fr/publications/diving-in-magma-how-to-explore-controversies-with-actor-network-theory/>> Acesso em: 05 jul. 2015.

_____. Building on fault: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, n. 21, pp. 796-812, 2012. Disponível em: <http://www.medialab.sciences-po.fr/publications/Venturini-Building_on_Faults.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2015.

WATTS, Duncan. **Seis graus de separação: a evolução da ciência de redes em uma era conectada**. São Paulo: Leopardo, 2009.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

ZASLAVSKY, Alexandre. **Conversando a gente se entende?** Sugestões para uma proposta escolar de formação da competência ético-discursiva: um estudo de caso. 2003. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.